

REVISTA

— DO —

Instituto Geographico e Historico DA BAHIA

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 119 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In praesens, validusque in ventens stimulus.

1904

ANNO XI

VOL. XI

N. 30



BAHIA

Typographia BAHIANA, de C. Melchiades
25 — Rua do Arsenal de Marinha — 25

1905

REVISTA

DO

Instituto Geographico e Historico da Bahia

Anno XI

1904

Num. 30

MEMORIA HISTORICA

Sobre a Proclamação da Republica na Bahia (*)

I

A PROPAGANDA

HAVIA sido tão dura a repressão da revolta republicana de 1837, tinha sido, após esse periodo, durante todo o 2.º reinado, tão astutamente corruptora e habil a politica do Imperio, que parecia morta, a não ser um outro pequeno rebento, a arvore da Republica Brasileira aqui na Bahia até cerca de 1888.

Não era, porém, completamente secca a planta nem extincta toda a vida. Havia propriamente torpor e para os velhos que ainda se lembravam de 1837, reminiscencias atemorisadoras e amargas. Um ou outro cidadão professava principios republicanos como os Drs. Frederico Lisboa e Henrique Alvares dos Santos que publicaram, o primeiro o pequeno periodico *Horizonte*, e o segundo o *Santelmo*; estes jornaes sahiram e viveram algum

(*) Memoria lida na sessão magna do Instituto de 3 de Maio de 1904, pelo Orador Dr. Braz de Amaral.

tempo mas ninguem os lia, além de um pequenissimo circulo de crentes e entusiastas talvez. Os moços falavam tambem na Republica enquanto cursavam as aulas; em regra geral, porém, depois disto alistavam-se nas fileiras de um dos dois partidos dominantes e eram arrastados por elles.

O impulso dado pelo manifesto de 1870 esmorecera de todo e havia concorrido poderosamente para isto a penitencia dos arrependidos, feita pelos seus signatarios que haviam acceitado logares nos conselhos da corôa e haviam preferido as vantagens das posições sociaes e seus proventos á gloria um tanto secca das perseguições.

Após o manifesto de 1870 houve um movimento republicano nas Provincias que repercutiu aqui na Bahia, onde se fundou um club.

Este club funcionou primeiro em uma casa da antiga rua Direita de Palacio, actual rua Chile, esquina da travessa chamada de Maria Pires e depois transferiu as suas sessões para a rua da Lama, onde hoje é o n. 24. Delle faziam parte: Mathias Tavares da Gama, ourives-gravador, que presidia ás sessões; Frederico Lisbôa, orador e poeta, homem de talento e coração destinado ainda a ser um dos caracteres mais adamantinos pela pureza immaculada do seu proceder na campanha abolicionista; Julio Gama, filho do primeiro e então estudante de medicina, assim como Aquino Fonseca; o Dr. Henrique Alvares dos Santos, o capitalista Fróes, o agente de negocios Lycurgo Moscoso, o bacharel Teixeira Soares e o artista Sulpicio de Lima e Camara, que deviam pertencer, 27 annos depois, ao club de 1888; D. Carlos Balthazar da Silveira, Alipio Pinto, Cassiano Hypolito, Alfredo Montanha, Cesar Moniz, Dr. Antonio Spinola de Athayde, Lellis Piedade, então estudante de pharmacia, Eduardo Carigé Barauna, Pamphilo da Santa Cruz, que a revolução de 1889

devia vir encontrar tão dedicado á monarchia e outros.

Este club foi inaugurado em 21 de Abril de 1876, sendo presidente da provincia o sr. desembargador Henrique Pereira de Lucena, o qual mandou uma força de cavallaria de linha percorrer as immedições da casa enquanto que uma outra força de infantaria de policia cercou o edificio, obrigando alguns socios a fugirem pelo fundo. O club, porém, apesar de ter chegado a apresentar candidatos ás eleições da cidade em 1876, desappareceu em resultado da indifferença do publico e da perseguição das autoridades, o que se comprehende, attendendo a que, pelas leis do Imperio, as sociedades não se podiam considerar organizadas nem tinham existencia juridica sem que fossem antes os seus estatutos approvados pelo governo; ora, como, naturalmente, os republicanos não iam submeter os seus estatutos á approvação dos representantes do poder imperial, acontecia que este podia considerar o club da rua da Lama como não existente legalmente, apenas sociedade secreta ou união sediciosa, da qual não admittia reclamações.

O peridioco *Tribuna* representou por algum tempo a propaganda sob as inspirações de Frederico Lisboa, Aquino Fonseca, Lellis e Carigé em artigos assignados—*Alma de Tiradentes*, mas isso depois desapareceu, e os numeros que encontrei, de 1877 em deante, não podem mais pretender este nobre papel, porque alguns artigos de tendencias republicanas são misturados a pasquins, allusões pessoaes e grosseiras, linguagem insultuosa e torpe, e tudo o mais que revela a degradação de uma gazeta.

A massa da nação até 1889 não estava no caso de discutir e escolher uma fôrma de governo, pois, só para o fim do Imperio começava a comprehender o jogo da monarchia representativa.

Ainda, porém, a machina funcionava mal e só após 10 annos de applicação recta da lei eleitoral do sr. Saraiva é que ella chegaria talvez á posse da sua consciencia politica. Foi nestas circumstancias que por um processo todo revolucionario se fez a abolição do elemento servil, medida aliás altamente nobre e humanitaria, acima de todos os elogios, mas que pelo modo precipitado e imprudente pelo qual foi realizada atirou o paiz ao caminho de graves aventuras.

Previra-o o espirito superior do atilado estadista, que arrostarta o delirio do triumpho abolicionista na prophesia que o senado ouviu dos seus labios de vencido. A victoria da opinião publica na questão, após uma curta e brilhante campanha legal que pôde servir de medida de como nós estavamos adeantando em materia deprehendimentos pelo systema da democracia representativa, não podia deixar de abalar profundamente entre os prejudicados, que constituíam a classe dos agricultores, grandes possuidores do sólo, que foi sempre a mais dedicada á monarchia constitucional, o respeito pelas leis do Imperio e o acatamento pelas pessoas dos imperantes. Sentira-o de certo Pedro II, e não se comprehendem de outro modo as suas longas hesitações nesta questão, elle tão naturalmente altruista, e tão inclinado ás medidas ou reformas que exaltassem aqui e no estrangeiro a sua reputação de rei moderno e progressista, e não se pôde deixar de admittir, reflectindo na precipitação da lei de 13 de Maio, que ella foi principalmente para a regencia um meio de popularizar-se, preparando com esplendido prenuncio o terceiro reinado contra o qual havia muitas prevenções no paiz, e que vinha proximo. Causas multiplas tinham enfraquecido o governo e dois factos, acima de quaesquer outros, o provam bem: a incapacidade manifesta da autoridade e do poder

judiciario para julgar o assassinato de um individuo, feito na rua, em pleno dia, porque o crime fôra commettido por militares; e as tergiversações, fraquezas e evidente impotencia do governo na chamada questão militar, ainda amargurada e humilhada assim como todo o prestigio da ordem no paiz, pelo triste incidente de que foi protagonista um official de marinha reformado e cuja prisão, effectuada pela policia em condições taes que muitas dellas todos os dias se fazem, foi pretexto para um desses estardalhaços arrogantes, que só se vêem nas localidades dominadas pelo estrangeiro despotico, a quem as disposições do direito commum não attingem.

Conhecia bem todos estes indicios de grave molestia politica o poderoso demolidor que no *Diario de Noticias* abalava, como Sansão, as columnas do templo, que assignara o voto em separado no congresso liberal e accentuava a sua attitudo de guerra sem treguas no dia seguinte áquelle em que subia ao poder a situação liberal, pelo gabinete 7 de Junho, presidido pelo visconde de Ouro Preto.,

Foi nesses dias que se fez ao Norte a viagem do conde d'Eu, como uma especie de apresentação do futuro principe consorte. Acompanhou-o no mesmo vapor costeiro, em uma especie de *steeple-chase* politica, o propagandista republicano Silva Jardim. Das duas imprudencias devia resultar aqui na Bahia lamentavel intercurrência.

As idéas republicanas entorpecidas haviam sido aqui acordadas por um grupo de moços, quasi todos estudantes de medicina e sulistas.

Das republicas, moradas de estudantes, de Landulpho Machado, mais tarde deputado federal por Minas, de Carlos Affonso, fallecido depois tão prematuramente, de Leandro Brandão, a que se aggregaram o alagoano Virgilio de Lemos, o bahiano

Cosme Moreira e outros, foi que nasceu a resolução de se fundar um club republicano federal, á semelhança dos que se estavam a organizar rapidamente no sul, após a extincção do elemento servil, principalmente em S. Paulo, Minas e Rio.

O club foi fundado em 24 de Maio de 1888 e inaugurado em 10 de Junho do mesmo anno, na sala das sessões do Gremio Litterario.

O povo, a imprensa e as autoridades foram de todo indifferentes a este club perfeitamente innocente e impotente para alterar a ordem das coisas. Das pessoas interessadas nos partidos monarchicos só uma appareceu no acto da inauguração,—o Dr. Manoel Victorino. Ou porque fossem estudantes os organizadores do club, ou mais poderosamente ainda pelo pendor do seu genio que se inclinava a tudo que sahia do meio banal em que vivia e que era novo.

Fizeram-se naturalmente discursos em que coisas do presente e principalmente o partido liberal, herdeiro das tradições adeantadas da geração anterior e que tão mal as conservava, não foram muito bem tratados.

O Dr. Manuel Victorino então tomou a palavra para defender o partido no qual militava ha pouco, em que fazia as suas primeiras armas a este tempo, nas columnas do *Diario da Bahia* e atacou a propaganda republicana por desnecessaria e inopportuna.

A' fundação do club republicano federal correspondeu um movimento geral de propaganda bem accentuada no interior da Provincia, o que indica perdurarem sentimentos republicanos que só careciam de um centro de energia e acção, ou se írem elles formando com rapidez á proporção que se divulgava a futura ordem de coisas como o unico remedio radical ás queixas do paiz e ao mal-estar que todos sentiam. Homens dedi-

cados e de iniciativa, como os Drs. Virgílio Damasio e Deocleciano Ramos, ambos professores da Faculdade de Medicina, ou respeitáveis pela idade e tradições como os Drs. José Antonio de Freitas e Manuel Teixeira Soares se juntaram por convicções ao novo club e trataram de dar uma organização politica aos elementos existentes na Provincia.

Foi assim que, em sessões do club de 5, 11, 17 e 29 de Dezembro de 1888, o Dr. Deocleciano Ramos propoz que se fundasse um partido politico, o qual publicou o seu primeiro manifesto em 12 de Janeiro de 1889, tendo já sido eleito um conselho federal provisório, composto dos Drs. Teixeira Soares, presidente, Virgílio Damasio, vice-presidente, Deocleciano Ramos, 1º secretario, Cosme Moreira, 2º secretario, sendo vogaes Virgílio de Lemos e Teixeira da Cunha.

Assim é que, tambem logo em 18 de Novembro de 1888 o Dr. Glycerio Velloso funda o club republicano de Santo Antonio da Barra o qual, no seu programma promette oppor-se ao terceiro reinado, e declara adherir ao manifesto de 1870.

Eguals organizações se reproduzem em Cruz das Almas e Aratuhye, onde o Dr. João Martins da Silva agiu no mesmo sentido.

Já antes da fundação do club da capital se inaugurara um na cidade dos Lençóes, do qual foi a influencia directriz o Dr. Julio da Gama, um dos filiados á antiga sociedade da rua da Lama e agora medico clinico na zona das Lavras, onde tinha numerosas relações e amigos.

Este club dos Lençóes publicou, já em Março de 1888, um manifesto, antes, portanto, da organização do club da capital, e outro em Julho de 1889, ambos assignados pelo Dr. Julio da Gama, Victorico Leal, Cornelio de Carvalho e Garcia Sobral.

No Rosario do Orobó tambem se organizou outra

associação republicana, cujo chefe foi o capitão da guarda-nacional Liberino. Na proxima cidade da Cachoeira havia um grupo de partidarios da nova causa, mas não se poudé fundar a associação publicamente, porque no dia em que se reuniram diversos cidadãos convocados pelos srs. M. Adeodato e Pamponet numa casa em S. Felix, foi esta assaltada por individuos armados, o que tornou impossivel a constituição da sociedade politica.

Em Bom Jesus dos Meiras tambem se fundou um club republicano cujo organizador foi o sr. Tiberio Meira.

O partido convocou um congresso que se reuniu em 26 de Maio de 1889, tomando parte os representantes do directorio do club dos Lenções, do centro republicano da Cachoeira, do da Purificação dos Campos, de Aratuhype, de Santo Antonio da Barra, e de Bom Jesus dos Meiras.

Este congresso, por proposta de Deocleciano Ramos, adoptou uma bandeira para o partido, que é a actual bandeira do Estado, formada de 4 listas horizontaes brancas e vermelhas, alternando-se estas côres com a azul, para lembrarem ellas a revolução de 93; no angulo superior e interno um quadrangulo azul, o qual leva no centro um triangulo branco, lembrando a bandeira dos inconfidentes mineiros.

A disposição em listas foi feita para uniformizar com a bandeira dos Estados-Unidos da America do Norte.

No interior da provincia, em Novembro de 1889, existiam centros republicanos em Bom Jesus dos Meiras, Andarahy, Lenções, Riachão de Utin-ga, Orobó, Curralinho, Aldeia, Santo Antonio da Barra, Cruz das Almas, Cachoeira, Purificação dos Campos, Feira de Sant'Anna, além de adhesões importantes em Caetité, Cannavieiras, Barra do Rio de Contas, Jacobina, Alagoinhas, Amargosa,

Ilheus, S. Sebastião de Caetité, S. João, Riacho de Sant'Anna, Poções e outros pontos.

Em Villa-Nova formara-se um club que trabalhava com actividade e do qual faziam parte entre outros os srs. engenheiros Alexandre Góes, Austriiliano de Carvalho e Sousa Carneiro.

A propaganda, pois, se fazia e marchava mesmo accelerada. Si não constituíam ainda os republicanos uma forte aggregração politica não tardaria muito que isso se dêsse, porque não só a questão abolicionista enfraquecera muito o poder, como era innegavel a corrupção dos partidos que compunham as forças politicas arregimentadas do Imperio.

Eram quasi todos homens novos, instruidos ou que procuravam instruir-se: medicos, advogados, estudantes, negociantes do centro, agricultores, gente que se afastava dos partidos do Imperio por convicções, pela repugnancia que as tramoias e meios de opposição empregados por elles faziam nascer nos espiritos rectos, revoltados pelas injustiças e fraquezas que viam, sem interesses pessoaes de pescar nas aguas turvas de um dominio que se afigurava longinquo como um sonho, em geral gente honrada, sem defeccões, deshonnas ou indignidades no seu passado; os seus nomes acima citados, são disto as melhores provas.

No seio do novo partido formavam-se já duas correntes; uns mais soffregos e ardentes que desejavam uma revolução, a qual derrubaria a Monarchia e toda a ordem de cousas existente, porque só assim seria possivel um governo capaz para dirigir as forças da nação: outros, mais moderados, que acreditavam na evolução, querendo a propaganda lenta e confiando que a Republica viesse e se firmasse pela educação das classes, pela emenda, *sponle sua*, dos partidos monarchicos, e dos homens pela sua propria regeneração.

A' frente do primeiro estavam sempre os Srs.

Deocleciano Ramos e Cosme Moreira, a alma da segunda era o Sr. Virgílio de Lemos.

A *Republica Federal*, que fôra a principio organ do club, sob a redacção dos Srs. Teixeira Soares, Assis Correia, Cosme Moreira, Virgílio de Lemos e Edmundo Gastão da Cunha e passou depois a ser o jornal do partido, sob a direcção dos Srs. Teixeira Soares, Virgílio Damazio, Deocleciano Ramos, Cosme Moreira e Landulpho Machado, era apenas lida pelos socios, estudantes e mais um diminuto numero de empregados do commercio, entretendo, por vezes, pequenas polemicas com o *Diario da Bahia* que combateu algumas das suas proposições. Até Novembro de 1889 o club da capital tinha 160 socios. A *Republica Federal* publicava em todos os numeros os nomes dos novos filiados, excepto dos empregados publicos e militares para lhes poupar vexames. Entre estes ultimos estava o do tenente-coronel Senna Madureira.

II

O 15 DE JUNHO

Foi a 15 de Junho que chegou á Bahia o conde d'Eu.

Governava a Provincia o conselheiro Almeida Couto, chefe do partido liberal, que assumira a administração na vespera.

O presidente foi receber o genro do imperador com o que se chama o mundo official, e o club republicano federal foi tambem receber o propagandista Silva Jardim, que devia fazer uma conferencia publica no seu club.

No dia 13 de Junho o conselheiro Luiz Affonso de Carvalho, presidente da Provincia pelo partido conservador, mandou chamar o Dr. Virgílio Damasio, chefe do partido republicano, para dizer-lhe

que tendo de passar no paquete *Alagoas* o conde d'Eu receiava que, attendendo ao incremento da propaganda republicana entre os estudantes, fizessem estes alguma manifestação de desagrado ao principe, para o que lhe pedia interferisse, afim de impedir tal facto, dando a entender que soubera haver um dos lentes da Faculdade, até então na opposição, se referido de modo menos respeitoso para com o principe na aula ou á vista de estudantes.

Declarou o Dr. Virgilio Damasio que não havia da parte dos republicanos o menor proposito de manifestar-se de modo injurioso contra o principe e sim de receber a Silva Jardim, levando-o para a redacção da *Republica Federal*, á rua das Portas do Carmo, onde o propagandista faria uma conferencia e depois ao hotel de Paris onde lhe estava preparado o almoço.

Ao descer da explicação citada encontrou o conselheiro Almeida Couto, seu collega da Faculdade, o qual lhe declarou haver recebido ordem telegraphica para assumir logo a administração da Provincia, pelo que vinha entender-se a respeito com o conselheiro Affonso de Carvalho. Accrescentou que lhe havia constado pretenderem os republicanos receber a Silva Jardim e se prepararem tambem para uma manifestação de desagrado ao conde d'Eu, o que lhe pedia com toda a insistencia não consentisse; ao que retrucou o Dr. Virgilio Damasio dizendo que tal boato era uma calumnia que se estava a propalar, pois não haviam até então os republicanos desrespeitado a quem quer que fosse; e combinaram até logo no que se devia fazer para impedir qualquer desconsideração. Como o principe, para ir á Victoria, seguiria pela rua da Montanha, resolveram que os republicanos conduzissem Silva Jardim pelo Taboão; que sendo o desembarque do conde no Arsenal, o de Silva Jardim

seria na ponte da Companhia Bahiana; e que a lanchinha em que os republicanos deviam ir buscar o propagandista não largaria da ponte enquanto não tivesse sahido do vapor o principe.

Assim cumpriu-se tudo.

Na tarde de 14, porém, realizaram os republicanos uma conferencia no adro da Cathedral, convidando o povo e os seus correligionarios para a recepção de Silva Jardim no dia seguinte.

Manda a verdade tambem dizer que boletins offensivos ao principe e aconselhando desconsiderações á sua pessoa foram espalhados nesse dia, obra, ou de algum republicano exaltado e imprudente, ou feita para servir á calumnia, e fornecer um pretexto ao motim que se preparava.

Um pouco mais tarde reuniram-se tambem os chamados chefes de freguezia do partido liberal.

Havia naquelle tempo partidos organisados e por isso tinham elles, tanto o liberal como o conservador, chefes de freguezia que representavam uma especie de commando intermedio dos proceres do partido até os seus soldados razos. Alguns destes homens tinham verdadeira popularidade e influencia nos seus districtos.

Foram estes chefes de parochia que se entenderam e combinaram definitivamente no emprego de certos meios tendentes a não deixar que o principe soffresse algum desacato, si realmente acreditavam na calumnia que se espalhara, ou a dar uma prova de enthusiasmo e reacção ultra-imperialista.

Accrescentam as versões da época que vieram de proposito para o que se pretendia fazer, magarefes do matadouro do Retiro, cortadores de baleia de Itapoan e Itaparica, e carregadores do caes, dos quaes foi realmente um, um tal Silvino, quem arrancou e despedaçou o estandarte do club nas proximidades da ponte da Companhia Bahiana.

Parece que o lugar escolhido para o ataque fôra a Baixa dos Sapateiros, mas a impaciencia dos executores precipitou os acontecimentos.

Sempre foi o conselheiro Almeida Couto homem muito honesto para mandar fazer uma coisa desta ordem, e o Dr. Virgilio Damazio pensa absolutamente do mesmo modo, acreditando que foi o que se chama uma expedição de cabos de esquadra, que se aproveitaram da situação, do atabalhoamento das coisas, em consequencia da transição rapida pela qual o seu partido occupava aqui o poder e que resolveram e fizeram o que suppunham talvez um bom serviço á causa imperial.

Logo pouco depois do desembarque, nos arredores da ponte da Companhia Bahiana, um preto arrancou o estandarte do club que era vermelho, com o triangulo branco no centro e o despedaçou: d'ahi em diante não podiam os estudantes deixar de perceber que se preparava contra elles alguma hostilidade para impedir a conferencia do propagandista ou para insultal-os e amedrontal-os.

A manifestação violenta, porém, tomou aspecto ameaçador no começo da ladeira do Taboão.

O povo que cercava e acompanhava o club não era o povo pacifico que transita nos seus affazeres, mas individuos de catadura sinistra trazidos de proposito para alguma má acção. Eram dirigidos de certo por tactico perverso que deixou enfiarem os clubistas pelo primeiro lance da ladeira afim de dar começo á manifestação hostil.

Começou esta por vaias e gritos de insulto, que foram acompanhados de pedradas; já estavam postadas entre o primeiro e segundo lance da ladeira carroças carregadas de lenha e pedras, como si por acaso alli se achassem; e logo se proveram de armas os assaltantes, a cada minuto engrossados por outros que accorriam da Baixa dos Sapateiros; era gente suja, de roupa grossa,

coberta de barro e lama, com apparencia de moradores dos arredores da cidade attrahidos para aquella tarefa.

A elles se juntaram em breve os vagabundos ou desoccupados que nunca faltam onde ha uma arruaça ou tumulto, tanto mais que se via bem claramente ser garantida a impunidade do que se fizesse pelas autoridades que cruzavam os braços. Sem o medo da policia as más paixões, os grosseiros impulsos de uma plebe feroz, tão proxima de povos selvagens, como o africano e o indio, irromperam com fúria e ultrapassaram em breve as instrucções da encommenda que lhes fôra feita.

Os republicanos foram atacados com violencia.

Até o segundo lance da ladeira puderam se manter, mas dahi em diante o club debandou e uns feridos, outros esbordoados, foram-se escondendo pelas casas e lojas que encontraram abertas; alguns conseguiram fugir até a Faculdade de Medicina, onde foram chegando com as cabeças em sangue, as mãos escoriadas, os hombros cheios de contusões.

A esta noticia outros estudantes acodem e uma onda de indignação agita toda a mocidade.

Suggerem-se alvitres e entre elles predomina o de irem todos immediatamente ao palacio do governo pedir providencias. Com o estandarte da Faculdade e dois adjuntos á frente seguem para a Praça de Palacio, mas não acham alli o conselheiro Couto, que estava com o conde d'Eu, no palacete da Victoria, onde tinham ido almoçar.

O Dr. Manuel Victorino encontrou-se com os estudantes nas immediações daquela Praça e seguiu com elles, encarregando-se então de ir á Victoria levar ao conselheiro Couto, pessoalmente, o pedido de providencias urgentes.

Voltando para a Faculdade já encontraram os reclamantes as ruas innundadas por uma enorme

multidão que transbordava de todos os caminhos que vindo do Taboão desembocam no Terreiro. E' que, durante o tempo necessario para a ida e a volta dos alumnos, haviam outros estudantes conseguido se escapar dos seus escondrijos e, como as ovelhas perseguidas procuram o aprisco instinctivamente, haviam corrido para a Escola de Medicina, arrastando após elles a vil matilha que os acuava.

Em pouco o Terreiro encheu-se e a Faculdade foi atacada a pedradas; o edificio estava em obras e a sua fachada actual toda cheia de andaimes. As pedras despedaçavam os vidros do salão nobre e cahiam no meio dos que alli se achavam e si o edificio não foi invadido isto se deve ao temor que os assaltantes tinham não só de substancias chemicas que os fulminariam, como dos instrumentos de anatomia, envenenados em cadaveres e de que os estudantes estavam dispostos a se servir.

Logo no principio do ataque a porta larga do centro foi fechada e um dos alumnos que por acaso estava armado encostou o cano de um revolver á porta e disparou para fóra, obrigando a turba, que já se empurrava para a invasão, a fugir desapoderadamente até a altura do chafariz. Este facto e os dois boatos citados acima salvaram a Faculdade, mas ella permaneceu assediada pelos insultos da multidão esfarrapada que de vez em quando atirava pedras.

Isto durou todo o dia sem que as autoridades fizessem esforço serio para impedir a continuação da desordem, o que indica a sua connivencia ou a mais lamentavel fraqueza para com os assaltantes.

Uma dellas, porém, o promotor publico Dr. Augusto de Freitas, aliás filiado ao partido liberal, compareceu na escola, poz-se francamente ao lado dos que soffriam um ataque estúpido e defendeu, tanto quanto póde o prestigio pessoal de uma auto-

ridade judiciaria, o edificio publico que estava sendo aggreddido.

Parece que até na previsão de resistencia do pequeno grupo de republicanos haviam os organizadores do motim tomado medidas de prevenção, correndo entre o povo o boato de que viriam reforços de saveiristas para ensinar, em argumentos sensiveis, uma severa lição aos dissidentes da unidade imperial.

Factos não menos curiosos se passaram no Taboão, onde se estadeou durante muitas horas uma bravura facil, que se esgotou em explosões de fanfarrice, e que fez muita falta á monarchia, para defendel-a seis mezes depois quando nem uma só voz se levantou por ella e nem um braço se ergueu, quando por encanto desappareceu a chamada guarda negra, como gases que se evaporam pelo calor.

Na occasião do assalto os Srs. Virgilio Damasio, Silva Jardim, Cosme Moreira e Edmundo Gastão da Cunha, estes dois ultimos estudantes de medicina, tinham-se refugiado na loja de um sapateiro ao Taboão. Retirando-se dalli um pouco mais tarde quando lhes pareceu serenado o tumulto, foram outra vez perseguidos pelo povoleo e conseguiram abrigar-se na casa n. 16, donde sahiram pelos fundos, quando ella estava a ser invadida pelos perseguidores, passando por detraz dos predios, até darem entrada, pelo quintal, na de n. 42, de onde o Dr. Virgilio Damasio enviou ao conselheiro Almeida Couto um cartão, expondo o perigo em que se achava e pedindo providencias. Tendo-se ferido em uma das mãos, manchou de sangue o cartão que tambem era tarjado de preto, por estar elle de luto.

A esse tempo o Dr. Deocleciano Ramos, que logo na occasião do ataque se separára do club e partira para a Victoria afim de reclamar e pedir

garantias para os republicanos, chegava com o chefe de policia nomeado *ad hoc* Dr. Manuel Caetano de Oliveira Passos e os Srs. Santos Marques e José Gil Moreira, ambos conhecidos chefes politicos liberaes, o primeiro da freguezia de Brotas, o segundo da de Sant'Anna.

Refere o Dr. Virgilio Damasio dever realmente a vida ao Sr. Santos Marques quando appareceu na casa n. 42, em companhia do Sr. Manuel Caetano, chefe de policia.

Mostrando-se o Sr. Santos Marques muito incommodado ao ver naquella situação o Dr. Virgilio Damasio disse-lhe—«*Não tenha medo*»—Medo, não, respondeu o outro, mas receio bem que nos façam o que fizeram no Rio de Janeiro a Apulcho de Castro, garantido pela policia. O Sr. Santos Marques deu então o braço ao Dr. Virgilio, o Sr. Manuel Caetano a Silva Jardim, e o Sr. Gil Moreira foi ladeado pelos dois estudantes Cosme Moreira e Gastão da Cunha.

No meio de uma onda de povo que abria estreito caminho marcharam assim talvez uns duzentos metros.

Quando os gritos eram mais furiosos ou se lançava na frente do grupo algum individuo ameaçando os republicanos ou exigindo que dessem vivas á Monarchia, o Sr. Santos Marques ou o Sr. José Gil falavam-lhe com intimativa, algumas vezes pelo nome, e o aggressor se recolhia á turba. Isto, diz o Dr. Virgilio, mostra bem quem tinha mandado fazer o ataque.

Foi ainda um agente da autoridade, o tenente de policia Antonio Machado, o mesmo que devia celebrar-se depois, em 24 de Novembro de 1891, quem entrou na casa do club e redacção da *Republica Federal*, ás Portas do Carmo, que estava preparada para a recepção de Silva Jardim, arrancou as bandeiras do Chile, Argentina, Franceza e

Suissa, espedaçou as insignias e atirou tudo pela janella á plébe apinhada em frente e que disputou estes trophéus para os injuriar.

Ainda um outro facto em apoio da mesma opinião, consiste na circumstancia de ter o Sr. Santos Marques affirmado ao Dr. Deocleciano, que podia retirar os socios do club das casas em que se achavam homisiados, porque nada lhes succederia mais. Officiaes de policia compareceram no Terreiro mais tarde, ostensivamente, por ordem do seu chefe, convidando o povo a se dispersar; mas, por um desses acasos que se encarregam tantas vezes de desmascarar as hypocrisias officiaes, foi ao mesmo tempo posta em pratica outra medida da mais comica incoherencia.

Mandaram musicas tocar na mesma praça do Terreiro como para recrear aos que se tinham prestado á *mashorca*, o que era o meio mais seguro de ter muita gente alli reunida. Aquelle apedrejamento foi o grande espectaculo do dia, que muitas pessoas vieram ver, até de logares distantes, como se fosse um espectaculo gratis. E até á tardinha assim foi: Silva Jardim que passou o dia na casa do Dr. Virgilio Damasio, á Calçada, embarcou de noite no caes da Jequitáia, acompanhado por crecido numero de seus correigionarios, alguns dos quaes o levaram até o vapor.

O Dr. Manuel Caetano, chefe de policia, naquelle dia conservou-se sempre a seu lado. A conferencia, porém, não se tinha realizado, apesar das garantias que as leis do imperio promettiam a todos.

III

OS DIAS 16, 17 E 18

Foi durante a noite de 15 para 16 que se soube aqui da revolução militar que rebentara no Rio na manhã de 15.

O Dr. Manuel Victorino recebeu pela madrugada um telegramma em que era nomeado pelo governo provisório governador do Estado da Bahia e foi communicar isto ao presidente Almeida Couto, o qual, tendo a certeza de que tinha havido realmente grave movimento na capital, mandou convidar as pessoas que exerciam cargos officiaes e mais importantes pela sua posição politica, sem preocupação de partidos, para uma reunião em sua secretaria. Pelo meio do dia alli se reuniram e, no grande salão que noutro tempo havia no palacio, expoz em pé, no meio de um grande circulo de homens attentos e commovidos pela novidade do caso, o que sabia da revolução, não dizendo aliás que já tivera o governo provisório feito escolha de um delegado para administrar a Bahia. Neste discurso nobre e simples elle fez appello a todos para a manutenção da ordem e da lei, accrescentando que o general Hermes da Fonseca, commandante das armas, lhe havia feito saber, que a sua espada seria sempre fiel ao governo constituido, ao qual havia jurado bandeira, e que nestas condições esperava prompto no seu quartel para desembainhal-a, em perfeita solidariedade de vistas com o presidente, como elle dedicado á monarchia.

A essa reunião em palacio compareceram e nella tomaram parte, falando, os Srs. Innocencio Góes, barão de S. Francisco, Arthur Rios, Carneiro da Rocha, Augusto França, Ramos de Queiroz, Carlos de Carvalho, etc.

Todos esses discursos terminaram por dythyrambos ao imperialismo, por vetos de dedicação eterna e protestos de inexcedivel resistencia. Resolveu-se, pois, enviar um telegramma de protesto contra a sedição, e de fidelidade á monarchia constitucional que o illustre jurisconsulto Dr. Augusto França ficou encarregado de redigir.

Este documento perdeu-se; foi rasgado em pequenos pedaços, os quaes ficaram esparsos pelo chão e foram procurados cuidadosamente no dia seguinte por interessados em fazerem desaparecer as assignaturas que havia recebido, e que suppunham naturalmente pudessem servir de obstaculo ás suas fortunas na Republica, pois, nos primeiros dias se pensava que houvesse mudança radical dos homens e coisas e que a retratação e abandono dos compromissos e juramentos fossem coisas pelo menos notadas e reprehendidas.

O conselheiro Almeida Couto recebera do general Deodoro um telegramma nos seguintes termos: «Dr. Almeida Couto—Como chefe do governo provisório faço appello patriotismo V. Exa., povo e guarnição da Bahia, afim de respeitar governo constituido pelo exercito e armada, povo desta capital, já apoiado por muitas Províncias.—*Marechal Deodoro*».

O presidente Couto respondeu:—«General Deodoro.—O povo bahiano, representado pelas diversas classes sociaes, reunidas hoje em palacio, sem distincção de partidos politicos e animado de ardente patriotismo deliberou que se faça patente á Nação inteira que a Bahia, fiel á constituição e ás leis, aguarda nas actuaes circumstancias com firmeza e tranquillidade as deliberações dos poderes legalmente constituídos.—*Presidente da Provincia*».

Bellas palavras que não foram sustentadas por 24 horas apenas!

Pelas tres horas da tarde reuniu-se de novo muita gente na secretaria do palacio e o presidente Couto, de accordo com as manifestações que lhe chegavam, enviou este outro despacho:—«General Deodoro da Fonseca—Como presidente da Provincia e em nome do povo bahiano, reunido espontaneamente e por muitos representantes de diversas classes sociaes, sem distincção de partidos poli-

licos, sob inspiração ardente patriotismo, declaro respeitar e manter a constituição e as leis do Imperio.—*Almeida Couto*».

Muitas pessoas, Associação Commercial á frente, adheriam a estas promessas e affirmações de resistencia. Esta gente toda devia ainda adherir outra vez. 48 horas depois, mas em sentido contrario, pela submissão á Republica e foi a que falou, proclamou, visitou os governadores e applaudiu, porque o povo esteve sempre frio e estranho a tudo, apenas curioso, o que aliás não se pôde allegar tambem como coisa que o honre.

Começaram até a se entender sobre os meios praticos de levar a effeito a projectada resistencia. Falava-se na organização da força da policia em corpo de exercito e na formação de uma brigada com voluntarios do Reconcavo.

Apontava-se já o barão de Sergy, veterano do Paraguay, onde servira com bravura, para commandar estas forças da contra-revolução.

A ouvir todos estes homens era preciso ser realmente muito sceptico para crer que não fossem sinceros e admittir que dentro em pouco tempo estivessem, por fraqueza, irresolução, medo e interesse, a pretender e solicitar na Republica as posições que tinham até ali e as que desejavam ainda, acceitando sem mais protestos aquillo que tinham repellido com tão fingida colera.

Muito pela sua vontade, deviam em breve vir rogar que lhes fosse imposta a humilhação que o genio orgulhoso de Roma lançara pela bocca do celebre bispo ao barbaro ajoelhado—«Curva a cabeça, altivo sicambro, d'ora em diante detesta o que adoraste; adora o que desprezaste!»

O general Hermes telegraphou ao commandante do destacamento de linha em Sergipe ordenando a resistencia, assim como a todas as guarnições do Norte até Manáus.

Na camara municipal não foi menos curioso o que se passou. Abrindo a sessão extraordinaria que havia convocado o Dr. Augusto Guimarães, presidente, diz não carecer repetir o que se acabava de passar na secretaria do governo onde os cidadãos mais respeitaveis se tinham manifestado pela ordem de coisas estabelecida pela constituição do Imperio e depois de extensas considerações, todas no sentido da resistencia á revolução, termina propondo que a camara se declare francamente por ella, enviando uma mensagem de solidariedade ao presidente da Provincia, e publicando um manifesto.

O Sr. Francisco Pires, no fim de um discurso extremamente monarchista, propoz tambem que a camara proclame ao povo só reconhecendo como legitimo o governo de sua majestade o imperador.

O Sr. Innocencio Góes, depois de fazer graves referencias aos factos que se estavam passando no Rio de Janeiro, propoz que tambem se telegraphasse ao presidente da camara dos deputados, assim como a todos os jornaes da Córte e das Provincias assegurando-lhes que a Bahia se mantém fiel ao governo do imperador.

Deve-se dizer em honra destes dois cidadãos, que foram coherentes com as suas idéas porque as tinham sinceramente; que não procederam deste modo porque os outros procediam, fazendo dois dias depois o contrario porque os outros fizeram.

Não voltaram mais lá, nem para annullar em 18 o que haviam resolvido a 16 e proclamar o Dr. Virgilio Damasio, nem no dia 26 para render a homenagem do cumprimento ao Dr. Manuel Victorino.—Conservaram-se afastados da ordem de coisas que haviam maldicto, um até a morte, o outro até agora.

Todas as propostas acima foram unanimemente approvadas por acclamação. A mensagem dizia:

—«Paço da camara, 16 de Novembro de 1889.
—Ilm. e Exmo. Sr.—A camara municipal desta cidade, reunida hoje em sessão extraordinaria, resolveu por unanimidade officiar a V. Ex. apresentando-lhe os seus sentimentos de fidelidade á causa da Monarchia e das instituições vigentes. Agora que chegam da Côrte noticias dos graves acontecimentos que alli se estão dando, é dever da camara rodear de todo o apreço a cadeira exercida por V. Ex. como delegado do governo legitimo, e protestar contra o acto de assalto que constituiu o intitulado governo provisorio.

Ilm. e Exmo. Sr. Dr. J. L. de A. Couto M. D. presidente da Provincia.—*Augusto Guimarães*, presidente, *I. Góes*, *Antonio José Rodrigues*, *F. Pires de Carvalho*, *João R. Germano Filho*, *João S. da Silva Seixas*, *Luiz José da Silva*, Dr. *Bellarmino P. da Costa*, *Manoel Moreira de Carvalho e Silva*, *F. Luiz de Azevedo*, Dr. *José Baptista Gonçalves*, *Manuel Joaquim Cafeseiro*, Dr. *Virgilio Cesar de Carvalho*».

Aos jornaes do Rio, foi endereçado o seguinte :

«A camara municipal da Bahia protesta contra a tyrannia militar, que, sob o nome de governo provisorio, se estabeleceu na Côrte e affirma sua completa adhesão ás instituições e ao imperador. Provincia da Bahia, não adhire movimento illegal e tumultuario, imposto pela força, e, ao que parece, acceito pelo terror. Peço que communique todas as folhas.—*Augusto Guimarães*.—16 de Novembro de 1889».

Foi tambem lavrado o manifesto pelo Dr. Augusto Guimarães, que está aqui escripto, pelo proprio punho de seu autor e que não chegou a ser publicado e vai annexo.

No dia 15 á noite, o coronel Frederico Christiano Buys, commandante de um dos batalhões da

guarnição da cidade, o 16.º de infantaria, recebeu noticia da revolução.

O coronel Buys era um republicano convertido ha tempos, que não podia manifestar os seus sentimentos, segundo costumava dizer, por ser soldado.

Logo que se soube do movimento, ou procurou entender-se com o governo provisório ou recebeu communicação do Sr. Benjamin Constant, no sentido de apoio á causa da republica, pois, na manhã de 16 mandou elle cartas aos Srs. Virgilio Damasio e Deocleciano Ramos, os homens mais em relevo do partido republicano, convidando-os para uma conferencia no quartel do 16.º, ás 11 horas do dia.

Não tendo chegado á essa hora o Dr. Virgilio Damasio, que compareceu depois, realizou-se esta reunião sob a presidencia do Sr. Deocleciano Ramos, combinando-se entre o commandante, officiaes e os republicanos que o batalhão ficava desde aquella hora ao serviço da revolução; que alguns officiaes pernoitariam naquella noite no quartel do 9.º batalhão de infantaria, cuja officialidade ainda não estava toda resolvida a se unir aos camaradas do Rio e cujo commandante, o major Francisco de Paula Argollo, era muito ligado ao marechal Hermes, cujas opiniões monarchistas eram conhecidas; que o batalhão sahiria para depôr o presidente da Provincia e proclamar a Republica, prendendo o general Hermes, si resistisse.

Resolveu-se tambem que o coronel Buys communicasse tudo isso ao governo provisório e que o quartel serviria de logar de reunião e refugio aos republicanos e estudantes no caso de qualquer tumulto.

Era a mesma hora em que o presidente Almeida Couto ouvia os protestos fervorosos dos monarchistas que reunira, recebia a affirmativa do marechal Hermes de que a sua espada continuava fiel ao

imperio e que o Dr. Augusto França era encarregado de escrever o manifesto que desapareceu.

Tendo recusado falar na reunião dos chamados notaveis, apesar das solicitações dos Drs. Alfredo Britto e Braz do Amaral, o Dr. Manuel Victorino sahio com este ultimo e mostrou-lhe o telegramma do governo provisório que o encarregava da administração do Estado da Bahia. (Já foi assim denominada a Provincia naquella documento).

Ao chegarem ao Largo do Theatro encontraram-se com o Dr. Virgilio Damasio que vinha do quartel do 16.º, o qual disse as graves resoluções que se acabavam de tomar alli, informando tambem que o imperador tinha embarcado ou ia embarcar para o estrangeiro, o que tirava aos monarchistas todas as esperanças, accrescentando que isto mesmo ia dizer ao conselheiro Almeida Couto.

Ao passar, porém, pela casa do Dr. Deocleciano Ramos entrou alli e este dissuadiu-o de fazer tal, entendendo ser preferivel deixal-o proceder como quizesse.

Pelas tres horas da tarde grande ajuntamento havia em frente do palacio, e o tom geral e animado das conversas era o da resistencia imperial.—Falava-se nos 500 homens que, segundo se dizia, um cidadão offerecera, assim como no dinheiro que outro tambem propuzera fosse tomado aos bancos para as despesas da guerra.—Ambos occuparam pouco depois cargos importantes na politica da Republica. Commentava-se com enthusiasmo a attitude nobre pela fidelidade ao throno do general Hermes e accrescentava-se que telegrammas vindos de Pernambuco para o conselheiro Almeida Couto annunciavam que naquella Provincia tambem não se acceitava a tyrannia da tarimba que por surpresa se apoderara do Rio de Janeiro.

Boatos começavam a correr de embarque do imperador; mas, dizia-se que era para aqui que elle

vinha com sua filha entregar á lealdade da terra tradicional da patria, pelos feitos da Independencia, sua velhice immaculada e a herdeira do throno, fonte por onde se perpetuaria a dynastia.

Como sempre acontece em taes casos, o ridiculo se misturava á tragedia e a nota comica do facto consistia na importancia com que pobres empregados subalternos falavam com pé de igualdade nos membros desta estirpe regia que viria para o meio de nós e que nós protegeríamos. A esta ternura do povo correspondia noutros mais altamente collocados lampejos de ambições rapidamente esboçadas na mente; e como em torno de Pompeu nos acampamentos da Macedonia, já se disputava sobre o governo das Provincias, transpareciam em muitos rostos sombras dos sonhos que aninhavam pela posse dos grandes cargos e das posições lucrativas, faceis e boas.

Entretanto em resposta ao seu telegramma da manhã recebia o coronel Buys á tarde o seguinte despacho:—«Governo provisório fortemente constituído. Reconheçam governador Manuel Victorino.» Uma praça levou logo este telegramma á casa do Dr. Deocleciano Ramos, onde se achava o Dr. Virgilio assim como outros republicanos.

Si bem que fosse dolorosa para elles esta nomeação porque recahia em um homem que não era do partido, e apesar do protesto logo formulado com a costumada vehemencia por Cosme Moreira, Silvino Moura, etc., resolveram todos se dirigir á casa do Dr. Manuel Victorino, pôrem-se ao seu lado sem reservas, porque não eram elles que deviam levantar o primeiro obstaculo á Republica, e resolver com elle sobre a sua acclamação immediata e a proclamação da Republica. Seriam cerca de 5 horas quando chegaram á casa do Dr. Victorino, em Nazareth.

Este respondeu que recusava á tarde como já

tinha recusado pela manhã; nesta occasião chegou um telegramma do Dr. Ruy Barbosa sobre o assumpto e elle pareceu ficar abalado, resolvendo-se a ir com os outros ao quartel do forte de S. Pedro.

Para isso tomaram um bonde em que seguiriam juntos, saltando Deocleciano, que ficou na Mouraria, onde se foi entender com o commandante da policia, Durval Vieira de Aguiar, sobre a attitudo desta força. Quando chegaram ao forte de S. Pedro, o Dr. Manuel Victorino declarou que ainda precisava entender-se com o Cons. Couto, dirigindo-se para a Victoria com o Dr. Braz do Amaral. Alli se achavam no grande salão do andar terreo os Srs. Carneiro da Rocha, Monteiro de Carvalho, Araponga e muitas outras pessoas, quasi tudo o que havia de mais importante ou interessado no partido liberal.

Encostados á grade do terraço conversaram os dois por muito tempo e quando sahio o Dr. Manuel Victorino, disse ao seu companheiro, estar o Cons. Couto convencido da importancia da revolução do Rio e da impossibilidade de resistir. Quanto ao cargo de que o queriam investir, respondeu ainda não estar resolvido a acceital-o.

Em casa do Dr. Pacifico Pereira, ao Campo Grande, para onde vieram, compareceu pouco depois o coronel Buys, o capitão Sarmiento e um outro official. O coronel Buys estava perfeitamente sereno e discorria sobre os factos como si estivesse dando o detalhe do seu batalhão. A' pergunta do que faria si houvesse qualquer motim expoz as medidas que executaria, tendo completa segurança de que com a sua pequena força manteria a paz, a ordem, e venceria tudo.—Ao ouvil-o occorria o pensamento de que aquelle homem commandava um exercito. Pouco depois o Dr. Manuel Victorino escreveu uma carta ao Dr. Virgilio Damasio, que estava no quartel, dizendo-lhe que não podia tomar

posse da administração antes de receber a resposta de um telegramma que mandara para o Rio.

Ouviam-se de fóra da velha fortaleza os gritos da proclamação.

Seriam seis horas da tarde. Os officiaes e soldados arrancaram dos kepis a corôa, insignia imperial, e tendo á frente a musica, o coronel Buys, os Srs. Virgilio Damasio, Deocleciano e muitos republicanos percorreram todas as ruas do quartel, dando vivas á Republica. Estavam alli quasi todos os 160 socios do club e quasi todos os estudantes de medicina e todos fraternizavam, saudando com entusiasmo e esperança a nova era da grande patria querida.

Encontrado o Dr. Virgilio Damasio pelo Dr. Braz do Amaral foi prevenido de que se preparava um motim, á semelhança do de 15 de Junho, para amedrontar os republicanos, de accordo com as idéas de resistencia correntes durante o dia na praça de Palacio. Elle, porém, não acreditou.

Estava exaltado e com a sua costumada generosidade dizia em voz alta. «—E para que? Elles nada mais farão porque o imperador já embarcou. Qual 15 de Junho. Agora não ha mais pretexto sequer! A Republica está feita e felizmente sem luta.»

Desgraçadamente, porém, não era uma prevenção vã.

A propaganda republicana não chegára a ser popular, e após os factores de 15 de Junho não era raro ouvir entre o povo baixo explosões de odio e chacota referentes a *estes sujeitos dos canos*, o que não deve admirar ao reflectir que se tratava de um meio em que é difficil encontrar discernimento e razão pelo proprio raciocínio, como o hão de confessar todos os que o conhecem e quizerem falar d'elle sem o pretenderem explorar ou lisonjear.

Açulados uma vez contra os republicanos haviam-se habituado muitos da arraia miuda a jul-

gal-os sempre como caça fácil e bôa para a voracidade, em que seria objecto de galhofa e goso ir dando de vez em quando algumas dentadas.

Deve-se lembrar tambem, para a explicação deste odio, que os inimigos dos republicanos espalhavam entre o povo não só que a Republica revogaria a lei de 13 de Maio, reescravizando os libertos, como que, após ella não exerceriam mais posições e empregos civis ou postos militares os homens de côr, como acontecia na America do Norte.

Quando os republicanos, após a proclamação no quartel, chegaram ás ruas da freguezia da Sé, quasi todos em bonds, e alguns estudantes em grupos, romperam insultos e pedradas de grupos de populares que de ordinario estacionam pelas esquinas daquella zona. Seguiram-se bordoadas e tiros de revolver; alguns dos bonds foram assaltados pelos arruaceiros e as chamadas republicas, moradas de estudantes, foram tambem invadidas, sendo em algumas, principalmente numa que existia á rua do Bacalhau, despedaçado o que possuiam os moradores, como malas, camas, mesas etc., objectos que segundo o processo já empregado pelo tenente que varejara a redacção da *Republica Federal*, em 15 de Junho, foram todos atirados em estilhaços para a rua.

Populares, partidos sempre das ruas altas da freguezia da Sé, começaram a dar gritos e a commetter tropelias, invadindo tavernas e fazendo correrias, procurando depois as casas dos estudantes para repetir os factos de 15 de Junho. Atraz da gente que assim procedia por sentimentos monarchicos ou porque fosse mandada, marchava, como em toda a parte, em occasiões semelhantes, mesmo em meios mais civilizados, o que se chama as fêzes das cidades, os ratoneiros, perversos e vadios que surgem sempre por encanto onde não está a força

da lei que os persegue, a qual se achava toda no quartel de promptidão. Foi esta parte dos manifestantes que se exaltando cada vez mais, passou a matar e a ferir, prostrando por terra, assassinado, um homem que se achava sentado a uma porta na ladeira da Praça.

Serviam-se para isto de um degenerado alcoolico que tinha uma alcunha grotesca, susceptivel de exacerbar o seu delirio por doses novas de toxico e dotado nestes accessos de uma eloquencia sangui-naria e vehemente; era elle quem reunia os desocupados das classes infimas da plebe e capitaneava os manifestantes anti-republicanos desde o 15 de Junho.

Um numeroso grupo foi á noite ao largo de Nazareth e pretendeu assaltar a casa do Dr. Manuel Victorino.

Ouvidos gritos, ameaças e pedradas foi dada participação pelo telephone ao quartel de policia donde veio á pressa uma força de infantaria, a tempo de impedir que fossem arrombadas as grades do jardim.

Nesta noite a cidade dormia entregue á perfeita acephalia da autoridade e possuida de sobresaltos nas suas freguezias mais centraes.

Urgia sahir desta situação; sentiam-no todos; os republicanos muito ameaçados e sobre os quaes ninguém sabe o que cahiria; o coronel Buys, homem de acção e energia, e os estudantes, em geral refugiados no quartel do 16 de infantaria.

Pelas 11 horas do dia 17 o Dr. Virgilio Damasio foi á casa do Dr. Manuel Victorino, o qual continuava á reluctar em assumir a administração porque entendia que a elle, Virgilio Damasio, era que competia este cargo por causa da sua co-participação e responsabilidades na propaganda, e porque se achava assediado pela familia, que insisten-

temente lhe pedia não acceitasse, inclusive seu velho pai, a quem não queria desgostar de modo algum.

Resolveram, após longa conferencia, que se procederia logo á proclamação da Republica e que o coronel Buys, então nomeado commandante das armas por telegramma, ficaria provisoriamente exercendo a autoridade civil. Quando se preparava o coronel Buys para isto, chegou um outro despacho, nomeando governador interino o Dr. Virgilio Damasio.

Havia até ali o coronel Buys arrostando todas as difficuldades e perigos da posição que assumira, sendo até nomeado commandante das armas.

Esta nomeação, porém, foi ephemera.

Contra o que se esperava, o marechal Hermes resolveu no dia 17 também se pronunciar pela Republica. Foi o capitão Tranquilino Borburema, seu ajudante de ordens, quem se apresentou na praça em frente ao quartel do 16.º, já sem a corôa no bonet, dizendo vir da parte do general trazer a sua adhesão. Ella foi annunciada á guarnição nos seguintes termos.

ORDEM DO DIA

Foi esta a ordem do marechal commandante das armas desta então Provincia, em 17 de Novembro de 1889, adherindo á nova forma de governo:

«Commando das armas da Provincia da Bahia.
— Quartel-general da cidade de São Salvador, 17 de Novembro de 1889.

Ordem do dia n. 539. Em 15 do corrente mez na Côrte, os corpos do exercito, armada, policia e bombeiros, alli existentes, e o povo depuzeram o ministerio presidido pelo Sr. visconde de Ouro Preto, proclamaram a Republica e constituíram um governo provisorio.

S. majestade o imperador não poudes organisar

novο ministerio, que, em nome da Monarchia, governasse o paiz.

A' vista de taes noticias o marechal de campo commandante das armas, recommendou aos corpos desta guarnição toda abstenção e que se mantivessem em seus sentimentos de adhesão ao monarcha, aguardando o desenlace fatal do movimento.

Hoje, ao meio-dia, o mesmo marechal de campo recebeu um telegramma abaixo transcripto, communicando a partida da familia imperial para a Europa, ficando assim extincta a dynastia imperante; e, portanto, adoptado no paiz o regimen republicano.

Em consequencia, pois, o marechal de campo, agradecendo aos Srs. commandantes e officiaes dos corpos a isenção, disciplina e lealdade que tiveram durante estes ultimos dias, os convida para consigo prestarem adhesão e obediencia ao governo provisorio republicano, sob a presidencia do Exm. Sr. marechal de campo Manuel Deodoro da Fonseca.

São mantidas todas as ordens estabelecidas.—
(Assignado) *Hermes Ernesto da Fonseca.*»

Pela uma hora da tarde do dia 17 na praça que se estende em frente ao fôso que havia junto ao portão da fortaleza de S. Pedro, quartel do 16º de infantaria, subiu o Dr. Virgilio Damasio a um banco e cercado pelo coronel Buys, officiaes, republicanos e estudantes proclamou a Republica e foi tambem acclamado governador.

Os tres vivas:—Viva a Republica brasileira;—Vivam os Estados-Unidos do Brasil:—Viva o Estado da Bahia;—foram correspondidos por longos e energicos applausos.

A banda de musica do batalhão tocou a *Marselheza*, os soldados brandiram as armas e seguiram todos até o Terreiro, onde o coronel Buys,

que fôra encarregado de manter a ordem, annunciou que a Republica estava proclamada.

O povo assistiu a tudo isto mudo e indifferente, como si não fossem os seus destinos que se mudavam. Havia muita gente na rua para ver a passeata militar, mas o povo que delira em gritos pelo carnaval não gastou as forças nem enrouqueceu em protestos e applausos, contraste que pode servir para medida do estado do seu espirito pelo que diz respeito ás coisas serias e graves.

A Republica não tinha popularidade!

A Bahia deve a um só homem, á sua decisão, energia e firmeza a Republica sem sangue, a ordem e a paz.

E quem sabe si sem elle, sem o seu pronunciamento a 16 não teria abortado a propria revolução de 15 de Novembro?

Com uma perspicacia que nem todos os militares possuem o coronel Buys tinha a intuição do que é o povo, insolente quando se sente temido, humilde, subserviente até adivinhar as vontades de um senhor quando lhe percebe a mão decidida e forte.

Patrulhas de carabinas carregadas sahiram do quartel do 16º e foram estacionar nas praças e lugares concorridos e suspeitos.

A attitudo da tropa não era de provocação mas de sombria decisão.

Bastou isto.

Todos os que se haviam mostrado tão bravos e affeitos em 15 de Junho, todos os magarefes, saveiristas e desordeiros dos districtos centraes ou suburbanos sumiram-se, como si a terra os tivesse engulido.

A Baixa dos Sapateiros, que tinha sido o theatro dos factos do 15 de Junho, e onde tantas bravatas se tinham apregoado naquelle dia, e de então em diante, ás 9 horas da noite era um deserto onde

apenas tres soldados se viam no meio do pequeno largo com as mãos apoiadas nos canos das espingardas.

Agitadores e instrumentos dos motins, dos espancamentos de outr'ora parecia terem sido exilados com a Monarchia, que a essa hora corria pelo mar, caminho da terra estrangeira.

Tendo-se dado os acontecimentos que foram narrados era desejo dos republicanos que o Dr. Virgilio Damasio fosse nomeado governador effectivo e neste sentido fizeram pedido ao governo provisório, do qual teve conhecimento o Dr. Manuel Victorino.

Tomaram-se neste dia medidas para a posse do novo governo, marcada para o seguinte, e o Dr. Deocleciano que substituíra no cargo de secretario o Dr. Ponciano de Oliveira, por escrupulos honrosos deste, fez os respectivos convites.

O conselheiro Almeida Couto, á vista do desaparecimento do governo do qual era delegado e do abandono de todos que lhe affirmavam na véspera apoio para a resistencia, deixou o palacio da Victoria e retirou-se com dignidade para a sua casa ao Caquende.

A' 1 hora da tarde, pois, de 18, perante uma grande multidão, na sala da camara municipal, o Conselho deu posse e proclamou o primeiro governo da Republica.

Na cabeceira da mesa de trabalho, do lado da Praça, prestou sobre o Evangelho juramento o Dr. Virgilio Damasio ajoelhado sobre uma almofada.

Em falta de formula jurou fidelidade á Republica e empenhar todos os seus esforços para bem cumprir o seu mandato. Levantando-se depois convidou o presidente e outros membros da camara a jurarem tambem, o que elles fizeram repetindo— Assim o juro.

E' o seguinte o termo da posse do governador interino:

TERMO DE JURAMENTO E POSSE DO GOVERNADOR INTERINO DA BAHIA

«Termo de juramento e posse do Exmo. Sr. Governador do Estado da Bahia para servir interinamente. Aos dezoito dias do mez de Novembro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1889, sexagesimo oitavo da independencia, nesta leal e valorosa cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, perante a camara sob a presidencia do sr. Dr. Augusto Alvares Guimarães, compareceu o Exmo. Governador do Estado da Bahia, Sr. Dr. Virgilio Climaco Damasio, para prestar juramento e tomar posse do governo deste Estado—juramento este que prestou, entrando na dita posse. E nada mais havendo a tratar fiz a presente, que vai assignada pelo Exmo. Sr. Govenador e pela Camara. E eu Bellarmino Soares de Andrade a escrevi na qualidade de secretario da Camara. (Assignados) Dr. Virgilio Climaco Damasio, Augusto A. Guimarães, Manuel Moreira Carvalho Silva, João Lourenço de S. Seixas, Dr. Bellarmino Passos da Costa, Luiz José da Silva, Francisco Luiz Azevedo.»

Para comprehender como proclamava a Republica e jurava fidelidade a ella o mesmo conselho municipal, que quarenta e oito horas antes resolvera apoiar o imperio e resistir a ella, é preciso contar o seguinte.

Pouco antes da posse referida reuniu-se a municipalidade e presentes os Srs. Augusto Guimarães, João Seixas, Francisco Azevedo, Virgilio de Carvalho, Bellarmino Costa, Baptista Gonçalves, Cafezeiro, commendador Moreira e Luiz José da Silva, o presidente, depois de recapitular os factos pas-

sados, declarou não ter cumprido as determinações tomadas no dia 16, por terem ficado mudas e inactivas as grandes corporações do Estado e por terem cedido á força das circumstancias os grandes do imperio, por ter a municipalidade do Rio acclamado o governo provisório, por ter-se o imperador resignado á sua sorte e se achar disposto a sahir do paiz.

Porque, por outro lado, os que se declararam tão profundamente monarchistas cediam ás exigencias da opinião nacional, o que tornava impossivel e inutil qualquer tentativa de resistencia e porque o governo provisório na sua proclamação promettia que o paiz se governaria e porque a camara devia considerar que a fórma de governo era um meio e não um fim. Por tudo isto propunha que a camara tambem adherisse á Republica, proposta que foi tão unanimemente approvada como as do dia 16.

Após isto convidara ainda o presidente a camara a fim de que á 1 hora da tarde se reunisse para receber o juramento, dar posse e proclamar o governador provisório acclamado Dr. Virgilio Climaco Damasio.

Como se vê, não era invocada para justificar aquelle grave repudio de opiniões expendidas na ante-vespera alguma poderosa razão que se articulasse contra a Monarchia—como um crime de alta traição, o derramamento inutil do sangue brasileiro, violação expressa da Constituição e leis fundamentais do paiz, ou conluio com o estrangeiro de que resultasse humilhação, guerra e invasão. Tambem não foram citados os motivos pelos quaes se julgava agora preferivel uma fórma de governo contraria áquella que se havia promettido manter, pois nem sequer foram apontadas as vantagens politicas, sociaes e economicas em que se devia ter baseado tal mudança de opiniões, pois não se coadunam com a moral e a consciencia de homens livres e coherentes

como o que tinham resolvido havia 48 horas apenas, os argumentos apresentados, tanto mais que exerciam elles, os camaristas, um poder essencialmente popular, e portanto independente do governo do Rio de Janeiro, fosse elle qual fosse.

Tem-se procurado depois dessa época justificar este procedimento da camara, assim como de todos os mais que se desdisseram em tal occasião e não se mantiveram com a coherência e firmeza que deviam ter; mas a suspeita sinistra que acode ao espirito, principalmente quando a reflexão lembra as immensas expansões de consideração, dedicação e quasi ternura prodigalizadas ao imperador Pedro II, quando voltara pouco antes da Europa, é que si se tratasse do allemão ou do americano que nos apparecesse impondo taes retractações e mudanças de opinião, depois de uma victoria, é de receiar que tambem, outra vez, todos, camaras, juizes, generaes, imprensa, funcionarios, arrastando atraz de si um povo inerte, sem convicções e sem iniciativa, sem coragem e estimulos nobres, resignado a todas as dominações como o da India e do Egypto, tudo, todos, acompanhariam o novo dominador e occupante, achando tambem ainda depois palavras para desculpar a propria felonía e fraqueza.

Na vespera tinha sido espalhada a seguinte proclamação assignada pelo governador do Estado da Bahia, sem que se possa hoje por ella affirmar si foi escripta pelo Dr. Manuel Victorino ou pelo Dr. Virgilio Damasio:

PROCLAMAÇÃO

«Cidadãos:—O exercito e a armada depondo o ministerio, constituiram governo provisório, ao qual tem adherido a camara municipal da Côrte, diversas Províncias e grande parte das populações.

A proclamação da nova fôrma de governo é um

facto consummado, contra o qual só poderá reagir quem queira provocar uma luta sangrenta, sem vantagem para o paiz e com o maior perigo para todas as classes interessadas, na plena garantia de vida e de prosperidade.

Todo o empenho dos bons cidadãos deve ser, neste momento, velar pela ordem publica.

Assumindo o governo da Provincia, proponho-me com o auxilio de todos os patriotas a fazer, primeiro que tudo, respeitar a tranquillidade desta capital, manter a inviolabilidade do domicilio e a segurança individual e dos bens, e promover a felicidade da Provincia.

Todos os encargos da Provincia serão escrupulosamente respeitados; todos os funcionarios publicos serão conservados nos seus logares, salvo exoneração solicitada ou ulterior abuso de confiança.

O novo governo não considera de sua indole, nem reputa necessario á sua estabilidade, qualquer movimento de reacção.

Appello para o commercio, industrias, classes liberaes, operarios, artistas, emfim para todos os elementos de vida, de trabalho, de ordem e prosperidade, e entrego ao seu nunca desmentido patriotismo o presente e o futuro do Estado Federado da Bahia.

Bahia, 17 de Novembro de 1889.—*O governador do Estado da Bahia*.

Depois de proclamar a Republica a 17, recebeu o Dr. Virgilio Damasio um telegramma do Sr. Ruy Barbosa em que este lhe pedia acceitasse a nomeação interina até que o Dr. Manuel Victorino assumisse a administração.

Este telegramma causou grande desagrado entre os republicanos que já se começavam a chamar historicos para distinguil-os dos que, havia 24 horas, se entregavam á faina apressada de adherir.

Asseguram também que o Dr. Manuel Victorino recebera um outro despacho em que lhe diziam tomasse logo posse do governo do Estado, por não inspirar confiança o Dr. Virgílio Damasio.

O Sr. Ruy Barbosa appellava para as relações particulares de amizade que os uniam.

Começaram a chover os protestos de adhesão do interior; uns mais honestos, dos primeiros dias, outros covardes, só expedidos quando a situação não deixava mais duvidas sobre a felicidade do pronunciamento. Muitos individuos dos que assim se levantavam pela Republica não tinham desta fórma de governo a mais leve noção. Em Caetité, por exemplo, um grupo soltou todos os presos da cadeia, onde havia criminosos graves, por suporem que na Republica não se castigavam os ladrões e assassinos. Aqui mesmo na capital entre muita gente era confusa a distincção entre a Republica e a Anarchia.

Em Nazareth os Srs. José Marcellino, Alexandre F. Maia Bittencourt e Adriano Francisco dos Santos promoveram a proclamação da Republica; em Camamú o Dr. Alfredo Martins faz a mesma coisa. Em Alagoinhas foi numa reunião popular que se manifestou o sentimento de adherir á Republica. Em Villa Nova da Rainha o Dr. José Gonçalves da Silva também pronunciou-se no mesmo sentido com o partido conservador. As camaras municipaes de Ilhéus, Valença, Villa da Barra do Rio de Contas, Abbadia, Alagoinhas, Santo Amaro e Maragogipe, foram mandando as suas mensagens de solidariedade com o facto consummado, seguindo depois as da Feira de Sant'Anna, Camamú, Alcobaça, Viçosa, Serrinha, Itaparica, Santo Antonio de Jesus, Belmonte e Cachoeira.

No dia 22, recebeu o Dr. Virgílio Damasio uma comunicação do Dr. Manuel Victorino, avisando-o

de que pretendia no dia seguinte tomar posse do lugar para o qual fôra nomeado. Assim se fez.

Com grande concurso de pessoas de todas as classes realisou-se esta cerimonia na camara municipal, parecendo aos homens de crenças puras e aos patriotas que se ia abrir um mundo novo pelo congraçamento de todos os partidos, e pelo impulso que todas as coisas sentiriam no regimen que ia agora entrar na sua phase fecunda. O governador pelo seu peregrino talento, pelas idéas avançadas que professava na vanguarda do partido liberal, signatário, com o Sr. Ruy Barbosa, do celebre voto em separado, apresentado no congresso daquelle partido, do qual andava ha tempos divorciado em muitos assumptos, parecia á bôa parte dos cidadãos o homem fadado para dirigir a Bahia na vida nova em que enveredava.

No dia 25 os Drs. Manuel Victorino, Virgilio Damasio, Deocleciano Ramos e coronel Buys percorreram a cavallo as ruas da cidade á frente de todas as tropas da guarnição formando uma brigada; e ao terminar esta passeata, em frente ao quartel do 16.º, o Dr. Manuel Victorino falou ao povo e aos soldados. Começou então o seu governo.

Dos republicanos só o Dr. Silvino Moura se levantou contra esta nomeação, publicando nos jornaes o seu protesto; os outros se resignaram, procedendo com disciplina e espirito de ordem, como faras vezes acontece em taes circumstancias, conservando-se á distancia, mas sem augmentar com uma dissidencia funesta as grandes difficuldades com que o governo ia lutar; de modo que, em Abril do anno seguinte, quando elle acabou, podiam dizer que a primeira administração da Republica se fundara e desaparecera sem elles.

CONCLUSÕES

Os factos que acabamos de vêr foram, como é logico, consequencia ou effeitos de outros e delles tambem haviam de decorrer por seu turno ainda muitos outros.

Um mal de incalculaveis consequencias foi a dissolução do partido republicano logo depois da proclamação.

Si bem que pareça redundancia um partido republicano na Republica, era elle necessario porque a comprehensão da nova ordem de coisas não a tinha o publico, nem mesmo a maioria dos que exerciam dahi em diante influencia nos negocios publicos.

Convertidos de surpresa, por interesses, ficaram na sua maioria estes homens na situação de adeptos de uma religião da qual não conheciam o catholicismo.

Entretanto, si muitos delles se tivessem podido orientar bem, si tivessem centros por onde lhes chegassem as doutrinas que ignoravam, muitos delles não se teriam corrompido nas mãos dos especuladores sem escrúpulos que se abateram sem piedade sobre esta facil presa.

Bastava que nas localidades se formassem grupos oppostos firmemente a esta hypocrita e desbragada corrupção eleitoral que ahi se estadeia para que não fosse possivel o estadeio dos vergonhosos vicios politicos que tanto têm desprestigiado tudo, inclusive os cargos de representação.

E logo no principio os acontecimentos deviam ter indicado aos republicanos que por immediato interesse e regra de conservação deviam ter procedido com mais segurança.

Acabava de vêr-se, não pela primeira vez, pois na Historia poucas coisas já não tiveram equivalentes, uma doutrina nova ir pedir a pessoas fóra

do seu gremio que a dirigissem. Entretanto os republicanos como partido não só não haviam commettido ainda uma falta como não se lhes podia lançar aos hombros esta estupidez do odio que só se encontra nos theologos orthodoxos. Particularmente eram homens de uma pureza de vida e honradez como os melhores do paiz.

Sentiu-se logo um dos grandes inconvenientes da precipitação do movimento no facto de não inspirarem os republicanos confiança uns aos outros.

A Republica achou-se logo na posição desastrosa e falsa de um general que tivesse medo dos soldados da sua guarda. Este grande infortunio se originou na insufficiencia da propaganda.

Aqui só haviamos tido um orgam do partido; a *Republica Federal*.

Ella foi sempre, porém, apenas um jornal do expediente da propaganda e não um grande meio de diffusão de ensinamento, profuso e fecundo. Tiravam-se 1.500 exemplares apenas.

Entre os proprios republicanos ainda não se tinha dado a phase completa de discussão e combate de que devia resultar o equilibrio entre as duas correntes que levavam os espiritos.

Tinha faltado tempo, lucta, soffrimento mesmo, embate de opiniões em que se tivessem posto em evidencia os homens de merecimento, se tivesse completado o partido republicano, disciplinado e preparado para a administração, o que o teria impedido de se deixar despojar e teria permitido pôr em execução um programma para o governo da Republica.

Sob o ponto de vista moral e sociologico a revolução militar de 15 de Novembro foi um immenso mal para a Republica porque precipitou um importante facto politico que se estava preparando, muito ainda em seu começo. Disto resultou que os republicanos todos do paiz não se conheciam, o que só

seria possível após os congressos e reuniões geraes e troca assidua de correspondencia, de idéas e convivio intellectual constante.

Os membros do governo provisório, que em sua maioria não eram republicanos, não estavam em dia com o estado da propaganda. Delles, tres eram officiaes superiores, mas do commando para o governo de uma republica democratica vai grande distancia; dos outros, tres eram jornalistas mas nenhum delles administrara ainda. Entre todos nem um só homem de Estado!

O mais eminente, e o que mais concorrera para a queda da Monarchia fizera-o como se faz opposição, demolindo, sem a orientação de quem vai reconstruir, segundo um certo plano. A sua attitude no *Diario de Noticias* era a de um indignado, que dominava do alto do seu pedestal de Deus, flagellando sem piedade o mal que via a seus pés; nunca a de um propagandista que mostra do outro lado o caminho do bem, ensinando os meios de chegar a elle e aproveitando do que devia ser condemnado o que era susceptivel de ser transformado.

Os governadores, salvo raras excepções, não sahiram da propaganda e os que não ageitaram as coisas em beneficio de um dos dois grupos ao qual pertencia, procuraram aproveitar aquelles que haviam pertencido ás duas jés antigas, misturando-os, mas procurando enfraquecer os republicanos. Em muitos logares mesmo o numero destes era tão pequeno que não dava para as nomeações dos cargos da municipalidade e policia.

Um mal porém peor do que todos foi ter-se feito a Republica sem que a Nação soubesse o que ella devia ser; não tinha a maior parte do povo a noção mais elementar do que constituia a essencia desse governo, de modo que o facto de 15 de Novembro foi o equivalente de uma legislação que entregasse

a menores de 12 e 15 annos a plena posse dos seus bens e responsabilidades civis.

Tinha-se clamado muito no Imperio por uma administração mais simples, menos burocratica: e deviamos ver desfilar uma mais complicada e difficil de que a anterior, continuando com a mesma divisão territorial e sempre sem meios de communição rapida, que foram calorosamente promettidos e nunca realizados.

Das reformas inevitaveis e que se foram decretando no seu mais fecundo periodo, o primeiro trimestre, pouco sabia a Nação. Ellas eram recebidas com alegria, sem duvida, mas numa especie de deliramento, sem que percebesse sequer a maioria da população bem o que queria dizer aquillo, de modo que em conclusão, após o aparato de grande mudança, em muitos assumptos ficamos na realidade mais atrasados na solução das questões complementares do que no tempo do Imperio.

Algumas noções havia sobre a federação das provincias porque a imprensa partidaria já diversas vezes enfrentara esta questão e até em torno de tal aspiração se fundara aqui uma liga, que durou pouco, mas não anteviamos ainda todas as suas consequências, nem havia sido discutido o que diz respeito aos impostos municipaes, federaes e provinciaes, nem a dualidade da justiça, nem a instrução trifronte, nem os impecilhos que a nova vida municipal devia trazer ao transporte e livre transito das mercadorias e productos.

Desengano semelhante se viu no que entende com os assumptos religiosos, pois que a formula da separação da Egreja e do Estado, phrase de effeito, não corresponderam as vantagens praticas e liberaes para o paiz, que, entretanto, em parte já se tinham alcançado, como foi a secularização dos conventos por extincção das ordens, e dos bens de mão morta, o que se deu porque a Nação não era capaz de bem

julgar sobre o caso, pelo que se contentou mais com a apparencia das coisas e a promessa do distico do que com o proveito real da conquista.

Dizem todos os viajantes e observadores do moderno Japão que elle deve o seu extraordinario progresso e poder ao modo intelligente pelo qual aproveitou o seu governo a revolução de 1868.

O objectivo daquella administração foi formar professores que deviam reconstruir moral e materialmente a nação, para o que não só se serviu de estrangeiros que fizeram acompanhar nos trabalhos de tódo o genero para que tinham sido contractados, por moços escolhidos para lhes succederem, o que lhes permittiu em pouco tempo irem-os dispensando, pondo de lado, como encheu a Europa de nacionaes daquelle paiz, destinados a estudar, aperfeiçoar e aprofundar todos os trabalhos praticos, profissões, artes, commercio, industrias dos povos occidentaes. O resultado disto se viu e está se vendo, e não podia falhar.

Da nossa revolução não pudemos aproveitar o impulso para vantagem da nossa patria.

Não soubemos fazer professores nacionaes capazes, afim de levarem para deante o paiz na direcção do seu destino que devia ser grandioso. A precipitação do movimento deixou a direcção da sua parte mais difficil, a reconstituição, nas mãos de theoricos que não tinham plano nem orientação, pelo que não é de extranhar que não pudessem reconstruir embora tivessem boa vontade para o fazer.

Na classe média, do paiz, a que mais lê e progride, não penetrava pelo manuseio diario dos livros, pela leitura assidua dos assumptos connexos, o gosto pelo estudo da administração das Republicas, a comprehensão do seu mecanismo e principalmente a percepção nitida do que era preciso fazer para mudar com utilidade e em pouco tempo

o que tínhamos de melhor, adaptando os nossos costumes e hábitos de vida económica e política ao que se pretendia crear. Sem isso não era possível, como não foi, o desenvolvimento material e pratico que devia ter sido o primeiro objectivo da nova era nacional.

Um despacho, logo nos primeiros dias, annunciando arrojadamente que toda a America estava prompta para sustentar a Republica brasileira no caso de algum conflicto dynastico, era coisa por si sufficiente para causar apprehensões, que foram perfeitamente justificadas depois, quando chegamos á bandeira sectarista, a malbaratar a gravidade do paiz, como nação que se respeita, pelo generalato do ministerio, e a elevação do chefe do governo a generalissimo, posto concedido por aclamação dos soldados, não nos campos da guerra, mas na plena paz de uma festa nas ruas da capital.

Dentro em pouco devia ser evidente que estávamos na Republica como exploradores numa matta cerrada, em que iríamos correr por muito tempo inutilmente, antes que lhe atinassemos com os trilhos e clareiras.

Em materia de instrucção que devia ser a machina poderosa destinada a deslocar o paiz do marasmo em que vivera, só a comprehendiam muito lenta, vindo desde a primaria, propria para dar fructos em outra geração. Parece que só levaram em conta a instrucção litteraria. A renovação pratica, profissional, rapidamente levada a effeito para impulsionar as produções e activar as energias pelos processos novos e o tracto das coisas, como fazem os povos adeantados, não lhes passou pela mente ou não souberam promover de modo fecundo e geral para todo o paiz. O proprio carro-moroso da educação litteraria, que devia ser puxado como dantes, nunca foi tirado da lama por-

que nenhum dos homens notaveis da época teve força nem tempo para isto, dando-se afinal o absurdo, que elles não podiam ter desejado, de prepararem a desorganização mais completa, a indisciplina mais vergonhosa que se tem visto num povo christão; esta subversão, partindo das escolas, que attenta contra os comeseinhos principios de moral e honestidade, que selvagens se orgulham de cultivar e praticar, que ahi se vai accentuando como a lepra repugnante, e o crime impune, que todos fingem não ver, porque ninguém tem mais energia para reprimir, como acontece ás raças degeneradas que se abandonam ao mal, conscientes da sua incapacidade para as impulsões energicas e saneadoras, que outras raças mais viris e não aviltadas lhes vêm injectar com o sabre e o latego do seu dominio.

Desfalques e insultos dos discentes a seus mestres vão acompanhando a vida da Republica e são, numa escala ascendente, os tristes indicios da decadencia da nossa educação domestica e religiosa, que vão revelando como ameaça esboroar-se, retrogradando nas pretensões de um pedantismo que se origina na falsa comprehensão da independencia, e barbarizando-se na indelicadeza de sentimentos e nas abjecções dos mais grosseiros desrespeitos, uma nacionalidade digna de mais nobre evolução.

Tiveram medo das forças vivas da Nação e procuraram cuidadosamente exclui-la de toda a parte, até da representação nacional, onde aliás a pequena porção que pôde penetrar não se estabeleceu ou se enervou em pouco tempo.

A ingenuidade dos republicanos, acreditando que nada mais havia que fazer e que lhes pertenceria e aos seus ideaes a gestão dos negocios, e a illusão generosa dos membros do governo provisório e outros homens eminentes daquella época

que tudo se faria como por milagre no sentido de uma regeneração espontanea, tornando-se sinceros patriotas, de alevantado espirito e intuitos, os homens de uma geração politica abastardada, só pela creação inesperada das novas normas, revela que não foi por falta de amor á sua terra ou de generosidade que assim procederam.

Foi por falta da percepção nitida das circumstancias e de orientação; por medo e pouca reflexão sobre o estado intellectual do Brazil e sobre o que mais convinha para elle, pela vaidosa persuasão de que muito já se tinha avançado, e porque não eram homens viajados, perseverantes e praticos, filhos da propaganda e da luta que gera convicções, mas apanhados á pressa e encarregados de fazer aquillo para que não estavam preparados.

Não julgaram indispensavel crear professores em todas as especialidades da marinha, do exercito, da medicina, da engenharia, da agricultura, da mineração, da industria, do commercio, como faziam a esse tempo os japonezes e os argentinos, de modo que esses homens se tornassem os promotores dessas especialidades preciosas no paiz.

Perdeu-se por isto uma occasião das que raras vezes se deparam na vida dos povos; falhou tudo como pecca uma fructa que se colheu ainda não sazoadada e os que mais culpa tiveram nisso ou ficam impenitentes ou expandem em gemidos e lamentos a presença dos males que não souberam destruir e a ausencia dos bens que não souberam promover.

O deploravel despojo dos republicanos, que se começou logo a fazer é filho do ciume dos que, sendo monarchistas trabalharam para que elles não viessem a dominar, ciume egoista e tão absurdo que melhor seria ter de novo chamado o imperador, já que a Republica não era para os republicanos,

parece consequencia logica do pequeno numero e da diminuta força real destes.

Por outro lado a desorientação completa do governo que não sabia para onde queria ir, e a sua absoluta ignorancia do estado da propaganda e falta de conhecimento dos homens que a faziam, devia produzir os maiores contrasensos.

Por todas estas razões o partido republicano não devia ter desaparecido. Foi por não terem permanecido com as mãos sobre as armas nas suas fortalezas que os republicanos não inspiraram confiança e não se impuzeram ao governo provisório. Este, entretanto, veio a soffrer coisa muito peor do que a ascendencia dos republicanos que tanto parecia temer, cahindo sob o jugo de uma seita que a nação não conhecia, que não acceitava nem acceitou até agora, que nella irrompeu como uma violencia aos seus sentimentos e crenças, mas que tão bem conhecia a sua inercia e submissão ás coisas já feitas, que lhe collocou o lemma na bandeira.

Recusando apoio aos republicanos, contrabalancando a sua influencia onde ella se podia ir formando, impedindo a constituição de uma forte aggremação politica com os elementos da propaganda, produziram em politica uma educação que preparou as atrocidades da guerra civil do Sul, as da revolta da esquadra e as de Canudos, assim como se houveram de modo tão inintelligente que os principios basicos da lei Saraiva foram substituidos pelos do desprezivel regulamento Alvim.

Quanto ás medidas economicas ellas deviam, a breve trecho, fomentar os vicios do ensilhamento com todos os seus desenganos e torpezas.

E' pena, entretanto, que destas origens tivesse sahido tão grande copia de infortunios para a Nação, porque o proprio facto de se haver feito de surpresa a Republica, de não terem os homens dirigentes opiniões communs nem ligações com o

seu partido no passado, nem programmas e com promissos, lhes dava uma latitude á autoridade para fazer o bem, especialmente agindo sobre um povo passivo, como raras vezes tem algum poder tido occasião de exercel-a.

DR. BRAZ DO AMARAL.

APPENDICE

Em additivo á Memoria Historica do Dr. Braz do Amaral publicamos em seguida o energico protesto que o pranteado jornalista e notavel politico bahiano, Dr. Augusto Alvares Guimarães, escreveu em 16 de Novembro de 1889, como presidente da camara municipal desta cidade, para ser dirigido ao povo bahiano em nome da mesma, e cujo original pertence hoje ao archivo do *Instituto*; e varios outros apontamentos que o illustre socio Dr. Julio da Gama julgou necessario accrescentar sobre a propaganda republicana.

PROTESTO DA CAMARA MUNICIPAL DA BAHIA PELA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA—QUE DEIXOU DE SER ASSIGNADO E NÃO VEIO Á PUBLICIDADE.

A camara municipal da leal e valorosa Cidade do Salvador.

Bahianos:

«Noticias desencontradas, transmittidas pelo telegrapho, annunciam-nos que graves acontecimentos se dão desde hontem na Còrte do Imperio: que o imperador fôra deposto, que uma revolta militar proclamara a Republica, que organizara-se um governo provisorio, e que este, no meio de outros actos praticados, todos illegaes, como a origem

desse pretenso governo, dissolvera o senado, a camara dos deputados, o conselho de estado e ameaça alluir até as bases nossa organização politica e social, que, além de tantos outros beneficios, nos deu perto de quarenta annos de paz interna.

No meio de todas essas noticias, transmittidas pelo telegrapho, em poder dos revoltosos, e procurando agital-as para produzir sensação e adhesão nas Provincias, apura-se um facto que é verdadeiro: a instituição de um governo provisório, acclamado pela tropa armada, em passeio tumultuoso pelas ruas da Córte, depois da perpetração de um crime.

Tal governo não pôde ser governo de direito, é governo de força, é dictadura imposta pela bayoneta e pela espada, é o regimen da caudilhagem que se inaugura de surpresa, nas ruas da primeira capital da America do Sul.

O telegrapho, sequestrado só para uso do governo usurpador, tem constantemente espalhado noticias de adhesões, que são falsas: ainda hoje o governo legal de Pernambuco affirma que todo o norte do Imperio estava em paz, e que as tropas das guarnições cumpriam o seu dever correctamente. E outro não é o dever do exercito do que manter a fé, que jurou ao abrigar-se ás dobras da bandeira da patria brasileira, que hoje querem retalhar e fazer descer da altura em que nos collocou a Monarchia constitucinal, criação de nossos avós, que combateram pela Independencia, até o nivel das republicas que têm seu progresso retardado pelas constantes guerras intestinas.

E' esse o progresso que nos vem trazer um governo, vicioso em sua origem, e que se aproveita do panico natural, que infunde a traição da força armada, a defensora natural das instituições, para dissolver o parlamento vitalicio, onde sentavam-se

as nossas maiores notabilidades politicas e a camara temporaria ha poucos dias eleita pelo povo.

Começa pela traição, pelo terror e pela sonegação da verdade ás Provincias, que quer explorar, transmitindo-lhes noticias de adhesões, que não existem.

Bahianos, quando ha poucos mezes um desassissado disparou um tiro sobre a carruagem do imperador, toda a Europa duvidou do facto: tal é o amor que todos sabem, a familia imperial inspira, por suas virtudes, por seu patriotismo. Hoje, no ultimo quartel da vida, quando o acabrunha a molestia, é o imperador victima da maior das ingratidões, recusando-se-lhe até o direito de exhalar o derradeiro suspiro na terra que lhe foi berço e que tanto amou.

A herdeira presumptiva do throno é uma princeza que, ha pouco mais de um anno, era glorificada não só pela lei aurea de 28 de Setembro de 1871, como pela de 13 de Maio, que extinguiu em um dia, no meio de applausos e de bençãos, a escravidão. A força armada, em paga de tanta bene-merencia, aponta á redemptora o caminho do exilio.

Povo bahiano! Esta Provincia não pôde ser enfeudada ás precipitações de um general, que crea, de um dia para outro, por arbitrio seu, por pesadelo ou por ambição, uma situação nova para o paiz, contra a opinião geral delle, dispensando o concurso de seus representantes naturaes e legaes. Estejamos certos de que a reacção contra essa dictadura violenta começará na Côrte e se prolongará pelas Provincias. Este systema, oriundo da surpresa e da traição, não pôde continuar, porque não pôde ser apoiado pelos amigos das liberdades publicas e dos direitos do povo.

A camara interpretou fielmente os vossos sentimentos de fidelidade ao augusto e venerando mo-

narcha, o Sr. D. Pedro II, os vossos sentimentos de ordem, de amor ás instituições, que querem destruir, de odio á guerra civil, que querem estabelecer como objectivo da dictadura, protestando tambem ao governo legitimo sua adhesão e protestando contra essa ordem de coisas, que nunca se viu, nem nos tempos primitivos de nossa historia politica.

A camara está prompta a auxiliar o governo legal em todas as medidas necessarias para manter viva a nossa fé ao principio monarchico, e convida todos os habitantes desta cidade para manter-se na attitude que deante dessas violencias deve conservar um povo livre, que não pôde admittir, sem sua outorga, mudanças radicaes em suas instituições.

Recommenda principalmente toda a ordem, o maior respeito aos direitos individuaes do cidadão, á propriedade e pede que confie no governo que apoiado no concurso generoso e dedicado de nossos concidadãos, sem distincção de côr politica, ha de saber-se conservar firme no posto que lhe confiou o governo imperial, unico governo legal, que a camara reconhece.

Viva S. M. o imperador!

Paço da municipalidade da Bahia, em 16 de Novembro de 1889.—AUGUSTO A. GUIMARÃES, P.^o

Não é licito deixar pairar, no espirito dos vindouros, duvidas a respeito do republicanismo do povo da Bahia, como propositalmente têm procurado incutir exploradores, por conveniencia propria.

A idéa republicana, na classe instruida de nossa sociedade, sempre foi aninhada como esperanza promissora; e fundados nisto, é que muitos dos que

militavam nos partidos monarchicos serviram-se della por vezes, quando desaguisavam-se com a monarchia, como de um espantalho; e outros ainda, intelligentes e sem escrupulos, della faziam um meio para obterem posições que ambicionavam: os proceres dos partidos monarchicos tão bem conheciam que estes sentimentos e aspirações se acham tão arraigados na alma bahiana, que procuravam arrancal-os a ferro e fogo como aconteceu em 37, na revolução chamada *Sabinada*, verdadeira revolução de leões dirigida por um carneiro.

Não é, tampouco, licito pensar que, por se achar de algum modo intibiado o animo, na geração subsequente, pelas atrocidades commettidas n'aquella época, tivesse sido, de facto, extirpada de vez a aspiração do coração do povo, e ahí estão as provas dadas por conego Rodrigo, Guedes Cabral (pai), França Guerra, que por vezes publicou periodicos, como—*A Sentinella do Povo*—cuja estampa foi gravada por meu pai; eis ahí o—*O Horizonte*,—gazeta escripta por Frederico Lisbôa, Guedes Cabral (filho,) Paulino Gil e outros;—*O Santelmo*—que si não eram organ official de um partido arregimentado, que de facto não existia, eram ao menos um brado do sentimento republicano, que irrompia de peitos, que já não o podiam dominar; e então terçavam elles as armas com a gazeta official do partido monarchico nesse tempo.

A agremiação formal de um partido foi feita em 1876, com aquelles que em 1870 haviam abraçado, aqui na Bahia, o manifesto de Saldanha Marinho.

Não é sem muita consideração e muita estima que menciono aqui os nomes dos meus illustres collegas e amigos os doutores Frederico Lisbôa e Antonio Spinola de Atahyde, mas força é dizer que, depois das primeiras sessões preparatorias, deixaram, não sei por que motivo, de comparecer ás sessões, mesmo depois de eleitos, o Dr. Frede-

rico presidente, e o Dr. Atahyde 1.^o vice-presidente; dando assim logar a que fossem ellas presididas por meu pai, Mathias Tavares da Gama, 2.^o vice-presidente eleito.

Não é proprio a um filho tecer elogios a seu pai, nem eu os teço, neste sentido, portanto, não devem ser tidas minhas palavras; mas todos aquelles que conheceram o artista honrado e integro, sabem nelle a personificação da convicção republicana.

Em a noite da inauguração do Club, sendo, como em todas as noites de reunião, vigiada a rua pela policia, e nessa mais do que em nenhuma, a ponto de muitos socios, dando ouvidos aos boatos aterradores que se espalhavam, fugirem, elle, porém, era firme e calmo, como o podem attestar os que sobrevivem, d'aquelles que tomaram parte naquella notavel sessão; e muitos eram, dos quaes, porém, bem me não lembro dos nomes, senão do Dr. Henrique Alvares dos Santos, Aquino Fonseca, Moscozo, Carigé Barauna, Pamphilo, Lellis Piedade, Julio da Gama e muitos mais...

Nem um, nem um só destes que haviam ficado até a hora da solemnidade, teve a veleidade de procurar, deante do olhar sereno e convicto do crente, fugir, pelo menos naquelle momento, ás responsabilidades que contrahiam; e todos circumdando o que representava o centro de attracção republicana da Bahia, naquella época, e que de mão estendida affirma defender as idéas republicanas até mesmo com sacrificio da vida, que o seria tambem da familia, pois della vivia, todos vieram, um a um fazer a mesma affirmação sobre a mão do artista: deram-se depois defeccões, mas elle foi firme até a morte.

Convém não esquecer que é habito dos partidos ou facções que dominam, promover o descredito dos adversarios que lhes fazem a critica dos actos,

dos quaes não se podendo justificar, por não terem justificativa, lançarem mão do insulto soez e quejandos; e outro não foi o meio de que se serviram os monarchistas da folha official, lançando artigos de torpes violencias, em uma gazeta, que, em outro tempo mais séria, tinha merecido a honra de alguns escriptos de propaganda republicana, afim de que por esses artigos, fôra da Provincia, se aquillatassem os meritos dos adeptos á republica, que taes escreviam; não lograram, porém, sua pretensão, pois de todos, taes traças eram conhecidas; mas hoje faz-se mister que seja isto claramente consignado.

A noticia da conferencia de Silva Jardim, em Santos, (a primeira?) tive-a eu na villa do Bom Jesus dos Meiras, em Abril de 1888, e aproveitando a occasião em que nos reuniamos em palestra amistosa diversos cidadãos daquella localidade, entre os quaes se achava sempre o distincto capitão Tiberio Meira, residente actualmente em Jequié, para logo tratei, apreciando a tendencia de espirito daquelles cidadãos, de crear um nucleo republicano na localidade; ficando como patrocinador o capitão Tiberio, pelo seu prestigio, com a coadjuvação de alguns outros, sendo um dos mais esforçados Bellarmino Jacundes Lobo, secretario da municipalidade.

Preciso é declarar que em 1886 já eu havia pleiteado no 10º districto uma eleição, como candidato, por occasião da qual, na circular publicada, abri luta com as idéas dos partidos monarchicos, fazendo apologia do partido do povo.

Eis porque ao saber da propaganda de Silva Jardim, rompi logo tambem, a seu exemplo, em propaganda republicana, levando-a até o norte de Minas.

De caminhô, em Santo Antonio da Barra, hoje cidade de Condeúba, onde cheguei a 10 de Junho, tratei de, conferenciando com o meu muito distincto amigo e collega, o Dr. Glicerio Velloso, que se achava ali á frente do movimento abolicionista, convertel-o no mesmo passo, em propaganda republicana; e assim foi que, em a noite de 5 de Julho, em que se terminavam os festejos de nossa independencia politica, com a tradicional levadá dos carros triumphaes, na occasião em que uma commissão abolicionista de emeritos cidadãos, chefiada pelo Dr. Glicerio Velloso, fazia entrega da carta de liberdade a um escravo, aproveitei da solemnidade para fazer profissão da fé republicana e a ella convidar os habitantes.

Nesta noite memoravel em que o meu collega e companheiro Glicerio Velloso e eu commungámos na mesma meza de esperanças, pactuamos a mesma crença, a mesma fé, ficou formado o nucleo republicano, que deu logar ao Club de 18 de Novembro. O *Diario da Bahia* d'aquella época deu noticia desta festa.

A conselho meu foram creados clubs, pelo capitão Liberino, na villa do Rosario do Orobó, e no Riachão da Utinga pelo engenheiro de minas, Dr. Joaquim José Pereira, hoje residente na cidade do Andarahy.

O que foi o Club dos Lençóes, que já em Março de 1888 lançava manifesto e se irradiava por toda a parte no sertão, só podem attestar os que sope-saram os desgostos e arrastaram as perseguições; mas não convém relembrar factos que degenerariam em odios ás relações amistosas, entretidas hoje com os menarchistas de então, actualmente ultrarepublicanos: felizmente ha a lei das compensações.

As forças do nosso Club estavam em equilibrio

dynamicos, elle proseguia em sua trajectoria rectilinea.

A's eleições que teriam lugar em Dezembro de 1889, foram apresentados candidatos republicanos por todos os districtos; e a mim cabia ainda o sacrificio honroso de, como candidato pelo decimo districto, ferir a luta eleitoral, apesar das ameaças em campo serem promissoras do desencadeamento das paixões ruins.

DR. JULIO DA GAMA.

DISCURSO

DO PRESIDENTE DO INSTITUTO

Cons. Antonio Carneiro da Rocha

NA SESSÃO ANNIVERSARIA DE 3 DE MAIO DE 1904

Senhores:

Pela primeira vez cabe-me a subida honra de dirigir-vos a palavra neste dia em que o *Instituto Geographico e Historico da Bahia* commemora e solemniza a data faustosa de seu primeiro decennio.

Elevado immerecidamente, ha nove mezes, a este cargo pela generosidade dos socios deste Instituto, não posso ter a satisfação de annunciar-vos a prosperidade d'elle, pois que experimenta e atravessa as mesmas difficuldades, que outras associações, de identica ou semelhante organização.

Sabeis que pela pobreza do meio, em que vivemos, e pela insufficiencia da iniciativa individual todas as instituições se organizaram, regularam as suas necessidades e se desenvolveram com o auxilio que recebiam dos cofres publicos, e uma vez que esse auxilio tem faltado soffrem ellas os mesmos embaraços e debatem-se em eguaes contorções.

Mas como Roosevelt, presidente dos Estados-Unidos da America do Norte, ao abrir o parlamento americano no anno passado, eu direi:

«A vossa religião não é a dos fracos, nem a dos covardes, o vosso Evangelho é o da esperanza e o dos esforços triumphantes».

Com esta divisa não devemos recuar deante da luta e pelo contrario mantenhamos e desenvolva-

mos o culto do passado e busquemos applicar os ensinamentos da Pythonisa, de que somos sacerdotes, e tomemos por modelos esses grandes monumentos moraes, intellectuaes e materiaes, que brilharam em eras, que vão distantes, mas que devem ser veneradas pela época que atravessamos.

E' um rigoroso dever patriótico, é uma necessidade indeclinavel recebermos as inspirações e os exemplos desses factos e homens, que illuminaram os tempos em que figuraram e fulgiram, fazendo perpetual-os na nossa memoria como modelos dessas qualidades e virtudes, que então causaram assombro.

Os annos têm passado nessa continua corrente interminavel da humanidade, mas quem estuda certos acontecimentos, quem medita sobre os factos, que se vão desenrolando no seculo passado e no que começou a correr, chega a suppor que retrogradassemos ou que não estamos em civilização tão adeantada e applaudida.

Não diremos como Cromwell, ao dissolver o parlamento inglez, em 20 de Abril de 1653:

«Existe entre vós uma só virtude?

«Ha algum vicio, que não tenhais?

«Não tendes mais religião que o meu cavallo; o ouro é o vosso Deus. Qual é, dentre vós, aquelle que não tenha barganhado a sua consciencia para subornos? Ha entre vós algum homem, que tenha o menor cuidado ao bem do paiz? Sordidos velhacos.»

Mas reconhecemos e não podemos deixar de reconhecer que no terreno scientifico e industrial têm sido innumeros e importantes os progressos. Muito temos adeantado nas investigações scientificas, principalmente no ramo da medicina ou cirurgica, destacando-se os segredos da radiographia. Grandes têm sido os avanços, mas ainda ha muito a investigar, descobrir e applicar.

para não precisar das outras, e realizar o destino providencial de estar geographicamente separada dos outros continentes, resolve levar a guerra á Africa do Sul para apossar-se das innumerables e profundas riquezas do Transvaal, cujo povo, porém, deu exuberantes provas dos maiores heroísmos e da mais admiravel abnegação.

A União Americana, parecendo que pelos seus assombrosos progressos e engrandecimento devia limitar-se a manter a paz e a grandeza de um povo, procurando cada dia mais unir e estreitar as ligações, com os seus Estados, assalta Cuba e as Philippinas e pelo seu poder marítimo submete esses dois povos ao seu protectorado, e não contente com este procedimento absorvente, a pretexto das obras do canal do Panamá, divide a Colombia e sujeita uma de suas partes ou ambas ao seu poder, ainda que sob o fingimento de haver contribuido para a independencia daquelles mesmos povos.

E' o imperialismo transpondo fronteiras e extendendo territorios sob a mascara de expansões commerciaes e de uma politica colonial.

A Russia, o mais vasto imperio do mundo, com os seus vinte e dois milhões de kilometros quadradados de extensão, não se contenta com ser o antemural da Europa na frente do Oriente e amparada pelos montes Uraes e rio Ural e Mar Caspio, ter a chave da porta, que poderia dar passagem para o continente asiatico, depois de conseguir o monopolio do Mar Negro, de trazer acorrentada a Polonia, entende que o seu territorio precisa de ser ainda mais ampliado até as muralhas da China e para conseguil-o arrasta o Japão á guerra com a pretensão de plantar o dominio moscovita na Coréa e depois na China, sendo para notar que o Tzar foi quem ha pouco tempo convidára as demais nações a se reunirem em Haya para acceitarem o arbitramento como o meio unico de resolver

todas as divergencias internacionaes. Felizmente vai encontrando serias e terriveis resistencias por parte do Japão, que com toda razão deseja que o Oriente continue a pertencer á raça amarella e para isso vale-se dos admiraveis recursos de que dispõe, revelando-se ao nível das principaes potencias da Europa e da America e ostentando os maravilhosos elementos, que a civilização, o patriotismo e o heroismo de um povo lhe proporcionam.

E o que mais compunge o espirito e o coração é que todas essas conquistas são alcançadas com o emprego da cobardia, o que, com algumas restricções, é a guerra moderna. Onde as lutas contemporaneas revelam essa bravura ás vezes tigrina, que distinguiram e exaltaram as guerras de outros tempos? Hoje os exercitos não procuram encontrar-se; mais feliz é aquelle que bem de longe alcança o inimigo e o derrota por meio de seus formidaveis canhões de tiro rapido e da maior precisão. Peiores são esses encontros em que os soldados, á arma branca, corpo a corpo, batiam-se, cantando victoria o mais destro, o mais audaz, o mais valente.

Nos combates navaes, as esquadras não se encontram para dar logar ás abordagens em que feriam-se pugnas as mais sanguinolentas sobre os tombadilhos, brilhando a espada, a machadinha e a bayoneta.

Hoje a esquadra mais poderosa e a mais temida é aquella que dispuzer de unidades navaes mais ligeiras para fugir e de mais resistente couraça para zombar do canhão, que vomita mais longe e com a maior certeza o projectil mortifero. Qual mais possante encouraçado poderá resistir ao torpedo, arma diabolica na expressão de um general turco, ao submarino ou á mina?

Não vimos o que se passou em Cuba e o que se

está passando nos mares do Japão? E porventura no emprego desses navios qualquer exército ou marinha revela bravura e valor?

Como nunca, as visitas e as confabulações dos príncipes se repetem, mas não para combinarem e assentarem sobre a paz e sobre a fraternidade das nações, mas para partilharem e se apossarem de territorios desejados, como se deu agora mesmo com o tratado anglo-francez.

E que se dá com o nosso querido Brazil? Porventura as scenas serão outras, differente é o modo de pensar, os processos não serão os mesmos?

Altera-se a fórma de governo, não por vontade da Nação, mas pelas ameaças e violencias de um grupo armado, que age em *nome da Nação* bestializada, na expressão exacta e feliz de um dos proclamadores do novo regimen, sem que para isso recebesse mandato.

Nos Estados, caricatamente appellidados de soberanos, só se vêem a violencia e a corrupção, exercidas pelas oligarchias, que os tomaram de assalto, notando-se que em quasi todos tem se cuidado especialmente do aspecto material das cidades, dos seus embellezamentos, pretendendo talvez os seus administradores as glórias de Augusto, que, segundo Suetonio, recebeu Roma de tijollo e deixou-a de marmore. Mas Augusto era Augusto e, segundo os historiadores, não teve só essa preocupação.

O Brazil se acha hoje na situação descripta por um notavel republicano, que se declarou tal antes de 15 de Novembro e cujos serviços, intelligencia e aptidões foram aproveitados em diversos cargos na Republica.

Cesario Alvim, que já não existe, disse assim:

«Vivemos, os republicanos dirigentes, propagandistas e adhesistas a cevar os nossos appetites grosseiros sobre tudo quanto a instituição extincta

«deixou accuntulado. Dinheiro, crédito, moralidade relativa das urnas, integridade da justiça no geral de seus sacerdotes, unidade de ensino, observância de escalas pelo estudo, pela correccção do procedimento e pelo trabalho na formação de homens de estado, tudo, tudo tem sido varrido de tropel.»

Eis ao que está reduzida a nossa idolatrada patria!!

E então não devemos olhar para o passado e cultivarmos a historia e della tirarmos ensinamentos para o presente e para o futuro?

Laboremus, tendo deante de nós esse repositório abundante e fecundo de exemplos e de factos que se chama Historia.

Vou concluir, porque estais anciosos para ouvir a palavra scintillante e sympathica de nosso fluente orador, repetindo aqui o trecho eloquentissimo de eximio jornalista:

«Deus de amor e liberdade, illumina! a minha Patria, afim de que ella seja tão util aos seus filhos e aos que vêm para ella como um pomar em flor para quem o cultivou e para as abelhas forasteiras.»

(O orador é saudado por uma prolongada e unanime salva de palmas.)

São extraordinarios os adeantamentos sobre a electricidade em suas diversas e maravilhosas applicações, cabendo-nos a honra e a gloria de ser um brasileiro, o joven Oswaldo de Faria, quem descobriu aquillo que o immortal Edison ainda não tinha podido attingir.

Communicamos com espaços longinquos de um modo mysterioso e imperceptivel por meio do invento de Marconi. Registamos outras descobertas maravilhosas, como seja a direcção do aerostato, julgada impossivel por sabios astrónomos, parecendo que a gloria da resolução de tão notavel problema vem tambem caber ao illustre e intrepido brasileiro Santos Dumont.

E' verdade que contamos todos esses progressos, mas, com relação a outros assumptos, retrogradámos á épocas muito remotas.

A phase contemporanea é, da violencia, é a força, sendo applicada sob diversas fórmulas e, quando esta não impera, substitue a corrupção.

Fazendo um retrospecto sobre a Europa vejo a França; patria de tantos homens illustres em todos os ramos dos conhecimentos humanos, nação de uma virilidade assombrosa e essencialmente catholica, empregar a violencia para varrer de seu territorio congregações religiosas que, na sua missão evangelica, contribuíram poderosamente para o desenvolvimento da instrucção e da caridade e em nada prejudicaram o bem-estar e o progresso do paiz. O governo francez, desviando-se das suas tradições catholicas e ostentando a mais extraordinaria intolerancia, sacode de seu seio e por meios e medidas irritantes, corporações, que não oppunham o menor tropeço á marcha da administração e ao progresso daquella gloriosa nação.

A Inglaterra, que até pouco tempo vivia feliz, com finanças equilibradas, consolidando a paz interna e procurando desenvolver as suas industrias

O Padre Dr. Julio Maria (*)

Exm. Sr. Cons. Presidente, Exmas. Sras., Exm. Sr. Padre Dr. Julio Maria, Meus Senhores:

O illustrado e eloquente orador desta casa, e não o seu humilde substituto, é que devia desempenhar o elevado encargo de, neste momento, saudar o preclaro missionario apostolico que, com o maior desprendimento, obedecendo aos dictames da fé e aos impulsos da caridade, abandonou as glorias da borla e do capello, que tanto soube honrar, o Dr. Julio Cezar de Moraes Carneiro, pela modesta sotaina do Padre Julio Maria. Perderá esta homenagem os brilhos de uma palavra erudita e arrebatadora; nem por isso desmerecerá em sinceridade a saudação que este *Instituto*, cheio de desvanecimento e jubilo, dirige ao seu venerando consocio, ao ter a honra de recebê-lo em seu gremio.

Nos fastos das instituições como na historia dos povos, dias ha de excepcional magnitude: são aquelles que traduzem a realisação quasi perfeita de queridos ideaes, por muito tempo sonhados, a corporização magnifica de aspirações altissimas, ou assignalam o triumpho incondicional da justiça, elevando, dominadora, um throno á virtude, coroando de louros o verdadeiro merecimento. O *Instituto Geographico e Historico* da Bahia tem hoje um desses dias grandiosos.

A comprehensão exacta dos destinos traçados pela Providencia ao nosso amado paiz, compre-

(*) Discurso proferido pelo Cons. Filinto Bastos na sessão do Instituto Historico, de 21 de Junho de 1903.

hensão que se tem accentuado pelo conhecimento de suas condições geographicas, desde o extremo sul até ao Amazonas, e que encontra nas lições da historia o criterio seguro para julgar do porvir, pelas circumstancias do momento e pelos feitos do passado; essa comprehensão nítida, perfeita, da sorte que nos aguarda—povo autonomo ou governado pelo estrangeiro—si nos detivermos no caminho escorregadio por onde nos precipitamos, ou si nos deixarmos embahir pelas seducções da anarchia ou da corrupção; essa comprehensão verdadeira e patriótica, meus senhores, em ninguem melhor se evidencia que no nosso eminente consocio. Superior ás suggestões e aos interesses dos grupos audaciosos, que, á sombra de partidos politicos, sem uma organização legitima, pretendem haver recebido do povo brasileiro a delegação do governo; alheio ás fascinações das vaidades terrenas, que costumam carminar de mentiras convencionaes os labios resequidos e frios do scepticismo do seculo; sem esperar os favores, nem receiar os enfados e a má vontade dos situacionistas felizes; o padre Julio Maria sacerdote do direito, antes que fosse ministro de Jesus, bem pode, alto e bom som, auxiliar a nossa instituição com os seus conselhos prudentes, com as doutrinas de sua sabia experiencia, alentando-nos, mostrando-nos a senda que devemos percorrer. E seria isso motivo mais que sufficiente para justificar o empenho deste *Instituto* em contar entre seus associados o insigne philosopho christão, fiel amigo da Republica brasileira.

Credenciaes outras, porém, e da maior relevancia, meus senhores, possui o padre Julio Maria, e ellas lhe dariam, como lhe têm dado, ingresso franco em qualquer notavel instituição. De ha muito é o seu nome festejado, no Brazil inteiro, pelos innumerados trabalhos com que tem enriquecido

a imprensa e as letras patrias; e enquanto publicistas celebres, elegantes literatos, profundos scien-
tistas, insignes cultores das bellas-artes, têm
posto seus ideaes na transformação dos program-
mas de governo, no deslumbramento do estylo e
no rendilhado da fôrma, na investigação dos ar-
duos problemas que preoccupam a sciencia, no
carinhoso aperfeiçoamento das obras estheticas,
elle firmou o seu alvo muito além, porque o seu
ideal é a salvação do povo brasileiro, na ordem
politico-social, pela conservação da soberania no
territorio integro, e, na ordem espiritual, pela ele-
vação das almas ao seu Creador, por esse—*sur-
sum corda!*—que, unico sobre a terra, pode dar
uma idéa, imperfeita embora, do alvoreço da
eterna felicidade.

No regimen abolido em 15 de Novembro de
1889, como no que lhe succedeu, sua palavra pro-
phetica, ungida do mais vivo patriotismo, se fez
ouvir; então, o democrata convicto expunha, em
toda a sua claridade, a falsa situação da monar-
chia, e para poupar o Brazil a convulsões, que
poderiam arrastal-o aos precipicios da demagogia
e do anarchismo, não fazia questão de uma trans-
formação radical de fôrma de governo, porquanto,
qualquer que este seja, inspirando-se na morali-
dade e no patriotismo, «é compativel com todos
os progressos verdadeiros e beneficos a que possa
um povo aspirar.»

Eis o que, ha quasi dezenove annos, escrevia
o nosso illustre consocio: «Tão desviado das re-
gras do justo e do honesto está o principio aucto-
ritario, representado pelos diversos órgãos sociaes
do poder publico; tão anomala, extravagante e
ignominiosa é a crise actual da politica, impellida
por uma longa e antiga serie de desatinos a este
miseravel extremo em que os interesses da Patria
são discutidos e resolvidos, não na tribuna, mas

nos conventículos; não pelos partidos, mas pelos corrilhos; não por chefes moralisados, mas por caudilhos ambiciosos; tão revoltante e inaudito é tudo isto, que parece chegado o momento em que ao povo compete dizer aos seus ineptos procuradores: «Senhores, basta; restitui-me a procuração que vos dei; ide para as vossas casas.» Agita-se a Nação; convoca-se o paiz aos comícios electoraes; proclamam-se medidas que o parlamento deve resolver; esbulha-se o erario, cujas arcas são soldadas com o suor do povo, dos pingues subsidios com que se locupletam legisladores ociosos; e durante tanto tempo nada se faz, nada se projecta, nada se resolve, a não ser o mexerico, a intriga, a escaramuça, a conspiração, o assalto das pastas e das posições! Oh! isto não é um systema de governo: é um pandemonio sem leis nem moral!»

Proclamada a Republica, observa o nosso consocio que tem ella muitos erros, como o declarou, combatendo-os, nas *Conferencias da Assumpção*. Mas, em vez dos conceitos deprimentes de um sectario obcecado, as palavras que promanam de seus labios são as do philosopho que, com imparcialidade e calma, investiga e descobre as causas e os motivos dos acontecimentos para, attenuando as faltas do presente, encaminhar proficuamente os planos de seu patriotismo.

Assim é que elle, ha alguns annos, escrevia: «Esta geração brasileira foi formada em oito annos?! Em oito annos educaram-se todos esses corações, cheios de ambição politica?! Em oito annos, tempo que não basta para formar-se um menino, formou-se um povo?! Em oito annos se prepararam todos os elementos desta crise social? Não é injustiça esquecer que durante meio seculo o Brazil foi preparado para esta triste situação por uma politica racionalista e pagã?!

Já o nosso glorioso conterraneo, Dr. Ruy Bar-

bosa, referindo-se á dissolução dos costumes no imperio, havia dito: «Esses costumes saturaram profundamente o solo, onde se tinha de levantar a Republica e deviam empestal-a por muito tempo. Os males, que hoje nos affligem, são raizes sobreviventes das enfermidades do imperio... Com a Republica mudamos de hygiene; mas não mudamos de sangue. E os males do sangue não se extirpam radicalmente na primeira geração.»

Mas, que se deve fazer, meus senhores, para restituir a esse sangue depauperado as energias que alentam os organismos validos? Que obras devem ser constituídas para firmar-se a Republica em alicerces inabalaveis? Eis o que nos responde o inclyto missionario: «Sem o soccorro de Deus não faremos o nosso edificio politico, ou, antes, não faremos d'elle cousa melhor do que fizeram os constructores da torre de Babel. Os nossos pequenos interesses locaes e parciaes nos dividirão; os nossos projectos serão confundidos; os nossos nomes serão o escarneo e opprobrio do futuro; e, o que é peor ainda, impotentes para fundarmos um governo só com a sabedoria humana, a obra ficará abandonada ao acaso, á guerra e á conquista... Eu não poderia fazer a propaganda que tenho feito sem admittir a harmonia possivel da democracia com o catholicismo e sem dar um logar na minha pregação ás verdades sociaes do Evangelho.» Ora, estes conceitos se afeiçoam por completo ao que observara o celebre critico Hyppolito Taine: O christianismo é o orgão espiritual, as duas grandes azas indispensaveis para erguer o homem acima de si mesmo, acima da existencia que arrasta sobre a terra e dos acanhados horisontes que della descortina, para o levar pelo caminho da paciencia, da resignação e da esperanza até á calma e ao repouso, para o

impellir além da temperança, da pureza e da benevolencia até á dedicação e ao sacrificio. Sempre que, ha 18 seculos, essas azas por si mesmas desfallecem ou são cortadas por outrem, os costumes publicos e os particulares se rebaixam.

«Nem a razão philosophica, nem a cultura esthetica e literaria, nem a mesma honra feudal—militar e cavalheiresca: nenhum código, nenhuma administração, nenhum governo bastariam para substituir o christianismo, no que elle pode dar ao mundo, em poderio, em brandura de costumes, em humanidade. Nada pode substituil-o como origem social da honestidade, da boa fé e da justiça.»

Essa convicção profunda do sacerdote de Jesus Christo é, ao mesmo tempo, o palpitar do coração do patriota.

Como ha de mentir a seu paiz o ministro que recebeu sua missão apostolica d'Aquelle que disse: Eu sou o caminho, a verdade e a vida? Por muito facil que pareça preconisar-se a verdade, é certo que, muitissimas vezes, para fazel-o, mister se torna possuir a envergadura dos heróes. Oppor-se, a peito descoberto, aos preconceitos, que o orgulho, gerador do sophisma e do erro, tem elevado á altura de principios incontestaveis; desnudar as chagas sociaes, mal cobertas pelos andrajos da impostura, para sobre ellas derramar o balsamo, que as vae curar, embora seja a cura precedida de dores cruciantes; dizer ao homem que abandone as miserias enganosas das paixões que o chumbam, ainda vivo, ao tumulto da degradação, e que se volte para a esperanza, que lhe descortina a salvação suprema; clamar á pseudo-omnipotencia dos dominadores da terra que a sua força, a sua opulencia, as ruidosas ovações dos aulicos fementidos, serão varridas pelo pó dos

tempos—porque, afora Deus e a sua Igreja, tudo é vão e caduco; pregar ao povo que a sua liberdade se deve submeter ás leis, mas que as leis humanas devem subordinar-se ás leis divinas, e que, por isso, um povo que, para obedecer ás leis da terra, esquece os preceitos da religião do seu Deus, é um povo que não sabe comprehender os dons da liberdade: eis, meus senhores, o apañagio dos espiritos de escol, eis o roteiro santo que imprimem á sua propaganda as almas privilegiadas, sobre as quaes lança o Eterno, a manchieiras, as dadivas de suas graças infinitas!

Debalde procura o homem sobre a terra duradoura e real quietação; não raro, o prolongado repouso é origem de fundas tristezas, de maguas inconsolaveis. Como no mar da agitação da existencia, poderá o homem firmar os passos sobre a onda revolta que o desequilibra, até arremessal-o ao abysmo? Ai! do que não procura, para norteal-o em sua peregrinação, a estrella da fé!

O nosso eminente consocio tem posto, com pericia, as mãos sobre os males que atormentam o nosso paiz; e, como o medico providente e bom, não só tem procurado debellal-os radicalmente, mas ainda não se cança de aconselhar o que se deve evitar para que não surjam, por imprevidencia, consequencias ainda mais funestas. Quanto se tem dito e escripto sobre pretensões de potencias estrangeiras, ao nosso territorio, querendo retalhá-lo, a seu talante, como si o Brazil fosse a China da America!!... Não faz ainda muito tempo que um illustre brasileiro, secretario de uma de nossas legações, publicou um livro, que adquiriu logo nomeada e recebeu os mais fervidos elogios de um eminente compatriota—ministro do Brazil em uma das mais notaveis côrtes da Europa; nesse livro, estabelecido o confronto entre o allemão e o brasileiro, este é representando como incapaz

de se dirigir e governar, especialmente por essa inferioridade que inoculou no organismo daquelles que, mais audazes, pretendem a supremacia nas cousas publicas, a gotta de sangue que, recordando a Africa, lembra tambem a escravidão; ao passo que o allemão parece ser indicado como o reformador de nossos costumes, o organisador de nossa futura nacionalidade. É esse livro—*Chanaan*—merece logo de uma das republicas do Prata a honra de ser traduzido e divulgado, talvez, meus senhores, como *homenagem á nação amiga*, cujo nome se deu ao celebre ginete offerecido ao ex-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil!

Ninguém ha, a não ser algum obstinado em sua voluntaria cegueira, ninguém ha que, estudando, mesmo superficialmente, as condições sociaes do Brazil fique sem apprehensões ante a possibilidade de imprevistos successos, que lhes imprimam completa transformação. Como que se empanou sob nuvens carregadas o sol do progresso da nossa cara patria, e uma noite longa e escurissima desceu, funebremente, sobre seus largos horisontes. Não são os carpidores anonymos, os Jeremias ignaros da plebe, que nada têm a perder, esses pobres filhos do povo que, como o povo, sentem de rijo os golpes do latego da fome e das violencias, os unicos que vêem a patria envolta no crepe da amargura. São tambem os proceres prestigiosos das aggremações dirigentes que, em annunciados banquetes politicos, clamam pela restituição do governo ao povo, esquecido pela Republica, enquanto outros descobrem o salvaterio do actual regimen na panacéa da reforma eleitoral, que poderá ser manipulada, infelizmente, por alguns droguistas da prepotencia e das actas falsas, perdendo assim a efficacia therapeutica.

E' que já não se pode esconder que o paiz taceia nas trevas do desgoverno.

Felizmente, meus senhores, como ponderou Alexandre Herculano, em seu admiravel opusculo sobre o *Feudalismo*, «por profundas que sejam as trevas em que achemos submerso o espirito humano nas épocas tristes da sua historia, sempre ha no meio dessa immensa noite intelligencias que se alteiem como pharões e liguem com os seus clarões, ás vezes tenues, a luz que foi com a luz que ha de ser.»

O padre Dr. Julio Maria é uma dessas intelligencias providenciaes: a luz que se irradia de sua pregação tem o seu fóco brilhante no Evangelho, e propagando-se pelo ambiente de vida, esparge beneficos clarões, graças aos quaes se mostra aos olhos do crente a estrada da virtude, defrontada pelos sinuosos caminhos da perdição. E' uma luz celeste que a todos manifesta a sua origem, «luz que purifica sem queimar», que, sobretudo, se derrama, sem os perigos do incêndio destruidor. Sua palavra é o pharol acceso no cimo da montanha da patria, para mostrar ao povo, sobre a terra, o porto de sua liberdade, e mais além o Thabor da eterna salvação. Para desvendarlhe o primeiro, seu verbo é pela pacificação politica e religiosa.

Elle não quer a liberdade da republica romana, «onde ella não passa, na expressão de Tacito, de uma—*turbulentam libertatem*—a liberdade tumultuaria»; elle preconisa a paz, que, como observa illustre crítico francez, inspirou uma das mais bellas canções de Petrarca—e que foi bem definida pelo dominicano João de Vicencia, quando clamava perante as multidões: «O', meus irmãos, reine entre vós a paz; porque a paz é a justiça, a paz é a liberdade, a liberdade tranquilla!»

Para mostrar ao povo o monte sagrado da

eterna beatitude, sua palavra apostolica se inflammava no amor de Deus e do proximo, traduzindo as verdades biblicas, reproduzindo as lições da tradição catholica, argumentando com os exemplos que revoam nas variações dos successos da Historia, applicando a cada necessidade, a cada desconforto, o supplemento, a consolação, que os attenua, quando os não extingue, e tudo isto de tal modo que, posto seu coração generoso junto a seus labios eloquentissimos, a inspiração do genio se confunde com as ternuras da dedicação, e passa o homem a olvidar o homem, para contemplar somente o sacerdote do Eterno.

Felizes os que se deixam attrahir por aquella sempiterna luz, de que nos fala o Dante, no *Paraiso*:

*O luce eterna, che sola inte sidi,
Sola t'intendi, e da te intelleta
Ed intendenti, te ami ed arridi!*

Bemaventurados os que se rendem ao imperio do divino amor.

L'Amor che muove il Sole e l'altre stelle!

Exm. Sr. Padre Dr. Julio Matia: Este *Instituto*, cheio de satisfação, por vos ter agora em seu modesto recinto, inscrevendo vosso nome glorioso entre os dos seus associados, teve (já vol-o disse) de substituir pelas effusões dos seus mais vivos e nobres sentimentos os primores com que altiloqua palavra devia exalçar o vosso merecimento excepcional; mas, vós sabeis dar excusas á deficiência da homenagem e não se faz precisa a scintillação de peregrina eloquencia para o reverbéro de vossa fama, para o realce de vosso nome, aureolado pela suavissima claridade da *Stella Maris*, e repetido por milhares de crentes, que bemdizem

o vosso apostolado, a vossa divina propaganda em prol da liberdade, inspirada no Evangelho, fortalecida pela Fé.

Sêde bemvindo!

(Uma salva prolongada de palmas vibrou em toda a sala, sendo o orador felicitado pela mesa do *Instituto* e demais pessoas presentes.)

Decorridos poucos minutos, o presidente da sessão deu a palavra ao Padre Dr. Julio Maria, que se levantou para agradecer aquella honrosa recepção. (*)

Foi na Bahia, foi nesta terra gloriosa que começou o longo e laborioso apostolado que havia realísado em todo o sul do Brazil; foi aqui que deu ás azas de sua fé o vôo arrojado que a impelliu desde a mais bella faixa do Norte até ao rio mais gigantesco do mundo... Deus quiz dar ao mais bello idéal da sua mocidade esta doce satisfação da sua idade madura:—ter feito que a Bahia e o Amazonas estreitassem todos os estados intermediarios no mesmo amplexo religioso...

O orador do Instituto, gloria da magistratura e tambem da nossa geração catholica, attribuiu-lhe talentos, virtudes, heroismo que não possue, impellido nisso, talvez, pelo exito, realmente grandioso e triumphal, da pregação catholico-social, a que desde muitos annos se dedicou. Não foi nenhuma dessas suppostas qualidades, de que S. Ex. fez tão deslumbrante diadema para offertar-lhe, que tem feito a força do seu apostolado.

Si victorias tem tido, (e para que ha de negal-as, si são tão numerosas e tão notorias?) o segredo dellas veiu manifestal-o ao seu nobre auditorio.

(*) O resumo d'esse discurso é dado pelo *Jornal de Noticias*, e para aqui o trasladamos.

Esse segredo é ter sido animado, em todo o seu apostolado, por estes dois amores: o amor de Deus e o amor da Pátria.

E quem pode impunemente separar estes dois amores?...

Em longa e vibrante prelecção, que entusiasmou o numeroso e selecto auditorio, o padre Dr. Julio Maria demonstrou a sublimidade da união de Deus e da Pátria, provando que, como a falsa sciencia não pode eliminar Deus da criação do mundo, a falsa sociologia não pode eliminar Deus da formação dos povos. Como a mecanica só explica o mundo *formado*, mas não a *formação* do mundo, a sociologia só pode explicar a *organisação*, mas não a origem das sociedades politicas.

E' por isso, diz o orador, proseguindo noutra ordem de considerações, que a tentativa brasileira de uma patria sem Deus é original, temeraria, e até anti-republicana.

Assim, demonstrou o orador, triumphantemente, a triplice affirmação, mostrando que ainda nenhum povo, nem no paganismo, nem nos tempos modernos, fez essa triste experiencia; que separar o patriotismo da Fé em Deus é desamal-o; e que, finalmente, os mestres da democracia, na Europa e na America do Norte, não comprehendem o regimen republicano sem o culto de Deus.

Deus, diz, proseguindo em considerações que cada vez enlevam mais o auditorio, Deus tem muitas e bellas revelações: a revelação da Sciencia, a revelação da Arte, a revelação da Poesia; e, em quadro magnifico, mostra como na Sciencia—O *numero*, a *molecula*, a *luz*, o *calor*, o *movimento*, o *repouso*, a *vida*, na arte—todas as obras primas em pintura, esculptura, eloquencia, na poesia—todas as inspirações verdadeiras e completas não são menos que revelações de Deus.

A maior, porém, a mais grandiosa das revelações de Deus, é a Historia!

Nessa parte foi ainda muito feliz o eminente conferencista que apreciou a historia com vistas largas, e argumentações indestructiveis, fazendo-o com criterio philosophico dos grandes historia-dores.

Assim mostra o elemento *humano* e o elemento *divino* da Historia. Mostra que não só Deus enche a Historia, como faz que a Historia revele a verdadeira religião. A verdadeira religião é também a unica religião historica. O christianismo é todo historico: historico no fundo e historico na fórma.

Tão variadas as considerações e tão numerosos os argumentos com que o orador demonstrou as suas affirmativas, que passal-os todos para uma noticia ligeira, como esta, seria talvez impossivel.

Depois de uns 40 minutos entrou o orador na peroração, bello trecho, que bem mereceu o silencio religioso com que foi ouvido e os applausos merecidos que obteve depois.

A peroração do discurso de hontem foi sublime e o seu thema baseou-se em que o dever presente do Brazil é a união de Deus á Patria.

Depois de divagações eloquentes e mimosas interroga o orador: A quem pedir essa união? Já não podemos fazel-o á politica, porque a lucta gloriosa dos partidos se extinguiu e hoje o predomínio é de um só partido, o do governo; não podemos ir pedil-a aos homens de estado, pois na sua maioria quasi todos se acham desviados de um plano seguro de governo; já não podemos esperal-a do militarismo, porque, contra a sua própria vontade, é justiça dizel-o, delle arrancaram essa religião, separando-o do seu Deus, o Deus dos exercitos!

Pedil-a á mocidade, que é o futuro, o enthusiasmo, a liberdade, o amor, é debalde, porque ella não venera mais com o ardor verdadeiro das gera-

ções passadas as tradições catholicas da sua patria; pedila-a á imprensa, mas como, si em poucos logares são raros os jornaes catholicos?

Peçamol-a, supliquemol-a A'quelle proprio que não é sómente a mais alta affirmativa da Sciencia, a mais bella inspiração da Arte, o mais formoso idéal da Poesia: é tambem a mais certa das certezas da Historia e a mais bella das tradições da Patria Brazileira—Deus!

(O padre Dr. Julio Maria foi nessa occasião muito felicitado pelo discurso que acabara de proferir.)

O PRIMEIRO BISPO DO BRAZIL

MEMORIA HISTORICA (*)

POR

Moreira de Azevedo

ERA corrente que a bulla *Super specula militantis ecclesiae* creando o bispado de S. Salvador, o primeiro do Brazil, tinha a data de 1.º de Março de 1555.

Causava estranheza que a nomeação e confirmação do prelado precedesse de quatro annos á criação do bispado, que devia administrar, mas o visconde de Porto Seguro prova ter sido expedida aquella bulla aos 25 de Fevereiro de 1551. Escreve o douto historiador:

« Verificamos esta data pelo original da bulla (Torre do Tombo, armario 12 m. 31, m. 1) que é Anno millesimo quingentesimo, quinquagesimo Quinto Kalendis Martii, o que pelos auctores, que haviamos seguido antes, havia sido lido 1.º de Março de 1555, sendo que o Quinto com letra maiuscula representa o dia. »

Ligaram os auctores Quinto a quinquagesimo e fizeram 1555, passando a bulla a ser de 1.º de Março, por que é esse o dia das kalendas de Março. Im-

(*) Offerecida ao Instituto Historico da Bahia pelo Autor a 12 de Dezembro de 1899. Foi já publicada no vol. XXIII dos Annaes da Bibliotheca Nacional (1901), pags. 59—67.

pressa pela primeira vez em 1806, depois em 1808, e reproduzida por Candido Mendes em 1866 em sua obra *Direito Civil e Ecclesiastico Brasileiro*, contém essa bulla o provimento e confirmação do bispo.

Traz a data de 1550, more florentino, mas foi passada em 1551, era vulgar, por que foi em 31 de Julho de 1550 que o governo portuguez deu instrucções ao seu embaixador em Roma, Balthazar Faria, para obter a creação do bispado, e o seu provimento na pessoa de Pedro Fernandes.

Ainda mais. Foi lavrada a bulla no segundo anno do pontificado de Julio III, que cingio a tiara em 8 de Fevereiro de 1550, razões estas, que confirmão a data exarada pelo visconde de Porto Seguro.

O nosso amigo Sr. bacharel Antonio Jansen do Paço, digno chefe de secção da Bibliotheca Nacional, chamou a nossa attenção para o post-facio, que acompanha a obra do visconde de Porto Seguro «*Historia das Lutas com os Hollandezes no Brasil*», 2.^a edição, 1872, no qual discute o referido historiador esta questão, e facultou-nos a consulta de diversos manuscriptos para escrevermos esta memoria. Gratos nos confessamos ao dedicado chefe de secção da Bibliotheca Nacional.

Para cingir a mitra no Brazil foi designado Pedro Fernandes, natural da cidade de Évora, sendo seus progenitores Gil Fernandes Sardinha e Lourença Fernandes, filha de Pedro Fernandes, que tinha o foro de vassallo de el-rei, como se expressa Barbosa Machado. (*)

Não se sabe o anno do seu nascimento, mas na carta de 20 de Maio de 1555 de D. Duarte da Costa a D. João III lê-se:

«Vossa Alteza teve muita razão de dar credito

(*) Rocha Pita diz que era natural de Setubal.

aos papeis do bispo, e ao que lhe de meu filho escreveu, por que parece que um bispo de sessenta annos não quereria infamar um mancebo, meu filho, e fazer-lhe perder o que merece diante de Vossa Alteza, sem causa; mas tenho por mui certo que se Vossa Alteza ouvira as partes... »

Vê-se pois que devia ter nascido Pedro Fernandes em 1495 ou 1496.

Era clerigo secular do habito de S. Pedro, estudou em Paris, recebendo o grau de bacharel em theologia. « Passou de discipulo a mestre nas universidades de Paris e Salamanca, » diz Barbosa Machado. Exerceu o cargo de vigario geral em Góa na India, e era clerigo em Evora quando foi nomeado bispo de S. Salvador, cuja jurisdição se estendia a todo o Brazil e ilhas adjacentes, com quanto fossem então seus limites de 50 leguas pelo littoral e 20 pelo interior.

Antes da criação deste bispado pertencia a Bahia quanto ao espirital ao bispado de Funchal, mas depois dessa instituição tornou-se suffraganeo do arcebispado de Lisboa.

« Era Pedro Fernandes pessoa de muita auctoridade, grande exemplo e estremado pregador », diz Gabriel Soares.

Frei Antonio Roman exprime-se assim: « Pessoa de muitas letras, auctoridade e experiencia. »

D. Pedro Fernandes partio de Lisboa em 24 de Março de 1551, como assevera em carta escripta a D. João III de Sanctiago de Cabo Verde em 11 de Abril desse anno.

« Partimos de Belém a vinte e quatro de março e aos vinte e sete viemos a vista da Ilha da Madeira. »

Por instancia dos conegos, que comsigo trazia, desembarcou na Ilha de Sanctiago, permanecendo alli quatro dias « no qual tempo, accrescenta o prelado, senti o ser esta terra mais rica de dinheiro que

de virtudes, e não é muito de espantar pois ha tantos annos que carece de pastor. »

Conferio ordens menores a dous individuos por terem breves de Roma, e chrismou 500 ou 600 pessoas. No dia 11 de Abril á noite proseguiu na viagem.

Acompanharam o bispo alguns sacerdotes, conegos e dignidades para formar a sé e igreja cathedral, vindo tambem ornamentos, sinos, objectos de prata e alfaias do serviço da igreja e culto divino.

A armada em que veio o bispo composta do galeão Velho e outros navios mercantes era commandada por Simão da Gama de Andrade, e conduzio gente e mantimentos para a nova cidade do Salvador.

Foi este o nome que o rei ordenou se dêsse á nascente cidade e não S. Salvador, «pois foi aquelle, escreve Candido Mendes, o primeiro nome da cidade impropria e inexactamente conhecida em nossa epoca por S. Salvador, que não exprime a grandeza da idéa da primeira e tão simples denominação. »

Em uma certidão passada na Bahia aos 19 dias do mez de Julho de 1759, por ordem do desembargador ouvidor do civil Bernardino Falcão de Oliveira, declara o escrivão Antonio de Sepulveda de Carvalho :

« E outrosim consta dos ditos autos, assim pelos termos judiciaes, como pelas certidões, que nelles se achão copiadas, nomear-se em quarenta e duas partes esta cidade com o titulo de Salvador Bahia de Todos os Santos, e em nenhuma parte com o de S. Salvador. »

E' aquelle o nome que vem exarado em todos os antigos livros de registros.

Discordão os auctores sobre o dia e anno da chegada de D. Pedro Fernandes ao Brazil, mas por uma carta do padre Manoel da Nobrega para o pro-

vincial de Portugal fica-se sabendo ter chegado o prelado á Bahia em 22 de Junho de 1551.

Escreve Manoel da Nobrega:

« Vespóra da vespóra de S. João chegou o bispo a esta Bahia com toda a nau e gente de saúde, posto que trouxerão prolixa viagem, e que parecia a todos que não viria, de que a cidade era muito triste, e muito nos tememos querer Nosso Senhor castigar os peccadores desta terra com não nol-a trazer, sed tristitia nostra versa est in gaudium, com o trazer com tanto, que como todos dizem, foi muita obra de Nosso Senhor. »

Era então governador geral do Brazil Thomé de Souza, que viera acompanhado dos primeiros jesuitas enviados ao Brazil para catechisar os indigenas. Vieram seis, sendo o chefe da missão Manoel da Nobrega um dos mais illustrados de sua ordem.

Em carta ao padre-mestre Simão expõe elle:

« Chegamos a esta Bahia aos vinte e nove dias do mez de Março de 1549. Andamos na viagem oito semanas. Achamos a terra de paz e quarenta ou cincoenta moradores na povoação que antes era. Receberão-nos com grande alegria. E achamos uma maneira de igreja, junto da qual logo nos aposentamos os padres e irmãos em umas casas a par della ».

Deu o governador principio á edificação da Sé e igreja para o culto divino, sendo esta consagrada á Senhora da Ajuda, a primeira da nova cidade; e que muitos annos servio de matriz. Era de taipa e coberta de palha.

Emquanto não teve residencia propria hospedou-se o diocesano na casa dos jesuitas.

Chegaram com elle quatro sacerdotes da companhia de Jesus para ajudar os seis, que existião na colonia, na doutrina e conversão do gentio.

Produziu grande contentamento a vinda do prelado.

« Com a vinda do bispo foi a terra mui alegre », narra Manoel da Nobrega.

Pregou em 29 de Junho na festa de S. Pedro e S. Paulo, exercendo sua palavra benefico effeito sobre os costumes.

Foi passada em Almeirim a 4 de Dezembro de 1551 a carta de D. João III de apresentação e confirmação do bispo D. Pedro Fernandes. Ha nessa carta uma postilla de 7 do mesmo mez e anno em que se declara :

« Houve o Bispo D. Pedro pagamento de duzentos mil reis em João Gomes Thesoureiro da Casa da India, do primeiro anno do seu Bispado, que acaba em fim de Janeiro do anno que vem de 1552. E por tanto não ha de haver pagamento dos 2008 rs. no dito primeiro anno. A 7 de Dezembro de 1551. André Soares.

Concedeu o governo ao primeiro prelado do Brazil o ordenado de 500 cruzados annuaes, mas a provisão de 25 de Agosto de 1551 mandou dar-lhe mais cem mil reis annualmente, além dos duzentos mil reis, que já tinha.

Outra provisão marcou-lhe a quantia de vinte mil réis cada anno, do dia que chegasse a sua diocese, para um pregador.

O primeiro pregador da Sé foi o padre Gomes Ribeiro, antigo capellão do rei, e que viera com o bispo.

Ordenou o alvará de 10 de Dezembro de 1551 que se dêsse embarcação ao prelado quando fosse em visita.

Pela provisão de 17 de Agosto de 1552 nomeou D. Pedro Fernandes os primeiros capellães e moços do côro.

Os capellães foram João de Varzea, Martim Soares, irmão do vigario da Sé e Bastião Pereira,

«por não achar ao presente, resa a provisão, outros sufficientes que possam encher o numero.» Devião ser seis.

Em moços do còro foram providos João filho de João Velho, e Diogo filho de Matheus de Juro moradores nesta cidade, accrescenta a provisão.

Em carta de 22 de Setembro de 1552 dirigida por D. João III a Thomé de Souza recommendou-lhe que mais perto que podesse ser da Sé ou pegadas com ella, construísse duas casas para o diocesano. Expressou-se assim o rei:

«Muito vos agradecerei fazerem-se as ditas casas com a mais brevidade que puder ser, as quaes terão ao redor de si um xão, em que se possa fazer quintal e jardim.»

Escriptores antigos e modernos dão ao primeiro bispo o nome de Pedro Fernandes Sardinha, mas nas provisões, livros de registros e outros documentos, que compulsamos, não encontramos o sobrenome Sardinha. Frei Vicente do Salvador o chama apenas de D. Pedro Fernandes, e no tratado escripto pelo irmão do prelado, Alvaro Gomes, intitulado—*De Conjugio Regis Angliæ cum relictâ fratris sui*,—impresso em Lisboa em 1551, vê-se no fim um prologo sob o titulo *Petrus Fernandus electus Episcopus Braziliensis candido lectore Idibus Martii 1551*.

Diz Barbosa Machado que o bispo muito concorreu para a composição deste livro do seu irmão.

Succedeu a Thomé de Souza no governo do Brazil D. Duarte da Costa, que chegou á Bahia em 13 de Julho de 1553, trazendo comsigo dezeseis jesuitas, entre os quaes José de Anchieta, que pelas suas virtudes e saber mereceu a denominação de Apostolo de Novo Mundo.

Os indios e emboados na capitania de S. Vicente o chamavão Nosso Pae, o bispo D. Pedro Leitão—de Servo de Nossa Senhora, e Simão de

Vasconcellos—de Sol da America, Luz da gentildade, Honra da Companhia, Gloria dos seus irmãos e Exemplar dos Missionarios.

Procurou D. Duarte tratar bem o bispo «não só, expende elle em carta ao rei, assim por sua dignidade e meu cargo, como por Vossa Alteza m'o encommendar.»

«Não era facil a missão do bispo, observa Teixeira de Mello, numa sociedade composta de elementos tão disparatados, em que preponderava o uso consuetudinario do indigena mergulhado na sua secular barbaria, mal alumado ainda dos raios vivificantes da civilisação européa, e da religião de Christo; no meio de uma população abandonada ao acaso durante meio seculo, entregues os proprios colonos a toda sorte de vicios, a que não achavão freio na observancia das leis, que só em estado embrionario existião.»

«O clero que então havia na colonia participava da influencia do meio em que vivia.»

Do pulpito começou o bispo a censurar os máos habitos e vicios do povo, impondo penitencias e penas espirituaes e temporaes mais ou menos severas. O seu procedimento levantou opposição e descontentamento.

Escrevendo ao padre-mestre Simão, expende Manoel da Nobrega o seguinte:

«Neste comenos chegou o bispo tanto de nós e de toda a terra desejado, ao qual chegarão logo as vozes dos murmuradores.»

Narra Rocha Pitta:

«Procedia o bispo com rigor contra alguns dos moradores, a quem a liberdade de uma nova conquista tinha feito cúmplices de algum delicto, que podia emendar-se com menor castigo.»

Tinha o governador um filho chamado D. Alvaro da Costa, que em companhia de outros jovens

entregava-se aos prazeres e á vida dissoluta de uma sociedade mal constituida.

Avisou o diocesano a D. Duarte para que admoestasse o filho, mas ou porque não attendesse o governador ás observações do prelado, ou porque o filho não lhe ouvisse os conselhos, começou D. Pedro Fernandes a condemnar na tribuna sagrada os factos, que se davão na cidade depois da partida de Thomé de Souza.

Offendeu-se o governador com este procedimento.

Em carta de 11 de Abril de 1554 para D. João III expende D. Pedro Fernandes :

«Do que me tomou o governador tamanho aborrecimento que nunca mais me passou pela rua, a defendeu a todos seus pargodes, que não entrassem em minha casa, nem me visitassem.»

Relata que D. Duarte favorecera os conegos contra elle, e prendera e carregara de ferros um conego que era de seu partido.

Prosegue o bispo :

«De D. Duarte não sei que dizer senão que tirou cá o rebuço, que lá trazia de virtuoso, e trocou a ordem da policia, porque o pae obedece ao filho, e o filho não tem nenhuma reverencia nem acatamento ao pae, e não se faz na terra senão o que D. Alvaro manda.»

Escrevendo ao rei em 8 de Abril de 1555 queixava-se D. Duarte da Costa de querer o prelado usurpar a jurisdicção real, de ser aspero e cubitoso nas penas que lançava em terra tão nova e pobre, e escandaloso nas grandes excommunhões, que ordenava por pequenas cousas.

Procurara aconselhal-o, mas irritou-se o diocesano e do pulpito e estações começou a fallar contra elle e seu filho.

Tentou fazel-o embarcar para o reino «mas reciei, pondera o governador, que me tivesse Vossa

Alteza em outra conta da que me até aqui teve, e determinei-me de lhe soffrer tudo, porque não lhe achei outro melhor remedio, e não lhe errar pregação nenhuma, e lhe faço a cortezia e honra que lhe fiz quando cheguei a esta terra.»

Informado da conducta irregular de D. Alvaro da Costa communicou D. João III por carta ao governador que muito se descontentara com o procedimento do seu filho, a quem não castigara em consideração de occupar seu pae o cargo de governador da colonia.

Enviou D. Duarte o filho a Portugal participando a el-rei que assim procedia para que seus inimigos não dissessem e escrevessem outras cousas peiores por onde parecesse que ambos mereciam ser castigados, e para requerer a sua ida para o reino, o que muito desejava por sua consciencia e saude.

Pedia que mandasse tirar devassa de seu filho por pessoa sem suspeita, e accrescentava:

«Perguntem-se aos padres de Jesus, aos quaes se não esconde nada, e a todo povo desta terra, tirando pessoas que aqui castiguei, que são tres ou quatro, e se achar delle cousa mortal mande-o castigar como merecer e a mim tambem.»

Terminando esta carta datada da cidade do Salvador a 20 de Maio de 1555 confessava ao rei o seguinte:

«Tenho dez filhos e filhas, mulheres em idade para casar, e minha mulher muito mal disposta, e eu o fico em extremo de disposições, de que foi mister bem curado, como lhe meu filho dirá; não vim a esta terra por cobiça nem por vaidade de honra, nem em idade para folgar de ver mundos novos, (tinha então 51 annos) só o amor do vosso serviço me trouxe sem conselho de parente, nem de ninguem; peço por mercê a Vossa Alteza que a mercê que eu por isto mereço seja mandar-me ir ao tempo que me Vossa Alteza limitou, porque se não

tivera delle já tão pouco por correr, ainda lhe pedira que m'o encurtara, por não estar na conversação do bispo, porque com todo homem me concertara, ainda que fôra diabo, sinão com elle, e este pouco tempo que me fica daqui até Maio para cumprir os tres annos, eu trabalharei que o não gaste todo nesta Bahia, por me excusar de tão terrível conversação.»

Parece que os jesuitas tambem não presavão a D. Pedro Fernandes, pois em carta do padre Manoel da Nobrega de 5 de Julho de 1559, posto que julgue o prelado homem virtuoso e zeloso da reforma dos costumes, accusa-o de *se dar pouco quanto ao gentio e a sua salvação*, de quem não se considerava bispo.

Era talvez o diocesano rigoroso em suas medidas e violento em suas expressões. Transformava a cadeira da igreja em tribuna de accusação, quando era dalli que a sua palavra sagrada podia acalmar e guiar os espiritos. O atraso moral e religioso da população reclamava calma e prudencia, e mais suavidade do que rigor. Accresce que transpondo os limites da sua jurisdicção exigia o governador as prerogativas do poder real, resultando dahi a luta entre as duas supremas auctoridades da colonia, e formando-se dous grupos, um que apoiava o bispo, outro que defendia o governador.

Em uma de suas cartas relatava D. Duarte da Costa o seguinte:

«E mande-se Vossa Alteza bem informar de como é cortez nos pulpitos e nas estações ao vosso governador e aos vossos officiaes, porque estes são os lugares que o bispo toma para sua vingança, e nestes se não faz nesta terra até agora nenhum serviço a Nosso Senhor, mas nascem do que nelles diz grandes escandalos e prejuizos. Dos padres de Jesus pode Vossa Alteza saber como são delle tra-

tados, e como os ajuda com suas esmolas, e com os favorecer de fóra.»

Attendendo talvez ás queixas do governador, e querendo cortar a lucta entre o poder civil e o religioso, que tanto prejudicava a colonia, o rei chamou o bispo a Portugal.

Em uma carta de Manoel da Nobrega ao padre Ignacio conta elle:

«Por este navio que veio soubemos como El-Rei mandava ir o bispo de cá; e creio que já o não acharei na Bahia.»

Em 2 de Junho de 1556 partio da cidade do Salvador D. Pedro Fernandes. Ia na nau N. Senhora da Ajuda em companhia de Antonio Cardoso de Barros, que viera com Thomé de Souza como provedor-mór, dous conegos, duas mulheres honradas, como se expressa frei Vicente do Salvador, muitos homens nobres e outra muita gente, que por todos erão mais de cem pessoas.

Depois de quatorze dias de viagem surgio grande tormenta, que, arrebatando ancoras e amarras, fez o navio sossobrar na enseada chamada dos Francezes, entre os rios S. Francisco e Coruripe. O visconde de Porto Seguro e Joaquim Caetano da Silva dizem que o naufragio deu-se nos baixos chamados de D. Rodrigo, quasi a foz do Rio Coruripe, algumas leguas ao norte do Rio de S. Francisco, no actual Estado de Alagoas.

Si salvarão-se do sinistro não livrarão-se os naufragos dos Cahetés, indios antropophagos, que conduzindo-os para um local um pouco mais ao norte, na margem esquerda do rio S. Miguel, os mataram e devoraram. Escaparam apenas dous indios, que ião da Bahia, e um portuguez que sabia a lingua do gentio.

Tratando deste acontecimento em carta de 10 de Junho de 1557 expende o padre Blasquez o seguinte:

«Isto é em summa, reverendo padre, o que o anno passado de 1556 escrevemos em a nau em que ia o bispo, a qual se perdeu sessenta leguas desta cidade, não escapando della senão dez pessoas, porque os outros todos os matarão os indios, e segundo seu costume, os comerão; agora está esta cidade sem bispo bem triste e desconsolada.»

Parece mais veridica a opinião de frei Vicente do Salvador, quanto aos tres indivíduos, que poderam livrar-se por conhecerem a linguagem dos indios.

O bispo pereceu em 16 de Junho de 1556, data sobre a qual não pode existir duvida, pois no traslado da provisão *por que S. A. fez Mercê ao Bispo, Dignidades, Conegos, Capellães da Sé desta cidade (Bahia) dos Diximos das Miúças das Capitánias desta costa por tempo de cinco annos*, ha a seguinte postilla:

«O Bispo D. Pedro Fernandes falleceu a 16 de Junho de 1556. Certifico assim e puz esta Verba, eu Sebastião Alz'. Escrivão da Fazenda. O derradeiro de Dezembro do dito anno. Sebastião Alz'.»

A morte prematura e desastrosa de D. Pedro Fernandes deixou vago o solio episcopal do Brazil, vindo reger a igreja, como visitador e commissario geral, o Dr. Francisco Fernandes.

Si pode haver neste ligeiro trabalho algum merecimento será pela concatenação dos factos sobre o assumpto, que merece estudo e culto, e tambem por ficarem fóra de duvida certos pontos concernentes a esta simples chronica. Assim deixamos especificada a bulla de 25 de Fevereiro de 1551 da criação do bispado e nomeação do prelado, a sua apresentação e confirmação por carta de D. João III de 4 de Dezembro de 1551, a partida do diocesano de Portugal para o Brazil em 24 de Março de 1551, a chegada á cidade do Salvador em 22 de

Junho do mesmo anno e a sua morte em 16 de Junho de 1556.

Além de outros factos relativos á vida de D. Pedro Fernandes, que registrámos, vimos ser este o nome, que vem nas provisões, livros de registros e mais documentos, julgando nós que deve ser o adoptado na historia.

A catastrophe, que causou a morte de D. Pedro Fernandes e de seus companheiros, é um dos factos tristes e dolorosos dos tempos coloniaes.

Alquebrado de annos, pois contava mais de sessenta, torturado por ver o martyrio e morte dos que o cercavão, devião de ser cruciantes os ultimos momentos do primeiro bispo do Brazil. Mergulhando o olhar no céu, e balbuciando sem duvida ardente prece a Deus, pereceu D. Pedro Fernandes.

Sejão estas palavras uma homenagem á memoria desse infeliz sacerdote, o primeiro que cingio a mitra no Brazil, e dos seus desgraçados companheiros trucidados pelos indios, ha mais de tres seculos, em uma praia deserta do territorio brasileiro.

FIM

Rio de Janeiro 12 de Dezembro de 1899.

MOREIRA DE AZEVEDO.

OBRAS CONSULTADAS

Apontamentos para a Historia dos Jesuitas no Brazil, pelo Dr. Antonio Henriques Leal.

Annaes da Bibliotheca Nacional.

Ephemerides Nacionaes, de Teixeira de Mello.

Historia do Brazil, de Rocha Pitta.

Historia Geral do Brazil, do Visconde de Porto Seguro.

Simão de Vasconcellos, *Chronica da Companhia de Jesus*.

Historia do Brazil, de Frei Vicente do Salvador.

Ephemerides, de Abreu e Lima.

Direito Civil Ecclesiastico Brasileiro, de Candido Mendes.

Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomos 5, 6, 14, 34, 49, 43, 40, 52.

Pedro de Mariz, *Dialogos*.

Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*.

Agiologio Lusitano, pelo licenciado George Cardoso.

Frei Antonio Roman.

Tratado Descriptivo do Brazil, por Gabriel Soares.

Historia das Luctas com os Hollandezes no Brazil, pelo Visconde de Porto Seguro.

Livro de Provisões Ecclesiasticas, manuscripto existente na Bibliotheca Nacional.

GEOLOGIA DA BAHIA

Notas sobre a geologia ao longo da Estrada de Ferro
Bahia e Minas

POR

John C. Branner (1)

EM Setembro de 1899 realisei duas excursões pela Estrada de Ferro Bahia e Minas, no intuito de adquirir algumas noções sobre a geologia da região por ella atravessada. As observações seguintes foram colhidas durante estas duas excursões, e, não obstante os seus manifestos defeitos, são publicadas como contribuição para a geologia duma parte pouco conhecida do Brazil.

Comquanto as invesgitações geologicas feitas em estradas de ferro sejam proverbialmente pouco fidedignas, as presentes foram effectuadas em circumstancias especialmente favoraveis. O Director da Estrada de Ferro (2), do qual fui hospede quando ali estive, fazia gentilmente parar o trem sempre que eu o desejava, sem contar muitas outras paradas nas estações, para inspecção e devidas á que-

(1) O original desta interessante monographia appareceu, em 1899, nos *Proceedings of the Washington Academy of Sciences*, Vol. II, pp. 185—194, e a presente traducção do inglez é do socio correspondente Alfredo de Carvalho.

(2) Confesso-me summamente penhorado pelas muitas amabilidades com que me distinguio, com referencia a esta excursão, o Dr. João Bley Filho, de Théophilo Ottoni, digno Director da E. de F. Bahia e Minas.

da de troncos de arvorêdos ou de postes telegraphicos atravez da linha. Afim de melhor poder observar a geologia toda a excursão foi feita muito vagarosamente e durante o dia.

As unicas observações geológicas anteriores sobre a região atravessada por esta Estrada de Ferro foram as feitas por Hartt que, em 1866, foi de Santa Clara a Theophilo Ottoni pela estrada de rodagem então recentemente aberta, que atravessa a região algumas leguas ao sul da Estrada de Ferro e corre parallela a esta até proximo ao seu extremo, onde ambas, a estrada de rodagem e a de Ferro, se acham no valle do Rio Todos os Santos (3). Hartt falla das rochas crystallinas como gneiss veiado de granito.

A Estrada de Ferro Bahia e Minas deixa a costa maritima em Ponta d'Areia, a estação inicial, proximo á cidade de Caravellas, no Estado da Bahia, e percorre em direcção quasi que a oeste até a cidade de Theophilo Ottoni (outr'ora chamada Philadelphia), no Estado de Minas-Geraes, uma distancia de 376 kilometros. A região atravessada consiste de tres zonas bem definidas: uma planice costeira chata, uma zona de taboleiros, em parte coberta de florestas e em parte de campos, e a região das rochas crystallinas.

Ao longo dos dez primeiros kilometros a linha passa por uma planice costeira, chata e arenosa, que se eleva apenas de menos de tres metros acima da preamar. O ponto mais alto medido nesta planice costeira está, proximo á povoação Barra de Caravellas, 2,™ 20 acima do nivel da preamar. E' possivel que existam logares um pouco mais elevados na cidade de Caravellas.

Em Ponta de Areia o terreno mais alto está

(3) *Geology and Physical Geography of Brazil*, by C. F. Hartt, Boston, 1870, pp. 129—134.

somente um metro acima do nível da preamar. As mudanças de nível na superfície da planice são habitualmente ou muito suaves ou muito abruptas, sendo as encostas extensas, planas e imperceptíveis dum lado e descendo abruptamente do outro. O solo da zona costeira é todo arenoso. Na superfície acha-se escurecido pelo accumulo de detritos vegetaes, mas de dous a seis decímetros abaixo a areia tem o colorido de varios ancenubios do amarello e algumas vezes quasi côr de laranja. É digno de nota a este respeito que os grandes bancos de areia, em frente á foz do Rio Caravellas, têm a mesma côr amarella. Em muitos logares onde foram excavados poços nestas areias da zona costeira, foram extra-hidas grandes quantidades de conchas marinhas, emquanto que em outros logares as formigas e outros animaes cavadores trouxeram á superfície do sólo destas conchas ou seus fragmentos. Em dous logares encontrei pedaços de coral na areia tirada dos taes poços. Um delles era um fragmento de *Heliastrea aperta* do tamanho dum punho, um coral que cresce abundantemente nos grandes recifes de coral da costa; o outro era um pequeno specimen da pequena *Astrangia solitaria*; ostras e outros bivalves, vermetidõe e gasteropodes são abundantes nesta areia. Os restos de molluscos achados nas areias desta planice costeira têm apparencia muito similar á dos que actualmente vivem ao longo da costa, mas, na falta de collecções, quér dos fosseis quér da fauna costeira existente, nenhuma opinião pode ser expendida com relação á idade geologica precisa da planice costeira. Pode ser Pleoceno, Pleistoceno ou recente.

Além do kilometro 10 a Estrada de Ferro passa gradualmente da baixa planice costeira arenosa para os campos abertos e arenosos.

As areias soltas ao longo desta secção da linha são brancas e têm o aspecto de haverem filtrado

aguas aciduladas. A região é quasi plana e apenas pouco mais elevada do que a planice costeira. As unicas rochas visiveis são grés pretos tenros que affloram nos cortes aos lados da linha; grés similares são encontrados em muitos logares ao longo da costa nordéste do Brazil, sempre em niveis baixos, sendo habitualmente pretos ou côr de rapé, e toda vez que a sua correlação com as rochas visinhas é apparente, ellas descançam inconformavelmente de encontro aos ou sobre o Eoceno (?) eruido.

Na cidade de Caravellas este grés é occasionalmente empregado em muros de arrimo; fui informado que todo elle era trazido em canoas de varias milhas rio acima, só podendo ser extrahido na baixa-mar; nunca foram encontrados fosseis nestes grés pretos; na linha da Estrada de Ferro os grés pretos se acham aqui e ali do kilometro 10 até perto do kilometro 18.

No kilometro 19 a linha rasga um córte de tres a quatro metros numa lombada baixa de argilla arenosa vermelho clara, que presumo ser a margem occidental approximada dos sedimentos do Eoceno (?). Deste ponto até depois da Serra dos Aymorés a Estrada por sobre jazidas de materiaes mais ou menos similares; consideramos, com alguma duvida, estas jazidas como referentes ao Eoceno (?) por causa das observações colligidas mais ao norte nos Estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, etc. Ao longo da linha da Estrada de Ferro de Bahia e Minas não foram encontradas jazidas fossilíferas; mas, a apparencia geral e as relações estructuraes destas series correspondem ás porções decompostas do Eoceno. (?) Nesta região as jazidas do Eoceno (?) são brancas, amarellas, côr de rosa, vermelhas, de varios ancenubios de cinzento e mosqueadas; constam na maioria de grés tenros e argilas arenosas; sómente em poucos logares formam

estes grés rochas duras: no nível entre Peruhype e Helvetia, perto do kilometro 68; na vizinhança do kilometro 136, 5, perto do Pasto do Godinho, e proximo á caixa d'agua, no kilometro 141, 5, onde o grés tem uma espessura de quatro a seis pés. Em muitos logares as partes superiores das jazidas contêm blocos irregulares de ferro ou de areia cimentada com ferro, do tamanho de dous punhos; estas jazidas sedimentares são tão geralmente horizontaes que em parte alguma ao longo da linha ha apparencia de pendor; entretanto as altitudes da Estrada de Ferro demonstram a existencia dum suave pendor para o lado da costa. As jazidas do Eoceno (?) continuam até e além da Serra dos Aymorés, terminando no kilometro 160; a área do Eoceno (?) forma extensos campos abertos ou «pre-rias», despidas de arvores, cobertas duma vegetação escassa e rachitica, mas, em alguns pontos semeadas de pequenas «ilhotas» de florestas; em outras partes da jazida de Eoceno (?) crescem algumas das mais bellas florestas que vi no Brazil. As grandes florestas começam perto do kilometro 73 e estendem-se quasi até Theophilo Ottoni, no kilometro 376.

Grande numero de troncos de esplendido pau-rosa e jacarandá apodrecem ao longo da linha, e nas florestas abundam estas preciosas madeiras.

A estação de Peruhype (kil. 65), junto ao rio do mesmo nome, acha-se na altitude de apenas seis metros acima do nível do mar, emquanto que o fundo do rio, onde a Estrada de Ferro o atravessa cerca dum terço de kilometro além da estação, a cóta é de apenas 0,50 acima do nível do mar. Para chegar a este ponto a Estrada de Ferro faz uma grande volta a fim de evitar os pantanos e alagados das vizinhanças de Caravellas, e, depois de atravessar as collinas do Eoceno (?) numa altitude de

estes grés rochas duras: no nível entre Peruhype e Helvetia, perto do kilometro 68; na vizinhança do kilometro 136, 5, perto do Pasto do Godinho, e proximo á caixa d'agua, no kilometro 141, 5, onde o grés tem uma espessura de quatro a seis pés. Em muitos logares as partes superiores das jazidas contém blocos irregulares de ferro ou de areia cimentada com ferro, do tamanho de dous punhos; estas jazidas sedimentares são tão geralmente horizontaes que em parte alguma ao longo da linha ha apparencia de pendor; entretanto as altitudes da Estrada de Ferro demonstram a existencia dum suave pendor para o lado da costa. As jazidas do Eoceno (?) continuam até e além da Serra dos Aymorés, terminando no kilometro 160; a área do Eoceno (?) forma extensos campos abertos ou « pre-ras », despidas de arvores, cobertas duma vegetação escassa e rachitica, mas, em alguns pontos semeadas de pequenas « ilhotas » de florestas; em outras partes da jazida de Eoceno (?) crescem algumas das mais bellas florestas que vi no Brazil. As grandes florestas começam perto do kilometro 73 e estendem-se quasi até Theophilo Ottoni, no kilometro 376.

Grande numero de troncos de esplendido pau-rosa e jacarandá apodrecem ao longo da linha, e nas florestas abundam estas preciosas madeiras.

A estação de Peruhype (kil. 65), junto ao rio do mesmo nome, acha-se na altitude de apenas seis metros acima do nível do mar, enquanto que o fundo do rio, onde a Estrada de Ferro o atravessa cerca dum terço de kilometro além da estação, a cóta é de apenas 0,50 acima do nível do mar. Para chegar a este ponto a Estrada de Ferro faz uma grande volta afim de evitar os pantanos e alagados das vizinhanças de Caravellas, e, depois de atravessar as collinas do Eoceno (?) numa altitude de

sessenta metros, volta a achar-se quasi que ao nivel do mar.

As collinas ao longo do Rio Peruhype têm cerca de trinta metros de altura, os topos achatados, e descem para o rio em encostas de 35o de inclinação. Além da estação de Peruhype a Estrada de Ferro galga de novo o cume do planalto sedimentar. No kilometro 67 um córte apresenta bem as usuaes jazidas horisontaes, mosqueadas ou coloridas, numa profundidade de cerca de dez metros; no kilometro 69 a linha acha-se novamente nos campos abertos do topo do planalto, e d'ahi até o kilometro 73, quando a Estrada de Ferro penetra nas florestas, continuam os campos. O topo do planalto (kil. 72-73 perto da estação Helvetia, é mais ou menos ondulado, mas, na realidade consta dum taboleiro plano atravessado por boqueirões e valles, visiveis apenas de muito perto.

No kilometro 128 a Estrada de Ferro desce a um pequeno valle rasgado nas jazidas do Eoceno (?). As jazidas que affloram nos córtes são as usuaes argilas amarellas, vermelhas e mosqueadas; algumas contêm blocos endurecidos com ferro, de um metro e mais de diametro. No kilometro 132,5 a Estrada de Ferro alcança o fundo dum pequeno valle estreito, num logar chamado Pasto do Godinho; ali as torrentes alluviaes romperam atravez das jazidas sedimentares, fazendo afflorar algumas pequenas bossas arredondadas das antigas rochas crystallinas subjacentes; estas affloram apenas na extensão de perto dum kilometro. A Estrada de Ferro continúa atravez das rochas do Eoceno (?); o ponto culminante na passagem da Serra dos Aymorés é perto do kilometro 155 (4). Durante

(4) Infelizmente a tabella das altitudes ao longo da Estrada de Ferro não pôde ser encontrada quando estive no escriptorio do Director. Na *Memoria descriptiva sobre a Estrada de Ferro Bahia e Minas*, por M. de Teive e Argollo, Rio de Janeiro, 1883, encontrei as altitudes até o kilometro 138, enquanto que a altitude de Theo-

alguns kilometros ao longo do divisor das aguas da Serra dos Aymorés não ha affloramentos de rochas, e é impossivel determinar com precisão onde terminam as rochas sedimentares. No kilometro 160, entretanto, as rochas crystallinas apparecem no fundo dum boqueirão, e, como ali occorrem seixos de grés misturados com blocos de quartzo-monzonitico, parece provavel que este logar esteja proximo da margem dos sedimentos do Eoceno (?), e que a Serra dos Aymorés, onde é atravessada pela Estrada de Ferro, seja revestida pela delgada margem interna destes sedimentos.

A região é coberta por uma espessa floresta, e só occasionalmente é possivel obter golpes de vista sobre a topographia das adjacencias; mas, estes golpes de vista são suggestivos: num ponto (kil. 145) vê-se á direita da linha um pico muito agudo emergindo quasi verticularmente do seio das florestas circumjacentes; mais adiante um outro pico elevado é visivel da Estrada de Ferro, tambem ao norte da linha. Estas montanhas têm todas o mesmo aspect arredondado e exfoliado tão caracteristico dos picos de rochas crystallinas do Brazil.

A Serra dos Aymorés é um prolongamento da Serra do Mar ao longo desta parte da costa brasileira. Vista do Oceano apresenta-se com o vulto duma grande cadeia de montanhas, dilatando-se de 16° a 21° 30' de latitude S.; é, pois, um facto digno de interesse achar a Estrada de Ferro atravessando esta Serra sobre sedimentos horisontaes. Comtudo a explicação desta anomalia parece consistir em que ao passo que estas jazidas do Eoceno (?) entestam com o renque principal da Serra dos Aymorés,

philo Ottoni vem mencionada no livro de Hartt. No percurso em que a Estrada de Ferro acompanha o rio, donde primeiro attinge o Mucury, o perfil é representado em nivel deste logar até Theophilus Ottoni.

neste ponto particular o amago da Serra é representado sómente por poucos picos isolados que emergiam d'agua como ilhas quando os sedimentos foram depositados. O curso seguido pela Estrada de Ferro é portanto uma especie de brecha aberta no renque da antiga serra, que apenas é representada por estes picos elevados.

A partir do kilometro 160, onde a Estrada de Ferro desce a vertente occidental da Serra, os afflo-ramentos de rochas crystallinas se tornam cada vez mais frequentes, até que, no estreito valle entre o divisor das aguas e o Mucury, as jazidas do Eoceno (?) desapparecem completamente, e as collinas de ambos os lados são todas de rochas crystallinas, que continuam até proximo á cidade de Theophilo Ottoni. O Professor H. W. Turner, da Commissão Geologica dos Estados Unidos, teve a gentileza de examinar as amostras de rochas colhidas durante esta excursão; a encontrada no lugar acima mencionado foi por elle denominada—*quartzo-monzonitico*—acrescentando que é a rocha á qual a maioria dos petrographos dá o nome de *gabbro*.

No kilometro 171 a Estrada de Ferro chega ás margens do Rio Mucury; este curso d'agua corre em quasi toda a sua extensão num leito de rochas crystallinas grosseiras, principalmente de *gabbro* ou *quartzo-monzonitico*.

O valle immediato do Mucury, na caixa d'agua Sete de Setembro, perto do kilometro 172, tem pouco mais de meio kilometro de largura no fundo, e as collinas se elevam de ambos os lados á altura de cem metros ou pouco menos. Em toda a sua extensão este valle permanece estreito, e os seus flancos são muito íngremes e densamente arborisados; sómente proximo ás cabeceiras alargam-se um pouco estes valles. No kilometro 188 a Estrada de Ferro passa para a margem direita do rio, que continúa a seguir

até chegar a Theophilo Ottoni. Na estação Mayrink as rochas são de quartzo-monzonítico e de grés grosseiramente granulado; no leito do rio ha bons affloramentos indicando que a seriação das rochas tem a direcção de N 25° E.

Desde onde a Estrada de Ferro penetra no estreito valle do Mucury, no kilometro 172, até o kilometro 345 as rochas são todas ou quartzo-monzoníticos, gneisses ou granitos, predominando as primeiras.

Não me foi possível verificar o qué que fôsse com referencia á idade relativa destas rochas crystallinas.

O leito do Rio Mucury consta por toda parte destas rochas massiças. Aqui e ali affloram aos lados do estreito canal do rio, collinas destas rochas calvas e arredondadas, e enormes blocos exfoliados são abundantes por toda a area das rochas crystallinas.

Ha bellos exemplos destes blocos em Bias Fortes, kilometro 308. Na parte inferior da faxa crystallina as rochas têm um aspecto muito mais recente do que mais para o interior. Amostras colhidas no kilometro 281 e na estação Francisco de Sá, kilometro 290, foram descriptas pelo Professor Turner como quartzo-monzoníticos.

Em Bias Fortes as rochas são de novo quartzo-monzoníticos.

No kilometro 344 e no kilometro 363 são visiveis picos escalvados de rochas crystallinas exfoliados, elevando-se de 100 a 150 metros acima do valle, ao lado direito da linha. Proximo ao kilometro 345 ocorre uma pronunciada mudança geologica. Os quartzo-monzoníticos desaparecem inteiramente; as rochas não têm mais o aspecto recente nem a contextura grosseira das anteriores, mas são gneisses profundamente decompostos e de granulação fina.

No kilometro 355 a mudança é ainda mais accentuada, porquanto deste ponto a Theophilo Ottoni as rochas são principalmente micas e outros schistos, muito falhados, enrugados e atravessados por veios. Todas estas rochas se acham tão decompostas que raramente se observa uma face de rocha dura nos muitos córtes da Estrada de Ferro; setenta e cinco metros antes da estação terminal de Theophilo Ottoni existe um corte, de dez metros de altura, aberto em schistos decompostos e falhados, semeados de pequenos veios de quartzo.

A cidade de Theophilo Ottoni assenta num terreno assaz accidentado, e as suas ruas acompanham a direcção de estreitos valles entre as collinas. Aqui e ali foram abertos fundos córtes nas encostas inferiores destas collinas para nivelamento das ruas ou construção de casas. Por toda parte estes córtes são em rocha, decomposta *in situ*, e a terra é tão molle que em qualquer parte se póde metter nella uma faca; entretanto a terra sustenta-se em muralhas perpendiculares, semelhantes a muros de pedra ou de tijolo, atravez de todas as vicissitudes climatericas dos tropicos.

Os terrenos das regiões circumjacentes apresentam varios ancenubios de vermelho e amarello.

Antes de realizar a excursão a Minas-Geraes por esta Estrada de Ferro, encontrei um dia nas vizinhanças da estação inaugural de Ponta d'Areia, misturados com pedaços do quartzo-monzonitico tão abundante ao longo do Mucury superior, dous fragmentos de calcareo azul do tamanho appproximado de dous punhos. Estes fragmentos continham os seguintes fosseis: *Lingula umbonata* Cox, *Ortheles* sp., pedaços de crinoides, um pedaço duma *Pleurotomaria* e varios fragmentos de conchas pertencentes ás *Rhynchonellacea*. Muitas destas formas, tanto quanto é possível identifical-as, vão do Siluriano ao Carbonifero superior, enquanto

que a *Lingula* se acha apenas nos Carboniferos inferior e superior. Procedi a diligente inquerito com relação á origem destes pedaços de calcareo e fui informado que taes rochas são communs ao longo de todo o Mucury acima de Sete de Setembro.

A esperança, pois, de encontrar estes calcareos fossiliferos *in situ* foi o principal motivo de emprehendermos a excursão a Theophilo Ottoni.

Depois do que fica dito sobre a geologia da região é quasi ocioso acrescentar que estas jazidas fossilíferas não foram encontradas, apesar da constante attenção com que, dum ao outro extremo da Estrada de Ferro, procuramos descobri-las nos affloramentos naturaes, nos córtes e no lastro do leito da linha. Cumpre adduzir que outros fragmentos de materia similar não foram encontrados nos calçamentos de pedras e nos muros da antiga cidade de Caravellas, ou alhures nas visinhanças de Ponta d'Areia e de Barra de Caravellas.

Na realidade não se pode affirmar positivamente que estes fosseis não provenham do Rio Mucury, mas não creio que alli fossem originariamente encontrados; na minha opinião os fragmentos que os continham viéram para Ponta d'Areia em um navio dum outro porto. Fui informado de que a oeste de Theophilo Ottoni, na zona dos schistos decompostos, queimam calcareo para fazer cal, mas estas rochas parecem ser marmores. Não se tem encontrado fosseis nas series de schistos brasileiros, mas estas têm geralmente sido consideradas como pertencentes ao Paleozoico mais antigo, possivelmente ao Siluriano.

Com relação á idade dos quartzo-monzoniticos e as outras rochas crystallinas de aspecto mais recente, mais proximas da costa, não possúo dados sobre os quaes possa assentar uma opinião.

CONCLUSÃO

A secção atraz descripta consta duma serie de jazidas Mesozoicas recobrimdo antigas rochas crystallinas.

A questão da idade dos sedimentos não pode ser aquí discutida ; é um problema demasiado vasto para ser tratado brevemente. Sem descer a detalhes é sufficiente dizer que a evidencia parece indicar as seguintes conclusões :

I.—A bacia da Bahia, anteriormente considerada como pertencendo ao Cretaceo, é provavelmente do Eoceno, do Terciario ou do Laramie.

II.—As jazidas parcialmente coloridas ao longo da costa, dantes provisoriamente relacionadas com o Terciario, são as mesmas do Eoceno da Bahia.

III.—Os sedimentos são de origem d'agua doce.

IV.—Não foram encontrados fosseis na secção ao longo da Estrada de Ferro Bahia e Minas, mas parece provavel que estas jazidas sejam a continuação meridional das jazidas da Bahia.

PAGINA DE HISTORIA

O Campo Grande da Bahia—Sua origem—Divida de honra

Pouco conhecida, mesmo de bahianos, é a historia da actual praça *Duque de Caxias*, outr'ora denominada *Campo Grande*, que hoje ostenta, arrogante e *indevidamente*, o bello monumento de marmore e bronze, commemorativo da maior data bahiana, attestado aos vindouros das gloriosas pugnas travadas pela independencia de nossa Patria.

Quantos, dentre os filhos desta capital, aqui nascidos, aqui educados, terão noticia de haver existido aqui um homem, um padre, de nacionalidade estrangeira, que fez do *Campo Grande* o que elle hoje é, sem medir sacrificios, com louvavel e rara abnegação, pondo sua intelligencia e superior actividade ao serviço de terra estranha, cujos filhos nem o nome, siquer, conhecem do grande bemfeitor?

Modestamente atravessou a vida, como esquecido morreu, o reverendo Eduardo Parker, e com elle as suas boas obras!

A idéa de prestar minha homenagem de bahiano a esse distincto inglêz, pela convicção em que estou de muita gente não ter o menor conhecimento d'elle, como não tem da historia do nosso *Campo Grande*, assumpto de pouca ou nenhuma importancia, bem o sei, para os espiritos da epoca,

em que predominam o indifferentismo e os sentimentos de todas as paixões egoisticas, geradoras da inveja, do despeito e do odio—trindade malefica—destruidora das boas obras e nobres acções sociaes,—essa idéa compelle-me, a mim, que me não sinto, felizmente, avassallado pela supremacia do Eu, a deixar aqui registada a historia da referida praça.

Não é preciso ir muito longe procurar a nobre estirpe do *Campo Grande* da Bahia: basta indagar-se o que era elle ainda ha poucos decennios.

Ha cincoenta annos, quando a Camara Municipal se dignou de olhar para aquellas paragens, existia uma grande e profunda valla, *tão rasa*, que nella edificada uma casa, como as existentes no caes do Pedroso, sua cumieira não se elevaria acima do nivel do actual chão do nobre campo.

Era simplesmente continuação do valle que corre entre a Victoria e o Canella, e se avança até quasi ao logar onde se erguem as casas cujos fundos dão para o fôssco do forte de *S. Pedro*.

De natureza frouxa, corria nas exurradas tanta terra por esse valle abaixo, que constantemente era ameaçado o estreito caminho, então existente, unindo a estrada da Victoria á ladeira do forte de *S. Pedro*; e, assim, ao proprio forte desse nome, obedecendo ás leis dos caminhos da Bahia, que mandam desprezar todo e qualquer nivellamento.

O furioso valle, na faina de tudo destruir, ameaçava constantemente cortar a propria rua da Victoria, com imminente perigo do transito publico, querendo como separar a velha povoação do Pereira da cidade por Thomé de Souza fundada em 1549.

Em taes condições, deliberou a Camara Municipal dar principio ao entulho do dito valle, man-

dando rebaixar o terreno do lado em que hoje está edificada a casa do sr. dr. Pacifico Pereira, então muito mais alto, e atirar ao valle a terra que dahi saía, assim como a de toda a vizinhança, que pudesse ser tirada.

Por impericia, porém, dos directores da obra, ou por qualquer outro motivo, o facto é que em breve se exgotaram os meios pecuniarios da Camara, o trabalho parou, e a escavação encetada, mal dirigida, e, finalmente, abandonada, produziu com o decorrer do tempo outras irregularidades, e outros valles foram addicionando-se áquelle grande precipicio, quasi mais perigosos ainda, porque eram nos logares anteriormente de tal ou qual passagem livre.

As aguas da chuva, estagnando-se nesses novos fósos, faziam de sua parte o que podiam, e, assim, não chegar-se-ia a um resultado almejado, si um bahiano, a quem esta terra deve muitas de suas boas obras, o então desembargador e conselheiro Francisco Gonçalves Martins, Presidente da Bahia, se não compadecesse, pelos fins de 1851, de tal miséria.

Por algum tempo hesitou o Presidente em fazer continuar a obra, tornando-a provincial, pela falta de recursos da Camara, receiando a subida despesa que teria de fazer, havendo tantas outras necessidades a attender, como se expressa na fala recitada a 1 de março de 1852, na abertura da Assembléa provincial.

Duas razões, porém, contribuíram para que o illustre bahiano se resolvesse a metter hombros á empreza.

A principal, certamente, foi ter encontrado um homem capaz, por sua actividade e dedicação—o reverendo Eduardo Parker, capellão da Capella Inglesa, naquella epoca simples salão da casa pertencente ao Club Inglês.

Intelligente, disposto e operoso, desenvolveu o reverendo Parker todas essas suas apreciáveis qualidades na empresa de que foi encarregado, de modo a se poder hoje affirmar—ser esse *Campo Grande*—actualmente *Praça Duque de Caxias*—obra desse distincto inglês, cujo nome, entretanto, muita gente desconhece.

Aproveitando o conselheiro Martins a boa disposição de mr. Parker, applicou na execução daquella obra (segunda phase da creação do *Campo Grande*) 120 africanos, dos que tinham sido apprehendidos pelo governo nas cargas dessa *fazenda*, criminosamente importada para o paiz; não, como elle mesmo o diz, porque entendesse haver maior economia no trabalho, não; mas sim para ocupar braços que, ociosos, se agglomeravam nos depósitos e enchiam os hospitaes, sem nenhum resultado de utilidade publica, furtando-se até mesmo aos principios de humanidade.

Para abrir campo desimpedido á actividade do illustre inglês, o Presidente da provincia pôz termo ao embargo que a proprietaria, brasileira, de uma casa tinha posto á obra principiada pela Câmara—mediante indemnisação de dois contos de réis—envez da anterior reclamação da mesma *patriótica* senhora, superior a deseseis contos, prestando-se, assim, a *magna* *cinco* embargante a consentir também no perfeito alinhamento da praça.

Foi orçada a obra em quarenta e tres contos de réis, inclusive a factura de canos, macadamisação dos caminhos e plantação de arvores, com a qual o reverendo Parker tomou o mais louvavel cuidado, comprando com enorme difficuldade sementes que, primeiro, plantava em cacos e balaies, na varanda da casa da capella, regava de suas proprias mãos, mandando buscar na fonte de S. Pedro cargas e mais cargas d'agua, e depois plantava, elle mesmo,

no alinhamento traçado pelo seu gosto esthetico; plantas essas que, pouco e pouco, desenvolvendo-se, podiam, como ha bem pouco tempo ainda, ser admiradas, pela imponente belleza de suas frondejantes e magestosas ramarias, si a derrubada feróz do machado não tivesse tudo devastado, vae para dez annos, afim de não *ensombrarem* a belleza do monumento ao *Dois de Julho*, a erguer-se, então, no campo por ellas occupado.

E dizer-se que tão selvagem excidio foi perpetrado por homens do governo, por homens intelligentes, e que, vivendo em um meio civilisado, dizem querer acompanhar os progressos de paizes cultos, e imital-os nos exemplos apresentados ao mundo de adiantamento scientifico!

Por isso, ao tempo em que, lá fóra, os poderes publicos se empenham em arborisar praças e ruas, como medida hygienica, os de nossa terra, os que dirigem os destinos da Bahia, mandam, sabiamente, devastar as arvores da cidade, de quasi meio seculo de existencia! para plantarem, em substituição, si o fazem, *ricos specimens* de ALGODOEIRO!

Foi o que fizeram no antigo *Campo Grande*, hoje soberba praça *Duque de Caxias*, que dizem ser a *sala de visitas* da Bahia, por estar erguido nesse local o magestoso monumento á memoria dos Patriotas de 1823.

Deceparam os bellos, frondosos e gigantescos arvoredos, plantados e cultivados, com tão grande dedicação e gosto, pelo reverendo Eduardo Parker, em 1852, naturalmente por *anti-estheticos*.

E uma vez consummado o grande attentado, do qual, até hoje, não sei por que felicidade, tem escapado o nosso parque do *Passeio Publico*, circularam extensa area do referido campo—á qual deram o pomposo titulo de JARDIM—com uns travessões de ferro, dispostos em linhas parallelas,

lembrando gradarias de curral, e fecharam a cincoenta cadeados todo o novo *prodigio de belleza* artistica, para que o povo, certamente, não commettesse o sacrilegio de estragar as *delicadas flores* e tão *raras plantas* do monumental jardim, que encerra em seu seio a monumental memoria.

E assim vive o parque *Duque de Caxias*, ha uns pares de annos, dia e noite fechado, isto é, desde o dia em que foi *aberto* ao goso da população, como um dos melhores logradouros publicos desta cidade, excepção feita de certos e determinados dias de festa nacional.

Que ironia, santo Deus!...

Nem mesmo ao proprio estrangeiro que aqui aporta, e pressuroso corre a admirar, por espontanea curiosidade, o afamado monumento, nem mesmo a esse é dado poder approximar-se da notavel obra d'arte, para apreciar-a de perto, porque mãos e pés profanos podem macular a *pureza* daquelle jardim!

Que satisfaça, quem quizer, a sua curiosidade de longe, e não é pouco, porque ainda fazem grande favor em não cobrirem com um panno o monumento, para preserval-o das intemperies do tempo, como é de costume fazer-se com os *bibelots*, nas casas de familia, só rasgando-se o véo em dias de magna solennidade.

Admiração alguma me causaria isso (aliás o contrario é que me tem surprehendido), em uma terra, *pobre Athenas Brasileira!* onde os poderes publicos permitem ou mandam, *ex mero motu*, pintar um chafariz *de bronze*, como pintaram, no outro dia, a titulo de asseio, aformoseamento ou *cretinice*, o da praça *15 de Novembro*, outro monumento d'arte que possuimos, de fino gosto architectonico, e de tão alto valor que figurou na exposição de Paris de 1868; onde mandam murar com tijollos as columnas de cantaria de Lisboa, da orna-

mentação do edificio da nossa Camara Municipal, ficando assim, escondidas, entre columnas quadradas, como si de nenhum valor fossem; onde mandam pintar ou caiar obras outras de cantaria, que emprestam manifesta grandiosidade ás portadas de antigos edificios, palacios coloniaes que ainda possuímos; onde mandam pintar a tinta azul, bem viva, portas, janellas, grades e platibanda de um templo religioso, qual o da *Conceição da Praia*, todo de marmore construido; onde mandam pintar até a columna de bronze do proprio monumento ao *Dois de Julho*, naturalmente para o bronze ficar mais novo; onde, emfim, só me falta vêr mandarem tambem caiar todos os edificios de marmore, entre nós construidos, para ficarem alvos e asseitados!

Bem que necessitavamos aqui de uma sociedade defensora da esthética e mantenedora das leis que presidem ao gosto artistico, *ad instar* da *London Architectural Vigilance Society*: muitas profanações, pelo menos, poderia vedar, para honra nossa.

Eis ahi, em poucas palavras, a historia do nobre donzel que hoje se ufana de ser o primeiro campo da Bahia; porém que ainda está, como ha meio seculo passado, no tempo de Eduardo Parker, virgem de calçamento: no inverno transforma-se em vasto lodaçal, e no verão é poeira de suffocar um pobre ser humano!

Recursos, entretanto, não faltam ao executivo municipal para construir jardins, abrir novas ruas, aformosear a rua Chile e illuminar certa parte da cidade á luz electrica!

E é ahi, em uma praça assim zelosamente cuidada, e com tanto *desvello* aformoseada, que erigiram, INDEVIDAMENTE, o magestoso e importante monumento de marmore branco de Carrara e bronze, o maior, no genero, e mais sumptuoso ainda levan-

tado no Brasil, destinado a perpetuar os feitos heroicos, synthetisados no dia 2 de Julho de 1823!

Para concluir a historia do nosso *Campo Grande*, resta-me somente dizer que depois de entulhado o grande fôssco central da praça, entulhou-se o outro que o separava do *Canella*, rebaixando-se a rua que segue para o *Banco dos Ingleses*; abriu-se a que dahi desce hoje para o mar, para a qual concorreu tambem muito o proprietario Paulo Antonio Quirino, com dinheiro, terreno, pedras e outros materiaes.

Relatada, assim, a origem do *Campo Grande*, para que cada bahiano conheça os homens a quem deve serviços, congreguem-se todos, movidos do nobre sentimento de gratidão, e de mãos dadas aos moradores desse campo e de suas adjacencias, levantem, quanto antes, sinão um monumento, pelo menos modesta *Memoria*, como a existente no largo da *Graça*, ao intelligente, dedicado e laborioso Eduardo Parker, que fez do *Campo Grande* o que elle hoje é, dando-lhe até motivo para ser considerado digno de um monumento da ordem do que lá está erecto.

A *Memoria* a que me refiro, toda de granito da Escossia, erguida, no largo da *Graça*, ao caridoso e popular medico dr. John Ligertwood Paterson, de nacionalidade tambem inglesa, como Eduardo Parker, foi realisada por meio de subscrição publica, que rendeu 11:147\$870, promovida pelos amigos, collegas e clientes seus, e com o concurso, ainda, do Governo Municipal, que, agora mesmo, para maior preito de homenagem, acaba de decretar uma lei, denominando *Rua Dr. Paterson* a da *Alegria*, onde durante muitos annos morou o illustre estrangeiro.

Pois bem; promova-se da mesma sorte uma subscrição popular, para identico fim, e, dest'arte, terá a Bahia saldado uma DIVIDA DE HONRA,

Para a consecução de tão nobre tentamen, não faltam ricos moradores daquelle *fashionable south end* que contribuam com seus copiosos recursos em favor de uma obra de justiça, como digno é de todo homem de sentimentos bem formados e a quem a fortuna, principalmente, facilitou demonstral-os.

Que a iniciativa particular corporise mais esta edificante idéa de reconhecimento civico de um povo, sem pensar um só momento na expontaneidade dos governos, que vivem na politica, para a politica e pela politica.

Em subsequente artigo procurarei demonstrar porque o monumento ao *Dois de Julho* foi INDEVIDAMENTE collocado no *Campo Grande*, assumpto do qual me occupei, pela imprensa, em 1891, quando nesta capital se levantou um plebiscito sobre a praça em que, de preferencia, devia ser erguido.

Será mais outra pagina de historia para o estudo e consideração de competentes, porque sob o ponto de vista historico fundamento meus argumentos—para provar que não cabia ao *Campo Grande* e sim ao *Campo do Barbalho*—o direito á distincção.

Bahia—Dezembro de 1903.

SILIO BOCCANERA JUNIOR.

(Socio fundador e effectivo do Instituto)

A ANTIGA PONTE DE CACHOEIRA

De longos annos a construcção de uma ponte sobre o rio Paraguassú entre a então Villa de Cachoeira e a povoação de S. Felix, hoje cidade tambem, constituia a maior aspiração dos seus habitantes, senão a maior preocupação da sua Camara Municipal.

Tão importante melhoramento, que viria facilitar a communicacção entre os seus habitantes, o desenvolvimento da sua industria, do commercio e da agricultura dos municipios vizinhos e do alto sertão, não mereceu do governo colonial o necessario acolhimento, e muito menos do governo da então provincia da Bahia. Da ponte primitiva não existe hoje o menor vestigio.

Verifica-se, entretanto, pelos documentos, que pela primeira vez são publicados, e por mim compulsados na Secretaria do Conselho Municipal de Cachoeira e no Archivo Publico d'este Estado, que já em 1816 se havia começado a construir uma ponte de madeira no rio Paraguassú, no mesmo lugar em que hoje está assentada a actual ponte de ferro da Estrada de Ferro Central, segundo se diz.

Em sessão da Camara Municipal de 30 de Outubro de 1816, presidida pelo Juiz de Fôra Desembargador Francisco José de Freitas, a que assistiram muitas pessoas gradas, resolve-se levar a effeito a obra projectada por meio de uma Companhia, que ficaria com o direito de cobrar o imposto de portagem ou pedagio, cujo regimento ficou logo

approvado, ou lançar-se uma finta entre todos os habitantes; enviando-se tambem, por intermedio do Conde dos Arcos, um requerimento a D. João VI, a quem se pedia a necessaria auctorisação, e que mandasse levantar a planta da obra por engenheiros.

N'essa mesma sessão ficou resolvido que se requeresse a S. M. para que se dignasse mandar que a Camara da Bahia restituisse á de Cachoeira a quantia de 40.000 cruzados, emprestados ha annos dos dinheiros das terças, por ordem do Governador D. Fernando José de Portugal, para serem applicados na construcção da ponte.

Já em officio anterior, datado de 31 de Julho de 1816, a Camara de Cachoeira allegára ao Governador que tinha sido collectada para reedificação da cidade de Lisboa, destruida pelo terremoto, na quantia de 46:500\$000, pagos em 30 annos, e mais a de 15:500\$000 para a reedificação do Real Palacio d'Ajuda. (*)

A Carta Regia de 14 de Abril de 1818, deferindo a representação da Camara, ordenou que se continuasse na obra da ponte, por meio de uma Companhia, que contribuisse com os fundos sufficientes, a juro de 6 %, arrecadando os direitos de passagem para satisfação dos premios das acções e sua gradual amortisação, «ficando contudo livre o transito em canôas pelo rio para os que se não quizessem aproveitar da ponte».

Ao que parece, esta medida não produziu o resultado desejado, porque tendo a Camara em sessão de 11 de Julho de 1819 officiado ao Governador Conde de Palma pedindo que mandasse levantar a planta e fazer o orçamento preciso do custo das obras d'arte, correndo essa despesa por conta do

(*) Este imposto estabelecido em 1756 por dez annos, foi por varias vezes prorogado, de modo que durou mais de 40 annos em beneficio de Lisbon.

«Cofre das terças», resolveu o Conde de Palma ir pessoalmente á Cachoeira verificar a necessidade e o estado das obras levando em sua companhia o Coronel Engenheiro Salvador José Maciel, a quem encarregou da sua execução, cuja despesa sahiria do *dinheiro das terças* por empréstimo, sendo embolsado o cofre respectivo pelo rendimento da ponte, o qual serviria tambem ao depois para a construção da ponte de pedra.

N'esse officio, firmado em Cachoeira a 6 de Outubro de 1819, no dia em que regressou para a Capital, manifestou o Conde de Palma o desejo de ficar a ponte concluída no fim de cinco mezes, *com a modica despesa de 4 a 5 contos de réis*, e solicitou da Camara a indicação de duas pessoas idoneas, uma que servisse de thesoureiro para receber o dinheiro da Camara e dispendel-o, e outra de escrivão ou guarda livros para a respectiva escripturação.

Em data de 15 de Outubro officiou igualmente ao Coronel Salvador José Maciel enviando-lhe por copia o officio que dirigiu á Camara para que dêsse inteiro cumprimento, na parte que lhe dizia respeito, podendo fazer as encommendas das madeiras precisas e tomar todas as medidas conducentes a este fim, para que no prazo de 5 mezes estivesse a obra concluída.

Em officio de 20 de Outubro do mesmo anno, dirigido á Camara de Cachoeira, declarou o governador que approvava a nomeação que a mesma Camara fizera de Custodio Vaz Peixoto para thesoureiro e de Francisco Antonio Fernandes Pereira para escrivão, e communicava que «as madeiras para a ponte iam ser encommendadas ao Juiz Conservador das Mattas dos Ilhéos, d'onde podiam vir com brevidade e por menor preço, visto que no districto de Cachoeira *não haviam madeiras pro-*

prias e que com facilidade podessem ser extrahidas para a mencionada construcção. »

A 27 de Junho de 1820 o Conde de Palma officiou ao Juiz de Fóra da villa de Cachoeira accusando o recebimento da quantia de 400\$000 destinados para pagamento das madeiras da ponte, e que deviam ser remettidos ao Dr. Ouvidor da Comarca dos Ilhéos, quantia esta que o mesmo governador em officio de 14 havia requisitado, determinando que fosse ella tirada da consignação destinada para a mesma obra.

Recebendo o governador a noticia de que a 6 de Agosto chegára á Cachoeira a primeira remessa das madeiras, officiou á Camara communicando que ficava incumbido da direcção dos trabalhos o brigadeiro José Thomaz Boccaciari, por ter se retirado para o Rio de Janeiro o coronel Salvador José Maciel.

Em 4 de Janeiro de 1821 accusou a recepção do officio da Camara, datado de 30 de Dezembro, ao qual acompanhava a remessa de mais 600\$000, que deviam ser remettidos ao Ouvidor da Comarca dos Ilhéos para supprimento do córte de madeiras.

A 27 de Outubro de 1821 chegou ao porto de Cachoeira a segunda remessa das madeiras encomendadas, já por officio da Junta Provisional do Governo da Capital.

E' de suppôr que com o movimento sedicioso, que irrompeu na Capital da Bahia a 10 de Fevereiro de 1821, em favor da revolução de Portugal, e do qual resultou a eleição de uma Junta Provisoria e a retirada do Conde de Palma para o Rio de Janeiro, e bem assim a campanha da independencia iniciada na Villa de Cachoeira a 25 de Junho do anno seguinte, ficasse paralysada a obra da ponte, e inutilisado todo o material, com sacrificio adquirido.

Ainda em 1826 a Camara fez nova tentativa publicando a 23 de Agosto um edital com o fim de

se construir a ponte, destinada a ligar S. Felix á Cachoeira.

O illustrado Dr. Aristides Milton, de saudosa memoria e distincto Cachoeirano, em suas *Ephemerides*, accrescenta: « Sobre se tratar de um melhoramento importante, era essa a condição imposta por D. Pedro I para poder ser elevada de categoria a mesma villa. Nada, porém, a Camara conseguiu. »

Sómente em 7 de Junho de 1885 foi entregue ao transito publico a ponte de ferro *Pedro 2.º*, que liga a cidade de S. Felix a de Cachoeira, devendo-se esse notavel melhoramento á Companhia da Estrada de Ferro Central da Bahia, tendo sido iniciada em 22 de Dezembro de 1881.

A referida ponte mede 353^m de comprimento, e consta de 4 vãos, 2 centraes e 2 lateraes.

A secção central é destinada á passagem de trens, carroças, carros e animaes, e as duas lateraes servem para o transito de peões.

JOÃO TORRES.

Bahia, 1904.

TERMO DE VERAÇÃO DO DIA 30 DE OUT. DE 1816 (1)

Aos trinta dias do mez de outubro de mil oitocentos e deseceis annos n'esta villa de Nossa Senhora do Rosario do Porto da Cachoeira na casa da camara onde se achavam presentes o Desembargador Francisco José de Freitas, cavalleiro da ordem de Christo, juiz de Fóra Presidente, com os vereadores actuaes capitão José Paes Cardoso da Silva, o sargento mór Francisco José Antunes da Silva e Almeida, Francisco Antonio Fernandes Pereira e o Procurador Alferes José Gomes Moncorvo, e todos em acto de vereação despacharam papeis a beneficio commun do povo.

(1) Extr. do 15.º L. de actas, a pag. 207 a 208.

E neste acto achando-se presentes as pessoas da governança e outras mais da Nobresa e Povo e os mais acreditados d'elles; foi proposto pelo Desembargador Presidente a necessidade que havia de proseguir-se na obra da Ponte que se principiou a construir no Rio Paraguassú para facilitar a comunicação entre os Povos d'esta Villa e os do Porto de S. Felix, pela utilidade consideravel que da execução d'esta obra resultava á agricultura, commercio e o augmento de Povoação d'esta mesma villa e o do Porto de S. Felix, e como para esse fim hera necessario lançar mão do metodo mais facil, e menos oneroso e ao mesmo tempo proporcionado á grandesa da Empresa projectada, parecia justo ouvir os pareceres dos que se achavam presentes, e sendo por elles ouvida a proposta do dito Desembargador Presidente, assentaram que um dos meios de construir a mesma Ponte era formar uma companhia de accionistas d'esta villa ou da cidade da Bahia que se encarregasse de fazer a Ponte com o seu proprio dinheiro, ficando-lhe pertencendo o direito privativo de receberem e arrecadarem a portagem de tudo quanto passar na mesma Ponte, por tantos annos quantos bastem para os accionistas se embolçarem dos capitaes despendidos, e do premio que se convencionar, recorrendo-se á Sua Magestade afim de authorisar ao Ilm. e Exm. Snr. Governador d'esta Capitania para que mandando levantar o plano da Ponte por Engenheiros, e feita a avaliação possa receber as Propostas dos Empreendedores, e fazer com elles todos os contractos que forem convenientes com as condições e seguranças que parecerem justas; e assentaram mais que serviria de Regimento os accionistas receberem os seus direitos a escala seguinte, que se proporá tambem á Sua Magestade para a approvação se lhe parecer justa: « ESCALA—Pessoas calçadas 20 réis; ditas descalças 10 réis; ditas com carregó 20 réis; cavallos vãos

ou com carga de viveres 40 réis; com carga de generos de negocio 80 réis; gado vaccum e cavallar 40 réis por cabeça; cabras, ovelhas e porcos 10 réis; carros carregados 480 réis, e descarregados 320 réis; Rolos de tabaco rolados pela Ponte 20 réis; Fardos de tabaco rolados 80 réis; Pipas cheias roladas 80 réis; ditas vasiaas 20 réis; Meias pipas cheias 40 réis; Barris de quatro em pipa 20 réis, tudo rolado; ditos vasiaos 10 réis; Pretos a pão e corda 20 réis cada um, e nada pelo carregio; Caixa de assucar rolada 160 réis; Os Arrastos que se fizerem com Bois a 40 réis cada Boi. 6

E no caso de não ser admissivel este metodo, por falta de accionistas, assentaram por maior numero de votos, que feita a avaliação do que poderá importar a Ponte, por Engenheiros, pessoas peritas, se lançasse huma finta em todos os moradores da Villa e seu Termo proporcionada a cada hum dos moradores segundo as suas posses, ouvindo a Camara para esse fim alguns dos moradores acreditados de cada uma das freguezias para darem as informações necessarias para se fazer o lançamento da finta com a devida proporção, e para ser a finta menos onerosa ao Povo, assentaram de requerer-se á Sua Magestade para que se digne mandar que a Comarca da Bahia pague a quantia de 40,000 cruzados, que esta comarca emprestou ha annos dos dinheiros das terças por ordem do Meritissimo e Excellentissimo Senhor Governador, que então era d'esta Capitania D. Fernando José de Portugal para se applicar a dita quantia na factura da Ponte; e assentaram finalmente que concluida a obra ficasse a passagem da Ponte livre ao Povo, e quanto á conservação da mesma Ponte que está sujeita a arruinar-se pelas grandes enchentes que de tempos em tempos inundão esta villa, tratar-se-hia depois do meio mais conveniente; e de como assim determinaram, mandaram fazer este termo em que assi-

gnaram o Doutor Presidente, Vereadores, Procurador, e mais pessoas assistentes. E eu Jacintho Lopes da Silva, Escrivão da Camara o escrevi. *Freitas.—Paes.—Almeida Pereira.—Moncorvo.* (Seguem-se outras assignaturas.)

REPRESENTAÇÃO DA CAMARA DE CACHOEIRA AO CONDE
DOS ARCOS, GOVERNADOR DA CAPITANIA

Illm. e Exm. Snr.—A justa confiança, que geralmente inspira a consideração das singulares e eminentes virtudes de V. Ex., anima a Camara d'esta Villa a pôr respeitosamente nas mãos de V. Ex. para ser levado á Real Presença de S. Magestade o requerimento junto em que com o mais profundo acatamento procuramos obter o assenço regio para se pôr em execução algum dos methodos n'elle lembrados na construcção da Ponte, que se projecta, e a que já se deu um toco principio sobre o grande Rio Paraguassú, entre a Povoação d'esta Villa e a do Porto de S. Felix.

O prodigioso augmento que de semelhante obra resultaria em poucos annos a uma e outra Povoação, a grande actividade e regularidade que tomaria o nosso commercio, e a facilidade de comunicação que gosariam os habitantes d'este termo, e os povos circumvisinhos, são resultados tão dignos de attenção que ao mesmo tempo que justificam a justiça da nossa humilde representação, não podem deixar de fazer impressão no Benefico e Magnanimo Coração de V. Ex., para que se digne tomar debaixo da sua efficaz protecção a execução de um projecto que é tão util ao Publico, como Glorioso ao nome de V. Ex.

Na verdade, Exm. Snr., entre as innumeraveis obras d'utilidade publica, com que V. Ex. tem

adornado a capital d'esta Comarca, nenhuma talvez concorrerá tanto, pelas suas extensas consequências, para eternisar a memoria de V. Ex. como a que faz presentemente o objecto dos nossos votos e das nossas supplicas.

Queira pois V. Ex. por sua immensa bondade Dignar-se de annuir ás nossas humildes rogativas e tomar debaixo do seu poderoso auspicio esta obra memoravel e de absoluta necessidade afim de que a villa de Cachoeira possa chegar áquelle ponto de grandesa e consideração a que lhe dão direito inauferivel a sua situação geographica, a suavidade do clima, a fertilidade do terreno e a industria dos seus habitantes; então a sincera gratidão erigirá em nossos corações e nos dos nossos vindouros um monumento eterno que ainda mais do que a mesma ponte fará recordar na mais remota idade com ternura cheia de respeito os gloriosos dias do feliz e incomparavel governo de V. Ex.

Deus Guarde a V. Ex. muitos annos.

Cachoeira, em Camara, 6 de Novembro de 1816.

Ilm. e Exm. Snr. Conde dos Arcos, Governador e Capitão General d'esta Capitania.

Francisco José de Freitas
Francisco José da Silveira e Almeida
Francisco Antonio Rodrigues Pereira
José Dias d'Affonseca
José Gomes Moncorvo.

Para a Camara da Villa da Cachoeira

Remetto a Vmces. por copia assignada pelo Secretario d'este Governo, para que Vmces. deem seu devido cumprimento, a Carta Regia, que me

foi expedida em 14 de Abril d'este anno (2), pela qual El Rey Nosso Senhor Deferindo a Representação d'essa Camara, Houve por bem Ordenar, que se continúe na obra da Ponte, que se principiara a construir entre essa Villa e o Arraial de S. Felix, que lhe he fronteiro, por meio de huma Companhia de Accionistas da mencionada Villa e d'esta Cidade, que hajão de contribuir com os fundos sufficientes, para este effeito, com o premio annual de 6 por cento, elegendo-se d'entre elles, com approvação d'este Governo, 3 dos mais intelligentes e capazes para administrarem e dirigirem a mesma obra, despendendo n'ella os fundos colligidos por este meio com toda a exacção e escrupulosa contabilidade, e arrecadando os Direitos de passagem da Ponte, descriptos na Relação tão bem junta, que acompanhou o dito Real Diploma, que S. Magestade foi servido estabelecer para satisfação dos premios das referidas acçoens e sua gradual amortisação, ficando com tudo livre o tranzito em Canôas pelo Rio para os que se não quizerem aproveitar da Ponte. Deus guarde a Vmces. Bahia 9 de Junho de 1818. *Conde de Palma.*

Sr. Dr. Juiz de Fôra e Vereadores da Camara da Villa da Cachoeira.

Para a Camara da Villa da Cachoeira

Tendo sido desde que tomei posse do Governo d'esta Capitania hum dos meus mais fortes desejos conhecer pessoalmente esta Villa da Cachoeira, a qual por todas as suas circumstancias merece toda a attenção e desvello da parte do Governo, he

(2) Liv. 39 das Cartas do Governo. Arch. Pub. da Bahia. A Carta Regia de 14 de Abril não consta do respectivo livro do Archivo Publico, nem na Legislação publicada.

agora que felizmente pude realizar aquella minha vontade, e desde logo conheci que as minhas primeiras vistas se devião dirigir ao conhecimento do Rio a ella junto, para verificar a possibilidade de construir sobre elle huma Ponte, que una esta á Povoação de S. Felix, e que por similhante modo se facilitem todas as communicações com a segurança necessaria para commodo do publico e decidido augmento do commercio.

Tanto isto he assim que já de tempos anteriores se reconheceu a importancia de similhante obra; alguns dos meus predecessores procuraram meios de realisal-a, e ultimamente á Informação do Sr. Conde dos Arcos, e sobretudo ao Paternal e Incessante Disvelo d'El Rey Nosso Senhor, devemos nós a Carta firmada pelo Regio Punho em data de 14 de Abril de 1818, que se acha registrada nos livros d'esta Camara, e que determina, não só que se construa a Ponte, mas tambem fixa os meios, de que devem sahir as despezas d'ella.

Isto posto, e sem alterar de maneira alguma a sobre dita Resolução de S. M., convem absolutamente tomar entretanto algumas medidas provisórias, as quaes nos obriga á inspecção ocular a que hontem procedeu o Coronel Engenheiro Salvador José Maciel em minha presença, na presença da Camara, e na de muitas outras pessoas intelligentes, zelosas e interessadas na prompta execução da obra.

São pois as referidas medidas:

Que se comece desde já huma Ponte de madeira, formada pelo plano lembrado pelo referido Coronel, o qual fica tambem encarregado da sua execução;

Que a dita Ponte se conclua no mais breve tempo possivel, sendo para desejar que não exceda o prazo de 5 mezes;

Que a limitada despesa d'esta obra saia do

dinheiro das Terças por empréstimo, sendo embolsado o cofre respectivo successivamente pelo rendimento da Ponte, o qual servirá também ao depois para a factura da Ponte de pedra, em que cuidarei com toda a attenção;

Que a Camara me proponha dois sujeitos de reconhecida probidade, o primeiro para Thesoureiro e o segundo para Escrivão; ao Thesoureiro competirá receber o dinheiro da Camara e dispendel-o á vista das Folhas e Documentos devidamente legalisados com a rubrica do Coronel Engenheiro director da obra, pertencendo ao Escrivão a guarda dos livros, papeis e sua respectiva escripturação, tomando-lhes contas a Camara no fim de cada mez.

Tendo nós a fortuna de ver concluida esta interessante obra no fim de cinco mezes, com a modica despesa de *quatro a cinco contos de reis*, vendo assim estabelecida com segurança a principal comunicação d'esta Villa, pela qual ha tantos annos se suspira, e se trabalha por conseguir, pareceu-me que esta grande vantagem assás mui exuberante paga o nosso trabalho, e entretanto iremos realisando o principal projecto da factura da grande Ponte de pedra, que dará com a maior segurança todo o realce a esta importante Villa.

Concluo por dizer-lhes que o Coronel Engenheiro deve voltar brevissimamente, e bom seria que desde agora se principiassem a ajuntar as principaes madeiras á vista da Relação, que elle houver de apresentar.

Tendo de sahir hoje mesmo d'esta Villa, eu não deveria largal-a sem primeiro manifestar o meu contentamento pelos sentimentos de Respeito, Amor e Obediencia a El-Rey Nosso Senhor, que observei em todos os habitantes da Cachoeira, e nada me parece mais coherente do que aproveitar a ultima parte d'este meu officio para louvar tão

briosas disposições, as quaes sei de certo hão de continuar, não só a bem do assumpto, de que acima tenho tratado, como a respeito de tudo mais, que convier ao serviço de S. M., e bem geral d'este vasto termo. Deus guarde a Vmces. Villa da Cachoeira 6 de Outubro de 1819. *Conde de Palma*. Srs. Presidente e mais Vereadores da Camara d'esta Villa. (3)



(3) Liv. 40 das Cartas do Governo, fl. 143. Arch. Publico da Bahia.

UM VETERANO DA INDEPENDENCIA

PADRE FR. JOSÉ MARIA BRAYNER

(O PADRE DOS COUROS)

ENTRE os cidadãos que maiores serviços prestaram á causa da Independencia, nota-se o padre Fr. José Maria Brayner, o sacerdote soldado, que não trepidou em abandonar o claustro para lutar ardentemente pelo exito da causa que chamara santa.

Sabemos o quanto era baldo de recursos pecuniarios o general Labatut, e as difficuldades immensas que arrostando para supprir o exercito do que lhe era necessario; este general viu-se, felizmente, auxiliado pelos particulares, que concorreram generosamente para augmentar o effectivo das tropas libertadoras, organisando, fardando e pagando á sua custa varios batalhões que crearam nome illustre naquellas pelejas travadas em nome de uma patria independente e forte.

Entre esses benemeritos, hoje quasi esquecidos, está o padre José Maria Brayner, que trocando o seu habito pela couraça, deixou a mansidão e a paz do claustro para libertar a formosa patria bahiana do dominio portuguez. (1)

Brayner era amigo dedicado de Labatut, e a

(1) A petição com que se apresentou em 12 de Outubro de 1822 ao Governo da Cachoeira, declarando o uniforme e a relação dos voluntarios que formavam a Companhia Guerrilheira de Couraças, está publicada no *Brazil Reino e Brazil Imperio*, vol. 2.º, pag. 9.

historia suspeita ter sido elle quem denunciou ao general a conspiração de que era chefe Felisberto Caldeira, e cujo fim era prendel-o. Foi uma das testemunhas escolhidas por Labatut para figurar no seu processo.

Do *Guaycurú* de 10 de Dezembro de 1850 trasladamos o artigo necrológico, escripto pelo Dr. Mello Moraes, logo que teve noticia do fallecimento do valente e honrado chefe dos couraças, na villa de Itaparica onde era vigario.

.....

«Já não és o que fostes; a Bahia da independencia!

«Que dos teus filhos que te deram glorias; dos lidadores que te deram nome em tempos passados? Que dos braves da tua independencia? Raros já vão sendo, e de encontro á lage do sepulchro hoje um, amanhã outro, os vai a morte atirando ignorados de todos!

«Entre este pequeno numero foi o Padre José Maria Brayner, nascido em Pernambuco no 1.º de Março de 1778, de paes honestos e remediados da fortuna.

«Destinado para o estado ecclesiastico, o menino Brayner, depois das primeiras lettras foi cursar as humanidades, e depois com quasi 18 annos entrou para a religião carmelitana, estabelecida na sua mesma provincia, onde foi nomeado mestre; e conhecida a sua capacidade intellectual foi nomeado prior dos Conventos de Goyana e Parahyba do Norte, e posteriormente definidor e visitador geral de sua ordem, sendo encarregado pelo bispo de Pernambuco de visitar o bispado, cuja missão desempenhou satisfatoriamente.

«Voltando ao convento, e estando indigitado a ser provincial, appareceu a revolução de 1817 em Pernambuco, e então levado do amor da patria, e por suas convicções, adheriu á ella, e com os demais

compromettidos veio preso para as cadeias da Bahia, onde jazeu quatro annos, até que proclamando-se a regeneração, foi em 1821 posto em liberdade.

« Desejando o padre J. Maria Brayner viver segregado da politica, attenta a lição que teve, foi estabelecer-se na povoação do Pedrão; e ali permanecendo, declarou-se por esse mesmo tempo a guerra da independencia, e elle cheio de amor pelos seus e pela patria, não quiz ser mudo espectador: veio alistar-se nas fileiras dos combatentes, organisando á sua custa uma companhia vestida de fardas de couro (2), e á testa d'ella marchou para o exercito pacificador apresentando-se ao General Labatut, que então dirigia as operações do exercito.

« Ali encontrando briosos portuguezes, entre os quaes estava o brigadeiro Antonio de Sousa Lima (conhecido pelo Lima de Itaparica) serviu com este, no posto de capitão, e desempenhou, como si fosse militar, os encargos da profissão.

« Finda a luta da independencia, foi o padre José Maria Brayner confirmado no posto de capitão de 1.^a linha; e dissolvida a companhia dos couraças, corpo de legionarios tão valentes, de guerreiros tão invenciveis, foi pelo sr. D. Pedro I condecorado com o commendadorato da Ordem de Christo, e official da ordem imperial do Cruzeiro.

« Em 1834 assentando que devia concluir a sua vida no serviço da igreja, foi collado vigario da freguezia do SS. Sacramento de Itaparica, cujo logar com muita dignidade occupou por espaço de 16 annos, vindo a fallecer no dia 16 de Novembro de 1850. »

Em seguida trasladamos tambem a petição que

(2) A farda de couro que usaram os soldados desse batalhão, e que mais tarde tão celebre se tornou, é hoje rarissima; o Instituto Geographico e Historico possui uma, offerta valiosissima do general Evaristo Ladisláo e Silva.

o illustre patriota dirigiu ao Parlamento relatando os serviços prestados, e protestando com altivez contra o esbulho que lhe queria fazer a Thesouraria do não pagamento do soldo concedido em 4 de Março de 1824, e sim uma simples pensão.

PETIÇÃO

«José Maria Brayner além de ter sido martir da patria e victima dos despotas sequazes de D. João 6.^o em 1817, até 1821, cheio em 1822 do patriotismo que sempre teve, a maior das presunções que o acompanham, animou-se zeloso da Causa da Independencia do Brasil, a crear uma companhia de soldados com o titulo—Guerrilha Imperial dos Voluntarios do Pedrão—e com ella marxou para as linhas do Exercito Pacificador, onde foi bem acceito pelo General Labatut e conhecido por Comandante dos Couraças, porque usara a sua Companhia, e egualmente o Supplicante farda de couro, despendeu com o fardamento de quase toda a Companhia, e sustentou-os a sua custa em todas as marxas que lhe eram ordenadas, em todo o tempo que durou a Guerra do Exercito Brasileiro com as Tropas do General Madeira, mostrou que só tinha tomado as Armas para defender a Patria com coragem, denodo, brio e tudo o mais que constitue a honra de um Militar patriota, como é assás notorio.

Acabada a guerra, guarneceu com a sua tropa a Cidade, enquanto se organisarão as tropas de 1.^a Linha, até que passando á Côrte do Rio de Janeiro, apresentou-se a S. M. I., a quem o supplicante requerendo em remuneração dos seus serviços o Soldo de Capitam de 1.^a Linha, gratificação, e elape, o mesmo Augusto Senhor, tomando os serviços do supplicante em sua alta consideração, dêo-lhe o Soldo de Capitam de 1.^a Linha, como tudo

hade constar da Petição que o supplicante fez subir a presença de S. M. I., que se acha no Archivo da Secretaria da Guerra, disendo o mesmo Augusto Imperador em publica Audiencia que assim mandava porque não tardava que o Soldo tivesse augmento, no qual devia o supplicante tão bem entrar, o que não succederia se fosse pensão, e que se não lhe dava gratificação, e etape, era por não estar o Supplicante em activo serviço.

Ora o supplicante contente com o Soldo de Capitam de 1.^a Linha, e muito mais por estar certo de entrar no augmento com outros Militares, nada mais requereo, retirou-se da Côrte para a Bahia onde apresentou o Decreto Imperial ao Presidente da Provincia, e este o mandou cumprir a vista do que o Thesoureiro Geral das Tropas descontou logo no Soldo a Patente do Supplicante, e quando veio a nova tabella do augmento do Soldo, entrou para ella a pagar ao Supplicante, sem que o requeresse e em virtude sómente da letra do Decreto que concedeo soldo ao Supplicante.

Aparece finalmente a Lei do Orçamento, e a Commissão das Contas na repartição da Thesouraria Geral das Tropas, decidio que não devia ter o Supplicante o Soldo da nova tabella, mas sim uma pensão igual ao antigo soldo de Capitam, isto é 28000 mensaes, não só para diminuir o que o Supplicante estava percebendo, como tão bem para o esbulhar de todo, e qualquer augmento, ou garantia de soldo com o termo pensão.

Sim: além de ter a Lei do Orçamento tirado ao Supplicante a Capellania da rellaçam da Bahia, sem que toda via ficasse o Supplicante percebendo o seu ordenado, hade ainda mais ser preterido do soldo que devia estar percebendo, do augmento que este pode ter, e dos de mais beneficios que tem os Militares só com o termo pensão? Se o Supplicante quizesse pensão, e não soldo, teria no decurso de

tantos annos requerido ao Poder Legislativo, uma pensão maior, e equivalente aos seus serviços, uma vez que quando sahio do Claustro, e Secularisou-se foi confiado na bôa remuneração aos seus serviços.

Por tanto a vista do expendido, e da manifesta injustiça com que preterirão ao Supplicante das garantias do seu soldo, requer aos Senhores Augustos, e Dignissimos Representantes da Nação, e Pede—Hajão por bem reentregar o Supplicante na posse do seu soldo pela nova tabella, isto é o Soldo de Capitam de 1.^a Linha com todas as circumstancias do augmento, e garantias que gosão os Militares de 1.^a Linha, ou senão Conceder expressamente por um Decreto ao Supplicante a futura successão daquella Vigararia que vagar na Bahia, ou em Pernambuco, que for do agrado do Supplicante; ou finalmente conceder ao Supplicante o privilegio de poder passar a outro qualquer Cidadão as duas Commendas de Christo, e do Cruzeiro, com todos os privilegios que gosa o Supplicante, afim de que não pese mais sobre elle sem meios de subsistencia, e a necessidade de se tratar com muita decencia, etc.

O Supplicante está persuadido de que a Augusta Assembléa Legislativa não deixará de attender a sua queixa tão justa, quanto digna de sua alta consideração, afim de que este exemplo anime sempre a todos na defeza da Patria, e saibão que a sua recompensa será a proporção dos seus serviços, e não venha a verificar-se que de proposito se procura desgostar aos defensores da Patria.—*José Maria Brayner*».

PROVISÃO DE 4 DE MARÇO DE 1824

Marianno José Pereira da Fonseca, etc.

Faço saber á Junta da Fazenda Publica da Provincia da Bahia que S. M. o I. por Dec. de 12 de

Fevereiro ultimo, junto por copia assignada pelo Contador Geral respectivo, houve por bem conceder ao Religioso Carmelita Fr. José Maria Brainer, o soldo respectivo de Capitão de primeira linha, em consideração aos serviços que prestára no exercito do Reconcavo d'essa Provincia.

O que se participa á Junta, para sua intelligencia e fiel execução. Carlos José Coelho a fez no Rio de Janeiro, em 4 de Março de 1824. *Marianno José Pereira da Fonseca.*

(Legisl. Brasileira de Nabuco de Araujo, vol. 3.º, pag. 219).

Bahia, 1896.

INNOCENCIO GOES.

LAVRAS DIAMANTINAS (*)

Ilm. Sr. Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, DD. Secretario da Agricultura do Estado da Bahia

ANTECIPANDO o preparo de um relatorio detalhado sobre os estudos effectuados nas regiões diamantinas do alto Paraguassú e do Salobro, para o qual me faltam agora tempo e outros elementos necessarios, passo a expôr em breves palavras algumas das conclusões geraes que me parecem ser de mais immediata importancia.

A excursão para as Lavras Diamantinas dava occasião para reconhecer, nos seus traços geraes, a estructura geologica da bacia do rio Paraguassú, que, na sua parte superior, inclue a principal e maior região diamantina do Estado da Bahia, a assim chamada Chapada Diamantina.

O rio Paraguassú, no seu curso, atravessa quatro regiões bem distinctas na sua composição geologica e por consequencia nos seus caracteres topographico e economico.

A primeira região, que abrange todo o districto das cabeceiras do rio e do seu principal tributario, o Santo Antonio, estende-se até a cabeceira da Passagem de Andarahy; a segunda, deste ponto até a povoação de Bebedouro, cerca de 70 kilometros, pela estrada de rodagem, abaixo da Passagem e 20

(*) Relatorio apresentado ao Dr. Secretario da Agricultura da Bahia pelo socio Dr. Orville Derby de volta de sua viagem ás Lavras Diamantinas e ao Salobro, ao sul do Estado.

kilometros acima da estação terminal da estrada de ferro em Bandeira de Mello; a terceira, de Bebedouro até a Cidade de Maragogipe com a largura de cerca de 30 kilometros, e a quarta, deste ultimo ponto até a barra do rio com a largura de poucos kilometros apenas.

A primeira região é constituída, essencialmente, por possantes camadas de grez duro e avermelhado, que muitas vezes passa a conglomerado. Estas camadas, cuja espessura é estimada em mais de 500 metros, são profundamente perturbadas, sendo levantadas em dobras que se póde comparar ás ondas do mar, e atravessadas por fracturas, ou falhas, com levantamento de um lado, produzindo enormes paredões a pique. Assim: é uma região essencialmente montanhosa apresentando o typo de estructura oreographica, caracteristico das montanhas da parte oriental do continente norte americano e por isto conhecida pela denominação de « typo appalachiano ».

A elevação geral da região é de cerca de 1000 metros, elevando-se alguns picos e serranias uns 200 ou 500 metros acima deste nivel e descendo os valles mais excavados uns 700 metros abaixo delle.

Em virtude da dureza das rochas e das perturbações (dobras e falhas) que estas têm soffrido, a topographia é extremamente accidentada e agreste, apresentando innumeros e enormes massiços, ou serranias, de rochas quasi completamente despidas de sólo e por consequencia de vegetação, interme-diadas com manchas de terreno com contornos mais suaves, onde a decomposição da rocha tem fornecido uma capa espessa de sólo aravel, coberto geralmente com vegetação campestre em alguns logares, por mattas. Em virtude da composição predominantemente arenosa das rochas subjacentes, o sólo desta região é, em geral, fraco e, por consequencia,

mais appropriado á criação do gado do que á lavoura.

Quanto á riqueza mineral, a unica até hoje aproveitada é a de diamantes e carbonados, e a sua constituição geologica pouca esperanza offerece da existencia de outra, a não ser, num ou outro ponto, onde alguma outra formação mais antiga possa porventura aflorar na superficie.

A segunda região é constituida por camadas de grez avermelhado que, em parte, se assemelha bastante em aspecto ao da primeira região, sendo, porém, pela maior parte, mais argiloso e molle e tendo intercaladas uma ou mais camadas de calcareo de umas dezenas de metros de espessura.

A espessua da formação parece ser de 200 a 300 metros e as suas camadas jazem em posição proximaente horizontal, sendo, porém, provavel que tenha havido alguns deslocamentos no sentido vertical por meio de falhas.

Em virtude desta constituição geologica, a região é relativamente plana com a elevação geral de 50 a 60 metros, mas accidentada pela excavação dos valles do Paraguassú e de seu tributario o Rio Una que descem até uns duzentos e tantos metros abaixo deste nivel geral.

A decomposição das rochas é muito mais pronunciada do que na primeira região, de modo que é somente nas encostas mais bruscas que se percebe a natureza das rochas subjacentes.

O calcareo, quando encoberto, como geralmente acontece, se revela muitas vezes pelas segregações silicosas (pederneira) contidas nelle, as quaes livres da rocha encaixante pela decomposição desta, alastram muitos trechos da estrada.

A capa do sólo que encobre a região é, geralmente, bastante espessa e sustenta mattas que em muitos pontos merecem a denominação de frondosas. Onde aflora o calcareo o sólo é de cor ver-

melha escura e de consistencia gordurosa em virtude da sua riqueza em cal, sendo por este motivo preferido pelos poucos lavradores, que se têm estabelecido na região, apesar da sua deficiencia em aguas correntes que, como é usual nas regiões calcareas, se somem nas fracturas e cavernas que abundam na rocha.

As cachoeiras formadas no Rio Paraguassú pelas rochas desta região fornecem diamantes e carbonados, explorados pelo processo de mergulho, mas é duvidoso se provêm das rochas proprias da região ou se são transportados da vizinha.

Nada consta da existencia de outras riquezas mineraes nesta região, a não ser a pedra calcarea que tem sido explorada em alguns pontos para o fabrico de cal.

Ao que parece, esta formação de grez e calcareo que caracteriza uma zona de umas dezenas de kilometros de largura, margeando a fralda oriental da serra das Lavras, se estende para o norte constituindo uma boa parte da assim chamada Matta do Orobó e para o sul, na região calcarea do Brejo Grande. Pelo lado agrícola é talvez a zona mais promettedora do sertão central do Estado.

A terceira região é constituída de rochas gneissicas abundantemente injectadas por erupções plutonicas, predominando, ao que parece, as de typo granítico. As suas partes mais baixas demoram entre as cotas de 200 e 300 metros acima do nivel do mar, sendo notavel, em vista da sua constituição geologica, a extensão de terrenos relativamente planos ao longo do rio e da estrada de ferro.

Acima desta base relativamente baixa e nivelada, elevam-se serrotes e serranias até a altura de 800 metros e mais metros. As partes baixas ao longo da estrada são revestidas pela vegetação característica denominada «catinga» mas, ao que parece, as partes mais elevadas são, pela maior

parte, cobertas por mattas e gozam da fama de fertilidade. A minha passagem rapida por esta zona em trem de estrada de ferro não me permittiu observações a respeito da sua capacidade agricola ou da sua riqueza mineral, mas em diversos logares tive occasião de observar que a capa do sólo é muito delgada, mesmo nos logares planos onde era de esperar maior espessura, e que muitos dos serrotes graniticos eram quasi completamente despídos de vegetação. Pela sua constituição geologica, tanto quanto esta podia ser percebida, será de esperar que, em algumas partes, haja jazidas de manganez, ferro, graphito e talvez outros mineraes de valor economico.

A quarta região é constituída por camadas de grez molle de idade cretacea e terciaria que caracteriza a região do reoncavo da Bahia, que pouco interesse offerece para o presente estudo.

Os diamantes, incluindo neste termo os carbonatos que na região da Chapada Bahiana raras vezes ou nunca deixam de acompanhar os diamantes verdadeiros, são especialmente característicos da primeira região e a sua occurrencia esporadica na segunda e terceira póde com certa plausibilidade ser attribuida ao transporte antigo ou moderno, de elementos derivados della. Em todas as localidades examinadas (Santa Isabel, Chique-Chique, Andarahy, Lençóes e Palmeiras), a sua occurrencia acha-se intimamente ligada com a de uma grossa camada de conglomerado, que se apresenta perto do meio da formação de grez acima descripta. Este conglomerado representa um deposito de cascalho formado numa epoca geologica remota pelo mesmo modo por que se formaram, e ainda hoje se formam, os cascalhos (conglomerados incoherentes e ainda não transformados em pedra) em que os mineiros procuram os diamantes.

Em diversos pontos, é evidente que uma parte

do cascalho dos mineiros é simplesmente o conglomerado decomposto *in situ*, sem que os elementos tenham soffrido o minimo transporte ou rearranjo moderno. Assim se acha repetido nesta região o mesmo phenomeno já observado na região diamantina em Minas-Geraes, onde existem diversas lavras importantes em conglomerado decomposto e onde, em Grão-Mogol, se tem encontrado o diamante effectivamente encravado no conglomerado duro.

Os cascalhos modernos e não consolidados contêm naturalmente uma mistura de elementos derivados de todas as rochas desintegradas da vizinhança, mas, onde são mais ricos, é evidente que a maior parte destes elementos provêm do conglomerado, ou «pedra cravada» como os mineiros a denominam, que raras vezes deixa de se apresentar em contacto immediato ou na vizinhança proxima dos garimpos mais productivos. Assim é evidente que o grande, senão o unico, repositório dos diamantes da região é este conglomerado, ou cascalho, fossilizado, intercalado no meio da grande formação de grez que caracteriza as serras das Lavras.

A camada maior do conglomerado apresenta-se com a espessura média de 6 a 10 metros, tendo, porém, em muitos pontos, algumas intercalações delgadas de grez fino. Como ficou dito, a sua posição é proximamente no meio da grande formação de grez, de modo que, em termos geraes, ha cerca de 250 metros de grez abaixo d'elle e outro tanto acima. No grez superior á grande camada de conglomerado existem muitos seixos espalhados, bem como intercalações delgadas de verdadeiro conglomerado, dando a toda a formação, do meio para cima, um caracter conglomeratico. No grez inferior, porém, não se observa este característico e esta e outras circumstancias fazem suspeitar que se deve estabelecer uma divisão geologica na base do conglomerado, referindo as camadas inferiores a uma

formação independente e mais antiga do que as que lhes jazem por cima. Entre estas circumstancias, avulta a de serem muitos dos seixos e grandes blocos, encravados no conglomerado, identicos em aspecto com a rocha das camadas inferiores.

O conglomerado apresenta maior resistencia á acção destruidora dos agentes atmosphericos do que a maior parte das camadas que se acham associadas com elle, e por isto se salienta e se apresenta na superficie da grande maioria dos accidentes do terreno, dando-lhes um character extremamente aspero e pittoresco.

As camadas de grez superiores a elle são especialmente susceptiveis a esta acção e acham-se em muitas partes corroidas, dando logar á formação de valles que de um lado apresentam grandes superficies de conglomerado postas a nú.

Assim, em quasi toda a fralda oriental da serra, no trecho entre Santa Izabel e Lençóes, na distancia de mais de 60 kilometros, o conglomerado se apresenta cobrindo quasi toda a encosta da serra, como as telhas de um tecto inclinado, para mergulhar, com a inclinação de 20 a 30 graus para leste, no fundo dos valles dos rios Piabas, Chique-Chique, Andarahy e S. José, que fraldejam as serras neste trecho, sendo o outro lado dos seus valles formado principalmente pelas camadas de grez superior.

Em virtude do dobramento de toda a formação, as camadas rochosas acham-se repetidas diversas vezes ao longo de uma linha normal á orientação geral da serra da região, que é do sul para o norte. Estas dobras podem ser facilmente reconhecidas pelos afloramentos do conglomerado que, ao longo de uma linha E-O, se apresenta em diversos pontos, inclinando-se, ora para leste e ora para o oeste.

Assim, por exemplo, no referido trecho Santa Izabel e Lençóes, a inclinação do conglomerado é sempre para leste, formando elle toda a fralda ori-

ental da serra como um lado do tecto de uma casa, mas ao dobrar o alto da serra, elle reapparece, depois de uma interrupção em que se apresentam em grande possança as camadas de grez inferior com inclinação para o oeste.

Depois de uma outra interrupção occupada pelas camadas do grez superior (tendo o conglomerado mergulhado debaixo dellas), a mesma rocha reaparece na vizinhança de Palmeiras, reaparecendo ao mesmo tempo os garimpos de diamantes.

Assim, tambem, a julgar pelas informações colhidas, acontece com as serras e garimpos da Chapada Velha, Santo Ignacio e outros, que para o oeste estabelecem uma cadeia de serras diamantinas e garimpos que se estende até perto das margens do rio São Francisco.

Sendo exacto, como me parece fôra de duvida, que a formação conglomeratica, ou o cascalho antigo, é o grande repositório dos diamantes e carbonados da região das Lavras, segue-se que o stock destes mineraes ainda em ser, deve ser enorme. Os pontos de mais facil ataque já lavrados são insignificantes, em comparação com a massa do material contendo as pedras preciosas, que ainda se acha intacta.

E', porém, evidente que somente uma parte relativamente pequena desta massa pôde ser lavrada com proveito pelos processos actualmente empregados.

Resta a saber se a technica moderna, aproveitando a força hydraulica que abunda na região em condições excepcionalmente favoraveis, offerece meios de lavral-a com uma despesa menor do que o valor do producto.

E' questão a ser resolvida pelo engenheiro de minas e não pelo geólogo, mas me parece que as probabilidades de uma solução favoravel são bas-

tante fortes para justificar serios estudos e experiências neste sentido.

Para os emprehender, ou, pelo menos, aproveitar depois de feitos, seria necessario tornar a região mais accessivel pelo prolongamento da estrada de ferro até Andarahy ou melhor, Lençóes, pontos estes que podem ser alcançados sem encontrar difficuldades technicas de maior monta.

Ao meu ver, as possibilidades de um desenvolvimento maior da industria mineira na zona fronteira justificam um estudo serio da questão deste prolongamento.

Fóra da região da serra das Lavras, propriamente dita, a qual, no districto examinado, termina a leste, na escarpa coberta pelo conglomerado que se estende de Lençóes em direcção a Santa Izabel, as lavras de diamantes em terra tornam-se escasas ou faltam completamente.

Em alguns pontos, porém, se tem explorado, pelo processo de mergulho, o leito do rio Paraguassú e alguns destes pontos se acham em tal distancia da serra que é difficil acreditar que os diamantes tenham sido transportados della. O mais importante destes pontos é a cachoeira do Funil, perto de Bebedouro e, por consequencia, na margem oriental da região de grez e calcateo acima descripta. Essa cachoeira é formada por grossa camada de conglomerado bastante parecido com o da região das Lavras, mas que, parece, deve pertencer a um outro horizonte geologico, superior ao da serra. Os seus seixos são principalmente de rochas graniticas e o conglomerado os assenta immediatamente sobre rochas desta natureza. Parece provavel que os diamantes encontrados neste logar provêm do conglomerado local ou de algumas das rochas associadas com elle, mas sobre este ponto nada pude observar de caracter decisivo.

Como a serie geologica desta segunda zona é

mais recente do que a da serra e assim presumivelmente formada em parte de districtos derivados desta, ha uma forte presumpção que, em uma ou outra parte ella tambem seja diamantifera. A « formação » ou « pé da batea » do cascalho pescado na cachoeira do Funil differe notavelmente da das Lavras na maior abundancia de elementos graníticos, devido isto, presumivelmente, a desaguardem na vizinhança corregos, que drenam districtos graníticos e gneissicos.

Quanto ao horizonte geologico a que devem ser referidas as duas (ou tres) series rochosas acima indicadas, nada pude observar de decisivo, sendo infructiferas as pesquisas em procura de fosseis que podiam elucidar esta questão. Por diversos motivos, que seria fastidioso expor neste logar, julgo serem mais antigas do que a idade secundaria a que se referem as jazidas de diamantes da Africa Austral e da região de Bagagem em Minas Geraes, e que, eventualmente, provar-se-á pertencerem á parte media ou superior (Siluriana a Carbonifera) da idade anterior, ou Paleozoica.

A região diamantifera de Salobro, do municipio de Cannavieiras, offerece um interesse especial por differir notavelmente das outras regiões diamantiferas do Brazil pela sua proximidade (60 kilometros mais ou menos) do mar e pela falta das asperezas topographicas, que geralmente se associam com a occurrencia do diamante. A região é medianamente accidentada com a elevação de pouco mais de cem metros, e as serras mais altas que se avistam no horizonte nenhuma relação apparente têm com a occurrencia do diamante no rio Salobro. Toda a vizinhança é coberta por uma espessa capa de solo, sustentando mattas frondosas que encobrem as rochas e difficultam as observações geologicas.

Nas margens e nas cachoeiras do rio Pardo, fron-

teiras as lavras de Salobro e apenas 6 kilometros distantes, pude verificar que as rochas subjacentes da região consistem em uma serie de camadas de grez e schistos argillosos tendo intercalada uma grossa camada de conglomerado constituido por blocos rolados de diversos typos de rochas graníticas e gneissicas. Essa serie deve ter algumas centenas de metros de espessura e acha-se perturbada, apresentando uma forte inclinação para o leste.

No leito do rio Salobro e dos seus pequenos tributarios, este conglomerado se apresenta em diversos pontos e as lavras até hoje abertas acham-se na visinhança immediata dos seus afloramentos. Para verificar a hypothese da proveniencia dos diamantes do conglomerado o Sr. Pedro Benazet teve a amabilidade de mandar lavar, em separado, cerca de um e meio metros cubicos de conglomerado decomposto, escolhidos por mim para este fim. O resultado foi um diamante pezando 3 grãos. Assim parece fóra de duvida que aqui, como nas Lavras, o diamante tem uma relação directa com o conglomerado, que assim fornece um precioso guia, de facil encontro e reconhecimento, para as pesquisas na zona do litoral.

E' indubitavel que uma formação tão possante como a exposta nos rios Pardo e Salobro terá grande extensão nesta zona, e ha forte probabilidade que em muitos, senão em todos os pontos em que aflorar, ella será diamantifera como no Salobro. Este ultimo districto, aliás, ainda offerece um campo bastante grande para as operações do mineiro.

Saúde e fraternidade.

Bahia, 23 de Maio de 1905.

ORVILLE A. DERBY.



ACTAS DAS SESSÕES EM 1903

99.^a SESSÃO EM 11 DE JANEIRO DE 1903

Presidencia do Cons. Dr. Salvador Pires

Aos 11 de Janeiro de 1903, á uma hora da tarde, no salão do Instituto, á Praça 15 de Novembro, presentes os socios Srs. Cons. Salvador Pires e João Torres, Ferreira Braga, Alfredo Soledade, Gonçalo de Athayde, Henrique Pragner, Comm. Salvador Pires, Joaquim de Sant'Anna e Isaias Santos, foi aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

O 1.^o Secretario procede á leitura do expediente: Cartas, do director da Bibliotheca Nacional de Santiago, do Chile, agradecendo as publicações enviadas pelo Instituto por intermedio do commandante do cruzador *Chacabuco*, e do socio Dr. José Francisco da Silva Lima, agradecendo em nome da familia do Dr. Manuel Victorino Pereira as manifestações de pezar prestadas ao pranteado bahiano.

O Sr. Presidente recordando o passamento do socio fundador Dr. Innocencio Munhoz, cujo elogio fez, pondo em relevo os inestimaveis serviços prestados ao Instituto, propõe que se consigne na acta de hoje um voto de pezar, o que é approvado.

Procede-se á leitura do projecto de orçamento da receita e despesa do Instituto para 1903, com o parecer da commissão respectiva opinando pela approvação do referido orçamento; e posto em discussão é approvado.

RECEITA

A receita do Instituto para o anno de 1903 é orçada em 24:827\$000, a saber:

§ 1.º Subvenção estadual, inclusive a dos annos anteriores não recebidas	13:500\$000.
§ 2.º Subvenção federal, idem, idem.	7:500\$000
§ 3.º Subvenção municipal, idem, idem	1:250\$000.
§ 4.º Mensalidade de socios	1:764\$000.
§ 5.º Idem em atrazo com 50 % . . .	413\$000.
§ 6.º Joias de socios.	400\$000.

DESPEZA

A despesa para o anno de 1903 é orçada em 24:523\$000:

§ 1.º Para pagamento de uma lettra ao Banco Auxiliar e juros da hypotheca	14:000\$000.
§ 2.º A credores diversos	7:500\$000.
§ 3.º Ordenados dos empregados . . .	1:400\$000.
§ 4.º Impressão da <i>Revista</i>	1:000\$000.
§ 5.º Despezas Geraes	623\$800.

ADDITIVO

E' autorizada a Mesa Administrativa a realizar a venda da concessão da loteria do Instituto, ou a effectuar a respeito da mesma qualquer outra transacção que entender conveniente.

São lidos e approvados em escrutinio secreto os pareceres da commissão de admissão opinando pela acceitação dos Drs. Menandro dos Reis Meirelles Filho e Augusto Flavio Gomes Villça, engenheiro Luiz Meirelles da Silva, e do negociante Vicente Ferreira Lins do Amoral na qualidade de socios effe-

ctivos, e do Dr. Antonio Augusto Cardoso de Castro, na qualidade de socio correspondente.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Presidente.— *Isaias de C. Santos*, servindo de 1.º Secretario.— *Gonçalo de Athayde Pereira*.

100.ª SESSÃO EM 8 DE MARÇO DE 1903

Presidencia do Cons. Dr. Salvador Pires

A' uma hora da tarde, no salão do Instituto, presentes os socios Srs. Cons. Salvador Pires, Drs. Isaias Santos e Joaquim Pires, Comm. Salvador Pires, Cap. Ferreira Braga, Eng. Genesio Neves, Gonçalo de Athayde, Eloy Guimarães e Castro Menezes, é aberta a sessão, servindo de 2.º Secretario o Coronel Athayde.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

O 1.º Secretario procede á leitura do expediente:

Officio do socio Desembargador Paranhos Montenegro enviando 104 vols. de differentes obras para a bibliotheca, e declarando que, havendo despendido com o encaixotamento e frete a quantia de 32\$000, offerecia essa quantia para os cofres do Instituto, como nos annos anteriores; communicando tambem que, por seu intermedio, o socio Dr. Joaquim de Toledo Piza e Almeida fazia offerta de uma Collecção da Revista do Archivo Publico de S. Paulo.

Officios do Presidente da Associação Commercial, e do 1.º Secretario do Instituto Archeologico Pernambucano communicando a eleição das novas Directorias.

Carta do cidadão João Luiz Pimenta enviando, em nome dos alumnos do Gymnasio, para ser guardado no Instituto o estandarte que encimou o carro

allegorico que fez parte do grande prestito popular em honra ao povo chileno, n'esta capital.

O Sr. Presidente dá noticia do fallecimento do socio effectivo Pharm. Alfredo Accioli do Prado, no Estado de Sergipe, e propõe que se lance na acta um voto de pezar, o que é approvado.

O Sr. Thesoureiro faz a leitura do demonstrativo da receita e despesa durante o anno de 1902, o qual é enviado á Commissão de orçamento para dar o seu parecer.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Salvador Pires de C. e Albuquerque, Presidente.—*João N. Torres*, 1.º Secretario.—*Isaias de Carvalho Santos*, 2.º Secretario.

101.ª SESSÃO EM 19 DE ABRIL DE 1903

Presidencia do Cons. Dr. Salvador Pires

A' uma hora da tarde, no salão do Instituto, presentes os socios Srs. Cons. Salvador Pires, Cons. João Torres, Cap. Ferreira Braga, Drs. Isaias Santos, Braz do Amaral e Reis Magalhães, Comm. Salvador Pires, Henrique Prager, Coronel Gonçalo de Athayde e Padre Luiz da França, é aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O Cons. 1.º Secretario procede á leitura do expediente, que constou do seguinte: Officios—do Dr. Francisco João Fernandes, presidente do Conselho Municipal d'esta cidade, enviando o livro da acta do assentamento da pedra para a elevação do monumento ao *Dois de Julho* no Campo dos Martyres;—de J. Balta, director do Corpo de Engenheiros de minas, do Perú, enviando o 1.º Boletim;—do 1.º secretario da Sociedade Hespanhola de Beneficencia enviando a relação da dire-

ctoria eleita para 1903;—do director da Bibliotheca Publica Pelotense pedindo as publicações do Instituto.

Propostas para a admissão de socios na qualidade de correspondentes, o Padre Raphael M. Galanti, professor do Collegio Anchieta em Nova Friburgo, e o Dr. Elpidio de Mesquita, advogado na cidade do Rio de Janeiro.

O Sr. Presidente communica o fallecimento dos socios correspondentes Dr. Augusto Victorino Alves do S. Blake, a 24 de Março ultimo, no Rio de Janeiro, e Coronel Francisco Felix de Araujo, a 16 de Abril, em Barbacena, e propõe que se lance na acta votos de pezar, o que é approvado.

O Dr. Braz do Amaral pede a palavra e lembra a difficuldade em que se encontra para fazer as biographias dos socios fallecidos, e propõe-se a apresentar na sessão anniversaria de 3 de Maio uma memoria historica em rectificação do trabalho publicado por Cosme de Salles, no Rio, e aqui transcripto no *Diario de Noticias*.

O Instituto approva a proposta, resolvendo que os discursos necrologicos sejam feitos em outras sessões, como permite o Additivo aos Estatutos, votado em Outubro de 1895.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

João N. Torres.—Isaias de Carvalho Santos.—Gonçalo de Athayde Pereira.

102.ª SESSÃO EM 3 DE MAIO DE 1903

SESSÃO SOLEMNE DE ANNIVERSARIO

Presidencia do Cons. João Torres

Aos tres de Maio de 1903, á uma hora da tarde, no salão do Instituto, presentes os socios Cons. João Torres, 1.º Secretario, Cons. Filinto Bastos, Ben-

Janim e Eduardo Silva, Drs. Braz do Amaral, Silva Lima, Reis Magalhães, Barbuda, Virgílio de Lemos, Junqueira Ayres, Cabussú, Joaquim Pires, Calasans, Isaias Santos e Joaquim Tanajura, Ferreira Braga, Pimenta Bastos, Sílio Boccanera, Pragner, Conegos Manfredo e Tapiranga, Comm. Sant'Anna, Luiz Filgueiras, Coronel Athayde, Prof. Nazareth, Damasceno Vieira e Eloy Guimarães, achando-se presentes os presidentes dos Tribunaes de Appellação, e de Conflictos, representantes do Congresso Estadual, da Associação Commercial e de varias classes sociaes, foi aberta a sessão pelo Cons. João Torres, 1.º Secretario, na ausencia do Presidente Cons. Salvador Pires, servindo de secretarios os Drs. Isaias Santos e Reis Magalhães.

Em seguida, pelo mesmo Presidente foi lido o relatorio dos trabalhos do Instituto durante o anno social findo, minucioso e cheio de informações sobre todas as occurrencias havidas.

O 1.º Secretario faz a leitura de uma carta da Exm.ª D. Maria Amelia da Silva Lima Pereira, viuva do pranteado Dr. Manuel Victorino Pereira, fazendo offerta ao Instituto das Memorias e Mappas apresentados ao Governo da Suissa pelo representante do Brazil na questão do Amapá, e que foram offerecidos a seu marido pelo Exm. Barão do Rio Branco. O Sr. Presidente mandou consignar na acta que, tão valiosa offerta era recebida com especial agrado.

Com a palavra o Dr. Pedro Julio Barbuda, leu substancioso trabalho intitulado «*Evolução litteraria das linguas ou Litteratura, sua definição e divisão do seu estudo. Genese da litteratura portugueza.*»

Finalmente o Dr. Braz do Amaral leu notavel memoria historica sobre os acontecimentos havidos na Bahia, em 1891, em seguida ao golpe de Estado

do marechal Manuel Deodoro da Fonseca, que foi ouvida com interesse geral.

Nada mais havendo, o Sr. Presidente agradece ás pessoas presentes o seu comparecimento e levanta a sessão.

João N. Torres.—Isaias de Carvalho Santos.—Gonçalo de Athayde Pereira.

RELATORIO DO CONS. 1.º SECRETARIO

Meus Senhores:

Commemora hoje o Instituto Geographico e Historico da Bahia, com uma sessão solemne, o 9.º anniversario de sua installação.

Conta elle mais um dia de vida litteraria, e apesar das difficuldades com que luta, e da má vontade que é a indifferença, vai proseguindo em sua marcha patriotica e scientifica, attestando o valor intellectual dos nossos homens.

No desempenho da honrosa tarefa que a vossa benevolencia me tem conferido, e em obediencia ao art. 28 § 8.º dos nossos Estatutos, ainda uma vez cabe-me a honra de, congratulando-me convosco, relatar-vos as principaes occurrencias havidas durante o anno social; e para não fatigar a vossa attenção farei rapida enumeração dos nossos trabalhos.

Com toda regularidade effectuaram-se as sessões do Instituto, as ordinarias, em numero de 9 e a sessão magna a 3 de Maio.

Na sessão de 20 de Abril é lido o parecer sobre as contas do Sr. Thesoureiro, do exercicio de 1901, as quaes são approvadas.

Como deveis estar lembrados, a sessão de 3 de Maio foi uma das mais proveitosas para o Instituto, sendo lidas 3 importantes monographias, que foram justamente apreciadas pelo auditorio.

O Dr. Julio Barbuda leu extenso e erudito estudo sobre a *Evolução litteraria da lingua portugueza no Brazil*.

Coube depois a palavra ao illustrado orador do Instituto, Dr. Braz do Amaral, fazendo a leitura de um primoroso trabalho de descripção da antiga Capella dos Jesuitas, na Faculdade de Medicina, e de investigação historica quanto á versão corrente de que os Jesuitas ali haviam deixado alfaias e riquezas em algum esconderijo; trabalho este feito em commun com o Dr. Innocencio Munhoz, de saudosa memoria para esta associação.

Em seguida usa da palavra o distincto professor Alexandre Borges dos Reis, e leu substancioso trabalho de interesse historico sob o titulo—*Colonos indigenas e escravos. Os Jesuitas e a cathechese. Historia do Brazil*.

Fallou por ultimo o socio Damasceno Vieira, tendo patriotico discurso de saudação ao Instituto pela festa commemorativa.

Na sessão de 18 de Maio é lida a carta em que o socio honorario General Dr. Dionizio de Cerqueira enviava ao Instituto o donativo de 100\$, e vota-se o orçamento confeccionado para o exercicio de 1902, ficando a Meza autorizada a transigir com as loterias do Instituto.

Na sessão de 25 de Maio procede-se á eleição da Meza e das commissões, sendo a Meza ainda uma vez reeleita e empossada n'esse dia; lançando-se na acta um voto de pezar pela morte tragica do illustre aeronauta brasileiro Dr. Augusto Severo, e transmittindo-se aos parentes do inditoso compatriota os sentimentos do Instituto.

Na sessão de 14 de Setembro lança-se igualmente um voto de louvor á commissão de socios que levou a effeito o concerto vocal e instrumental em beneficio do Instituto, dirigido e organizado pela eximia pianista e consocia a Exm. D. Maria

Elisa Valente Moniz de Aragão, que, por proposta da Meza, é elevada a socia honoraria por deliberação unanime da assembléa.

Na sessão de 19 de Outubro procede-se á leitura da memoria enviada pelo Dr. Hermam Von Ihering, director do Museu de S. Paulo sobre *as abelhas indigenas sociaes do Brazil*, sendo resolvido que fosse publicada pela imprensa: vota-se tambem, sob proposta do 1.º Secretario, que fossem expedidos os diplomas de socios, independente de contribuição, aos Dr. Alberto dos Santos Dumont, Von Ihering e prof. Emilio Augusto Goeldi, director do Museu do Pará, hoje Museu Goeldi, pelos valiosos serviços por elles prestados ao Brazil.

Na sessão de 16 de Novembro o Presidente, referindo-se á grande perda que acabava de soffrer a Bahia com o fallecimento do Dr. Manuel Victorino Pereira, propoz um voto de pezar pela perda de tão notavel bahiano e que o Instituto se associasse a todas as homenagens que lhe fossem prestadas n'esta capital.

Finalmente o Dr. Joaquim Pires fundamenta uma moção de felicitações ao illustre consocio Dr. José Joaquim Seabra, pela sua nomeação ao cargo de ministro da Justiça.

O Instituto teve a infelicidade de perder, no anno que findou, 8 illustres membros, cujos serviços por elles prestados serão opportunamente rememorados pela palavra eloquente do nosso orador, taes são elles: Barão de Pereira Franco, a 20 de Janeiro; Conego João Paranhos da Silva, a 30 de Janeiro; Pharmaceutico Eudexio Pereira da Costa, a 5 de Fevereiro; Dr. Adolpho Tourinho, a 4 de Maio; Dr. José de Oliveira Leite, a 10 de Maio; Pedro Muniz Leão Velloso, a 11 de Julho; Dr. Mariano

Pelliza, a 11 de Agosto; e Dr. Innocencio Munhoz Goes, a 28 de Dezembro.

Em compensação d'estas perdas vieram alistar-se nas nossas fileiras muitos outros cavalheiros, dos quaes 16 solicitaram já os seus diplomas.

Como nos annos anteriores, foram feitas á bibliotheca, ao archivo e ao museu do Instituto valiosas offertas de livros, mappas, medalhas, moedas, manuscriptos e jornaes, como consta das relações que serão publicadas em nossa *Revista*.

Cumpre entretanto salientar as seguintes: do socio desembargador Thomaz Montenegro, 137 vols. de diversas obras; do socio capitão de mar e guerra Antonio Alves Camara, 141 vols. de varias obras de sua bibliotheca particular, 4 moedas antigas, 1 de ouro e 3 de prata, retiradas de tumulos antiquissimos em Marrocos, e 15 moedas de cobre antigas;—da Exm.^a Viscondessa de Cavalcanti, eximia consocia, 72 vols., inclusive classicos latinos, cujo valor está nas edições;—do socio Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira, 150 vols.;—de D. Maria José Serra, o retrato do grande pintor bahiano Franco Vellasco;—do socio major Rogociano Teixeira, um livro contendo o discurso autographo proferido pelo Cons. Ruy Barbosa no Supremo Tribunal em 26 de Março de 1898, impetrando *habeas corpus* em favor dos implicados no attentado de 5 de Novembro de 1897, prefaciado pelo Dr. Aristides Milton; um outro contendo diversos trabalhos do Dr. Ruy Barbosa;—do socio Francisco Xavier Marques, diversas producções poeticas do illustre bahiano professor Guilherme Baldoino Embirussú Camacan;—do socio Cons. Francisco Sodré Pereira, varios manuscriptos que acompanharam á petição de graça e perdão que o Dr. Francisco Sabino impetrou á Regencia Permanente em 1834 pelo assassinato do alferes José Joaquim Moreira no dia 7 de Novembro de 1833, e varios periodicos do tempo da Regencia,

de cuja luta politica o delicto originou-se;—do socio Dr. José Antonio Costa, 100 moedas de varios paizes;—do socio Dr. Miguel de Teive e Argollo, um catalogo movel de classificação decimal de Devey, com dedicatória;—do Dr. Anísio de Carvalho, um arco artisticamente trabalhado e uma collecção de flechas de varias especies, obtidos dos Bororós Coroados, de Matto Grosso;—do Dr. José Felix da Cunha Menezes, duas moedas antigas romanas;—do socio Eloy Guimarães, lavas do Vesuvio e 55 moedas estrangeiras de cobre e nikel de 12 paizes differentes;—do cidadão Virgílio Pires de Carvalho, 4 projectis de guerra que pertenceram a seu pai o major Salvador Pires de Aragão e varias brochuras; do socio Capitão Manoel Raymundo Querino, 3 medalhas da Campanha do Paraguay, pertencentes ao tenente-coronel Feliciano Pimentel do 54 de voluntarios;—do socio coronel Gonçalo de Athayde, um fossil da região amazonica; do Provedor do Collegio dos Orphãos de S. Joaquim, uma das bandeiras, do regimen imperial, existentes n'aquelle Collegio.

A Meza julga de seu dever consignar em nome do Instituto um voto de reconhecimento a todos aquelles que tão generosamente concorreram para o augmento de suas collecções.

A nossa bibliotheca continúa a ser frequentada por diversos cavalheiros, representantes de todas as classes sociaes; e pelos motivos já expostos no relatorio anterior a catalogação dos livros não está concluida.

Como as demais associações litterarias e estabelecimentos pios, o Instituto tem estado privado de receber o auxilio consignado no orçamento da receita e despesa do Estado, acreditando a Meza que os poderes do Estado continuarão a auxiliá-lo, como têm feito, convicto da sua utilidade, e garantindo a sua estabilidade.

Compreendeis que, estando destinada a subvenção federal para a amortisação da hypotheca do predio, o Instituto não pode preencher os seus fins sómente com a subvenção municipal e com as annuidades dos socios, na importancia de Réis 1:480\$000.

Por esse motivo só foi publicado e distribuido o vol. da *Revista* relativo ao anno de 1901.

O do anno de 1902 deverá apparecer brevemente, tendo a Commissão de redacção acceitado o offerecimento feito por operoso e dedicado consocio para a impressão gratuita d'esse volume.

Do balancete apresentado pelo sr. Thesoureiro constam especificadamente as verbas da renda arrecadada e despesa effectuada, cujo resumo é o seguinte :

Receita	9:823\$000
Despeza	9:525\$000

Bahia, 3 de Maio de 1903.

O 1.º Secretario,

João Nepomuceno Torres.

103.ª SESSÃO EM 10 DE MAIO DE 1903

Presidencia do 1.º Secretario Cons. João Torres

Aos 10 de Maio de 1903, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons. João Torres, Drs. Barbuda, Freire de Carvalho, Isaias Santos e Tanajura, Comms. Salvador Pires e Joaquim de Santa'Anna, Luiz Filgueiras, Ferreira Braga, Eloy Guimarães, Henrique Prager, Coronel Athayde, Professores Nazareth e Santos Sá, Gonçalves Neves e Eng. Pimenta Bastos, foi aberta a sessão.

São lidas e approvadas as actas de 19 de Abril e de 3 de Maio.

Lê-se no expediente um officio da Sociedade Bahiana de Agricultura enviando a relação dos novos funcionarios eleitos para a directoria do Conselho Superior, e pareceres da commissão de admissão de socios, que ficam sobre a meza para serem votados na sessão seguinte.

O sr. presidente declara que a sessão foi convocada para a eleição da Meza e das Commissões, e por falta de numero para funcionar a assembléa geral fica adiada para o domingo proximo.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

João Nepomuceno Torres.—*Dr. Joaquim dos Reis Magalhães.*—*Isaias de Carvalho Santos.*

104.^a SESSÃO EM 17 DE MAIO DE 1903

Presidencia do Cons. João Torres

Aos 17 de Maio de 1903, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons. João Torres, 1.^o Secretario, Drs. Freire de Carvalho, Reis Magalhães e Isaias Santos, Ferreira Braga, Comms. Salvador Pires e Joaquim de Sant'Anna, Luiz Filgueiras, Coronel Athayde e Eloy Guimarães, abre-se a sessão, servindo de 2.^o Secretario o Dr. Reis Magalhães.

Lida a acta da sessão anterior, foi approvada.

O Sr. Presidente communica o fallecimento do socio Cons. Dr. Francisco Maria Sodré Pereira, salientando os serviços por elle prestados ao Instituto e ao Brazil, e propõe que se lance na acta um voto de pezar, nomeando uma commissão para dar pezames á familia e representar o Instituto no sahimento funebre.

O 1.^o Secretario dá noticia do seguinte expedi-

ente: Carta convite do Gremio Litterario, para o Instituto se fazer representar na sessão magna comemorativa do 43.º anniversario de sua installação. E' nomeada a commissão composta dos socios Ferreira Braga e Filgueiras.

Officios, do socio Dr. Emilio Goeldi, agradecendo o diploma de socio, e enviando publicações do Museu Paraense,—e do senador Antonio José de Lemos, Intendente da cidade de Belém, do Pará, enviando o seu relatorio e o Album da cidade.

O Sr. Presidente manda agradecer as offerlas recebidas.

Foram approvados por escrutinio secreto e proclamados socios correspondentes o Dr. Elpidio de Mesquita, residente na cidade do Rio de Janeiro, e o Padre Raphael M. Galanti, professor do Collegio Anchieta, em Nova Friburgo; e socios effectivos Dr. Joaquim Celso Moreira Spinola e Major Joaquim Carneiro de Campos, residentes n'esta Capital.

Em seguida, passando-se a proceder á eleição da Meza administrativa e das commissões para o anno social de 1903—1904, correu o escrutinio secreto e deu o seguinte resultado:

Presidente, Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

1.º Vice-Presidente, Dr. Satyro de Oliveira Dias.

2.º Dito, Cons. Pedro Marianni.

1.º Secretario, Cons. João Nepomuceno Torres.

2.º Dito, Dr. Isaías de Carvalho Santos.

Supplentes, Major Aloysio de Carvalho e Dr. Joaquim dos Reis Magalhães.

Thesoureiro, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga.

Orador, Dr. Braz Hermenegildo do Amaral.

Supplente, Cons. Filinto Justiniano Ferreira Bastos.

Commissão de admissão—Eloy de Oliveira

Guimarães, Coronel Gonçalo de Athayde Pereira, Pharm. Joaquim Manuel de Sant'Anna.

Commissão de fundos e orçamento—Dr. Alfredo Cesar Cabussú, Horacio Urpia, Comm. Salvador Pires de Carvalho.

Redacção da Revista e Estatutos—Cons. João Nepomuceno Torres,—Dr. Joaquim dos Reis Magalhães,—Conego Manfredo Alves de Lima.

Manuscriptos e Documentos—Cons. Filinto J. Ferreira Bastos,—Dr. Egas M. Barretto de Aragão,—Eng. Silio Boccanera.

Geographia, Historia e Ethnographia—Dr. Francisco M. Goes Calmon,—Prof. Antonio Alexandre Borges dos Reis,—Pharm. Luiz Antonio Filgueiras.

Estatistica e Demographia—Drs. Joaquim Tanajura e Aurelio Pires de Carvalho, e Prof. Elias Nazareth.

Topographia e Archeologia—Prof. Francisco Torquato Bahia,—Eng. João Pimenta Bastos,—e Dr. Julio da Gama.

Philatelia, Numismatica e Ceramica—Francisco Ferraro,—Dr. Guilherme Fœppel,—e Cap. Manoel R. Querino.

Mappas, Retratos e Cartas Geographicas—Alfredo Soledade,—Dr. José Julio de Calasans,—e Dr. Joaquim Pires Muniz.

Biographias—Dr. Manuel Joaquim de Sousa Britto,—Dr. Guilherme Pereira Rebello,—e Damasceno Vieira.

Finda a eleição o sr. presidente declarou empossados os socios eleitos, e levantou a sessão por nada mais haver a tratar-se.

João Nepomuceno Torres, P. I.—Antonio A. Borges dos Reis.—Isaias de Carvalho Santos.

105.^a SESSÃO EM 21 DE JUNHO DE 1903*Presidência do Cons. João Torres*

Aos 21 de Junho de 1903, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios srs. Cons.^{as} João Torres, 1.^o secretario, Filinto Bastos e Carneiro da Rocha, Drs. Silva Lima, Araujo Pinho, Egas Muniz, Joaquim Pires, Odilon dos Santos, Reis Magalhães, Virgilio de Lemos, Cabussú, Guilherme Muniz e Julio de Barbuda, Conegos Tapi-ranga e Mansfredo de Lima, Comms. Sant'Anna e Salvador Pires, Professores Borges dos Reis e Elias Nazareth, Coronel Gonçalo de Athayde, Eloy Guimarães, Damasceno Vieira, Alfredo Requião, Aloysio de Carvalho, Barão de S. Francisco, Ferreira Braga, Nicolao Tolentino, Major Carneiro de Campos, Isaías de Carvalho, 2.^o secretario, e com a presença de Exmas. Sras. e de representantes de varias classes sociaes, o 1.^o secretario assume a presidencia declarando aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

EXPEDIENTE

Carta do Padre Raphael Galanti agradecendo a sua eleição de socio correspondente. Offícios do Dr. Intendente Municipal enviando o seu Relatorio e leis voladas pelo Concelho Municipal, e convidando o Instituto para a inauguração solemne do jardim da Praça 15 de Novembro, onde se acha situado o mesmo Instituto, a 31 de Maio ultimo. Offícios das Sociedades Beneficencia Caixeiral, Beneficencia Academica e Gremio Litterario enviando as relações das novas directorias eleitas. Officio da Commissão promotora dos festejos do dia 2 de Julho convidando o Instituto a tomar parte na romaria civica até o parque *Duque de Caxias*, onde se acha levantado o monumento commemo-rativo da independencia.

As offertas são recebidas com especial agrado, e vão mencionadas no Appendice.

O sr. presidente declara que o Instituto concorrera á inauguração do jardim da Praça 15 de Novembro, abrindo o seu edificio, onde, em presença de muitos socios, foi lavrada a acta da inauguração, e que a presente sessão foi convocada para o fim de dar-se posse solemne ao socio eleito Padre Dr. Julio Maria, de passagem por esta Capital, e nomêa uma commissão composta dos socios Cons. Carneiro da Rocha e Conegos Manfredo e Tapiranga para darem entrada ao mesmo consocio, que é recebido com as formalidades do estylo, tomando assento ao lado da Meza.

Com a palavra o Cons. Filinto Bastos, supplente de Orador, saúda ao novo consocio, apresentando-lhe as boas vindas, sendo muito felicitado ao terminar; depois do que o Padre Dr. Julio Maria profere substancioso discurso de agradecimento, sendo igualmente felicitado.

O Professor Borges dos Reis obtem a palavra para assumpto urgente, que não admittia delongas, e declarou que lera em um dos jornaes da tarde, que a Commissão das festas ao 2 de Julho pretendia collocar uma placa no largo do *Barbalho*, mudando a sua denominação para *Praça Barão do Triunpho*, e, protestando em nome da justiça historica, apresentava o seguinte requerimento, que é unanimemente approvado:

Requeiro que a Meza do « Instituto Geographico e Historico da Bahia » procure entender-se com o Exm. Sr. Dr. intendente municipal no sentido de ser conservada ao largo do Barbalho a sua actual denominação, como uma homenagem prestada a Luiz Barbalho Bezerra, illustre capitão que naquelle sitio defendeu brillantemente esta cidade contra os assaltos dos hollandezes em 1638. Em sessão, 21

de Junho de 1903.—*Antonio Alexandre Borges dos Reis*.

Nada mais havendo a tratar-se, levanta-se a sessão.

Approvada em sessão de 2 de Agosto.

Salvador Pires de C. e Albuquerque, Presidente.—*João N. Torres*.—*Isaias de Carvalho Santos*.

106.ª SESSÃO EM 2 DE AGOSTO DE 1903

Presidencia do Exm. Cons. Salvador Pires

Aos 2 de Agosto de 1903, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons. Salvador Pires, presidente, e João Torres, Drs. Cabussú e Isaias Santos, Comm. Sant'Anna, Eloy Guimarães, Ferreira Braga, Coronel Gonçalo de Athayde e Prof. Santos Sá, é aberta a sessão, sendo lida e approvada a acta da sessão anterior.

O Cons. João Torres, antes da leitura do expediente, declarou que a Meza se entendera com o Dr. Intendente, e foi scientificada de não haver projecto de mudança de nome do largo do Barbalho, e que portanto nada tinha que providenciar sobre a materia da proposta do professor Borges dos Reis.

EXPEDIENTE

Cartas, do socio Dr. Francisco Calmon offercendo para o archivo varios autographos de trabalhos sobre a historia e litteratura patria, deixados pelo fallecido consocio Dr. Innocencio Munhoz;—do secretario da Bibliotheca Pelotense enviando um exemplar do poema *Uruguay*, de Basilio da Gama;—do secretario da Sociedade Nacional de Agricultura enviando as bases do Congresso das applicações industriaes do alcool.

São lidas e vão á commissão respectiva duas propostas para admissão de socios.

O Sr. Presidente dá noticia do fallecimento dos socios effectivos Drs. Manuel Adalberto de Oliveira Guimarães, a 29 de Junho: Dyonisio Gonçalves Martins, no dia 2 de Julho; e Joaquim Matheus dos Santos, tambem a 2 de Julho, na cidade de Berlim, propondo que se consignasse na acta votos de pezar, o que é approvedo.

E' lido, posto em discussão e sem debate approvedo o parecer da commissão de fundos e orçamento sobre as contas do Sr. Thesoureiro, durante o anno de 1902, tendo importado a receita em 9:949\$050, e a despesa em 9:713\$480.

E' lido e approvedo em escrutinio secreto o parecer da commissão de admissão, sendo proclamado socio effectivo o coronel Manuel Gonçalves da Costa Drummond.

O Sr. Presidente declara que, pretendendo transferir a sua residencia para a cidade do Rio de Janeiro, fazia as suas despedidas ao Instituto, agradecendo a todos os consocios as provas de consideração com que fôra distinguido sempre, e especialmente pela sua reeleição por seis vezes para dirigir os destinos do mesmo Instituto, ao qual offerencia os seus serviços ali.

O Cons. João Torres, 1.º Secretario, pede a palavra, e, salientando os serviços prestados ao Instituto pelo Cons. Salvador Pires, propõe que, de accordo com o art. 17 dos Estatutos, o Instituto lhe conferisse o titulo de Presidente honorario.

Estando a proposta assignada por todos os socios presentes, foi considerada approveda nos termos do § 1.º do cit. art. 17.

O Sr. Presidente agradece mais esta prova de consideração, e levanta a sessão.

João Nepomuceno Torres.—Antonio A. Borges dos Reis.—Gonçalo de Athayde Pereira.

107ª SESSÃO EM 30 DE AGOSTO DE 1903

Presidência do Cons. João Torres, 1.º Secretário

Aos 30 de Agosto de 1903, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios os Srs. Cons. João Torres, 1.º Secretário, Drs. Guilherme Muniz, Alvaro Cova, Augusto Goes, Octacilio dos Santos, Victal Soares, Joaquim Tanajura e Julio da Gama, Professores Borges dos Reis, Torquato Bahia, Elias Nazareth e Santos Sá, Conego Manfredo, Coronel Athayde, Luiz Filgueiras, Ferreira Braga, Comm. Sant'Anna e Salvador Pires, Coronel Francisco Gonçalves, Cons. Filinto Bastos, Pimenta Bastos, Manuel Drummond, Soledade, Gonçalves Neves, Alfredo Requião e Damasceno Vieira, foi aberta a sessão pelo 1.º Secretário, na ausencia dos vice-presidentes, convidando para secretarios os socios Coronel Athayde e Professor Borges dos Reis.

E' lida e approvada a acta da sessão antecedente.

No expediente são lidos os seguintes officios:—da directoria do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia agradecendo a concessão do salão nobre onde se realisou a sessão de installação do mesmo Instituto a 15 do mez findante;—do director da Bibliotheca Nacional communicando que alli se acham 5 pacotes de publicações estrangeiras com destino ao Instituto da Bahia;—do Comm. Provedor da Santa Casa da Misericordia enviando um exemplar do Relatorio relativo ao biennio de 1901 a 1902;—do 1.º Secretário do Instituto de S. Paulo agradecendo as Revistas e publicações, que reclamou, e solicitando a remessa da medalha commemorativa do centenario do Brazil.

O Cons. Presidente propõe que se lance na acta um voto de pezar pelo fallecimento do socio effectivo capitão de fragata reformado Estanislau Prze-

wodoski, n'esta capital a 25 do mez findante, o que é approvedo.

Declara em seguida que o assumpto principal da presente sessão era a eleição para presidente do Instituto na vaga do Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, que transferiu sua residencia para a cidade do Rio de Janeiro.

Procede-se á eleição por escrutinio secreto, são recebidas 24 cedulas, sendo eleito por 24 votos presidente o Cons. Antonio Carneiro da Rocha.

E' lida e approveda uma proposta da Meza elevando a socio benemerito, de accordo com o art. 15 dos Estatutos, o socio honorario Dr. José Francisco da Silva Lima, pelos relevantes serviços prestados ao Instituto, sendo nomeada uma commissão composta dos socios Dr. Tanajura, Coronel Athayde e Ferreira Braga para levar áquelle distincto consocio o respectivo diploma.

O Coronel Athayde propõe que se nomeasse uma commissão para representar o Instituto nas festas que a *Liga de Educação Civica* promove a 7 de Setembro e felicitar á sua directoria, o que é approvedo; sendo nomeada uma commissão composta dos socios Damasceno Vieira e professores Torquato Bahia e Nazareth.

Foram lidos e approvedos por escrutinio secreto os pareceres sobre a admissão do professor Luiz Augusto Alves da Cunha na classe dos effectivos, e na de correspondentes o Dr. Oscar Leal, medico e jornalista, residente em Lisboa, e Coronel João Brígido dos Santos, litterato e historiador, residente no Ceará, cidade de Fortaleza.

O Cons. Presidente designa o proximo domingo para a posse do presidente eleito, a quem se dará sciencia da sua eleição.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

João Nepomuceno Torres.—Dr. *Joaquim Tanajura.*—*Isaias de Carvalho Santos.*

108ª SESSÃO EM 6 DE SETEMBRO DE 1903

Presidência do Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 6 de Setembro de 1903, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios os Srs. Cons. Carneiro da Rocha, presidente, Cons. João Torres, 1.º secretario, Drs. Braz do Amaral, e Joaquim Tanajura, Barão de S. Francisco, Des. Gonçalves, Coronel Athayde, Comms. Sant'Anna e Salvador Pires, Ferreira Braga, Eloy Guimarães, Luiz Filgueiras, Major Carneiro de Campos, Professores Nazareth e Santos Sá, Damasceno Vieira e Dr. Isaias de Carvalho, 2.º secretario, foi aberta a sessão pelo Cons. 1.º secretario.

E' lida, e sem debate approvada a acta da sessão anterior.

EXPEDIENTE

Officio do Barão de Studart, pela Commissão do Tricentenário do Ceará, enviando uma medalha commemorativa das festas ali celebradas; carta do socio Professor Borges dos Reis enviando para a bibliotheca 50 exemplares do seu trabalho *Os Indigenas da Bahia*.

O Cons. João Torres declara que o fim especial da sessão convocada era dar posse ao novo presidente eleito, pelo que convidava o Cons. Carneiro da Rocha a assumir a presidencia, felicitando-o e ao Instituto por tão merecida escolha.

O Cons. Carneiro agradece aos seus consocios a prova de estima e consideração com que o haviam distinguido, e protesta envidar todos os esforços pelo progresso do Instituto.

O Dr. Braz do Amaral, orador do Instituto, pede a palavra e cumprimenta, com satisfação, o cidadão que, pelo suffragio unanime dos consocios foi elevado ao posto mais alto da sociedade.

Refere-se com expressões de elogio aos dois

primeiros presidentes do Instituto, estendendo-se em considerações sobre as necessidades e dificuldades da sociedade e da administração, citando, com pesar, a falta de trabalhos e de estudos.

E concluindo, pede ao novo presidente que, por suas numerosas relações e influencia, avigore as energias do Instituto e promova a realização de estudos para que sejam proficuos os esforços dos iniciadores da fundação da associação, quando, no pensamento de estimular e aproveitar os talentos e as vocações inertes em nosso meio, creou numerosas secções nas quaes os socios se poderão distinguir com vantagem propria e proveito para a patria.

O Cons. Presidente de novo agradece, e reitera o protesto feito de envidar esforços pelo progredimento do Instituto; e referindo-se á proxima chegada do aeronauta Santos Dumont, propõe que se lance na acta um voto de felicitações ao illustre consocio pela sua chegada á patria, enviando-se-lhe telegramma n'esse sentido; o que é approved.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Isaias de Carvalho Santos.

109.ª SESSÃO EM 6 DE DEZEMBRO DE 1903

Presidencia do Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 6 de Dezembro de 1903, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons. Carneiro da Rocha, Presidente, Cons. João Torres, 1.º Secretario, major Aloysio de Carvalho, Ferreira Braga, Comm. Salvador Pires, Prof. Luiz Augusto e Dr. Isaias de Carvalho, foi aberta a sessão, sendo lida e approveda a acta da sessão anterior.

O Cons. 1.º Secretario procede á leitura do expediente, sendo lidos varios officios das autori-

dades do Estado accusando o recebimento da comunicação da eleição e posse do novo Presidente do Instituto, e dá noticia de offertas de livros e artefactos de indigenas para o museu do Instituto, que vão adiante publicadas; Offício do Dr. José Francisco da Silva Lima agradecendo a comunicação de haver sido elevado á cathegoria de socio benemerito.

O 1.º Secretario declara que já se acha impressa a Relação dos socios do Instituto, desde a sua fundação, e será distribuida com a proxima *Revista*.

Pelo Cons. Presidente foram dadas informações sobre as providencias tomadas no sentido de resolver-se a crise financeira, declarando não haver tempo de levar-se por diante a idéa de um concerto, e que seria negativo o resultado de outra qualquer função publica.

O Sr. Aloysio de Carvalho, justificando a ausencia do Sr. Damasceno Vieira, apresenta a seguinte proposta, por ambos assignada, a qual é approvada: «Propomos que o Instituto Geographico e Historico da Bahia, obedecendo aos seus fins e tradições realise a 10 de Março de 1904 uma sessão literaria commemorativa do primeiro centenario do nascimento do grande poeta repentista bahiano, Francisco Muniz Barretto, ficando a Meza autorizada a agir no sentido de se effectuar essa commemoração.

Bahia, 6 de Dezembro de 1903. (Assignados)
Aloysio de Carvalho—Damasceno Vieira. »

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Isaias de Carvalho Santos.



OFFERTAS EM 1903

Pelas respectivas redacções foram enviadas á bibliotheca do Instituto, durante o anno de 1903, as seguintes Revistas :

Gazeta Medica da Bahia, vols. 34—35, 1903; *Revista do Gremio Litterario da Bahia*, vol. II, 1903; *Leituras Recreativas* (Lyceu Salesiano da Bahia) 1903; *A Agricultura Tropical* (Bahia) 1903; *Ad Lucem* (Bahia) 1903, anno I; Boletins da Secretaria de Agricultura, Industria e Viação da Bahia, anno I, 1903; Idem da do Estado de S. Paulo, 1903; *Revista da Academia Cearense*, vol. VIII, 1903; Idem do Instituto do Ceará, vol. XVII; Idem do Instituto Archeologico Pernambucano ns. 57 e 58, vol. X, 1903; Idem do Instituto Historico Brasileiro, vols. 62 e 63 (1900 e 1901); Idem do Instituto Historico do Rio Grande do Norte, vol. I, 1903; Idem do Instituto Historico de S. Paulo, vol. VII, 1902; Idem do Museu de S. Paulo, vol. 5.º, 1902; *Revista Maritima Brasileira*, vol. 43.º, 1903; *Anuario Maritimo para 1902 e 1903*; *Revista do Archivo Publico Mineiro*, anno VIII, Janeiro a Junho de 1903; Boletim do Museu Paraense, vol. III, 1903; *Revista do Centro de Sciencias, Lettras e Artes* de Campinas, 1903; *Jornal dos Agricultores*, Rio, 1901 a 1903; *Annaes do Brazil*, 2.º anno, 1903; *Revista Academica da Faculdade do Recife*, annos X e XI, 1902 e 1903; *Revista Franco-Italiana*, 1903; Boletins das Sociedades de Geographia de Lisboa, de Madrid, de Roma, de Paris, de Berna e Genebra, de New York, de Lima, etc.; *Annaes do Museu Nacional do Mexico*, 2.ª época, 1903.

—Pelo socio Cons. Carneiro da Rocha:—Uma collecção dos Annaes do Parlamento brasileiro, no antigo regimen.

—Pelo socio Desembargador Paranhos Montenegro:—Dictionario Geographico do Brazil, pelo Dr. Alfredo Moreira Pinto, 3 vols.; Annaes da Camara dos Deputados de 1900 a 1902; Relatorios dos ministros e secretarios de Estado em 1902; Campos Salles, Discursos, 2 vols.; Commemoração do 4.^o Centenario do Brazil pelo Instituto Historico Brasileiro; O Codigo Civil na Camara dos Deputados por Juvenal Pacheco, 1902; Brazil—4.^o Centenario do descobrimento, pelo Dr. Zeferino Candido, 1500—1900; Mortos illustres, pelo Dr. Miranda Azevedo (1900-1901); Questão de limites do Paraná, pelo Cons. Barradas; O Livro do Centenario, vol. III; Historia da Politica Commercial da França, 2 vols.; « Fallencias », discursos na Camara dos Deputados, pelo offerante.

—Pelo socio Dr. Satyro de Oliveira Dias:—Leis da Republica (1899 a 1901) 6 vols.; O Livro do Centenario, vol. III.

—Pelo socio Dr. Joaquim de Tolledo Piza:—Publicações do Archivo Publico de S. Paulo (Documentos interessantes para a historia e costumes de S. Paulo), 41 vols.; Diario da viagem do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida pelas capitancias do Pará, Rio Negro, Matto Grosso e S. Paulo em 1780 a 1790.

—Pela Exma. Sra. D. Maria Amelia da Silva Lima Pereira:—O Oyapoch e o Amazonas, 2 vols.; Memorias e mappas das fronteiras do Brazil e a Goyanna Franceza apresentados ao governo da Suissa, na questão do Amapá, pelo representante do Brazil, o Barão do Rio Branco.

—Pelo socio Dr. Francisco de Goes Calmon: varios autographos e manuscriptos.

—Pelo Dr. Silverio José Nery, governador do

Amazonas:—Mappa Geographico do Estado do Amazonas, organiado por Ermanno Stradelli, 1901; mappa da cidade do Acre; Collecção das Leis do Estado de 1894 a 1900, 1901 e 1902; The Land of the Amazonas, by G. Humphrey; Limites com a Guyanna Inglesa, por Ernesto Mattoso; O Muyra-kitá (Amazonas nos tempos prehistoricos), por Barbosa Rodrigues, 2 vols.; Julgados e Decisões do Supremo Tribunal do Estado, 1897 a 1899; Estudos sobre o Amazonas, por Torquato Tapajós; Questões Penitenciarias, por Pedro Baptista; Obras de Bento Aranha; Cultura dos Campos, por Assis Brazil; *Vellozia*, contribuição do Museu Botanico do Amazonas, 2 vols.; A Amazonia na exposição de 1900.

—Pela Directoria do Museu Nacional:—Archivo do Museu, vol. XII.

—Pela Secretaria do Tribunal de Appellação e Revista da Bahia:—O Relatorio dos trabalhos do Tribunal, contendo as decisões e julgados (1903).

Pelo Dr. Director da Bibliotheca Nacional:—Annaes, vol. XXIII (1901).

—Pelo Dr. Director do Archivo Publico Nacional:—Publicações do Archivo Publico, 4 vols.

—Pelo socio Barão de Studart: Volume commemerativo do Tricentenário da fundação do Ceará (1603-1903); a medalha commemorativa; Francisco Pinto e Luiz Figueira, o mais antigo documento sobre a historia do Ceará; Historia Portugueza (1610-1640) por Manuel Severim de Faria.

—Pelo socio Dr. Manuel de Mello M. Barata:—Relação dos manuscriptos portuguezes e estrangeiros de interesse para o Brazil, existentes no Museu Britannico de Londres, coordenada por Oliveira Lima, 1903.

—Pelo socio Cons. Filinto Bastos:—O primeiro Congresso Catholico Brasileiro, celebrado na Bahia em 1900 (Actas e documentos).

—Pelo socio Dr. Manuel L. do Rego:—Obras dramaticas de G. Shakespeare, 8 vols.

—Pelo socio Dr. Emilio Goeldi:—As monographias do Museu Paraense—Os mosquitos no Pará; Os mamiferos do Brazil; Aves do Brazil; Arboretum Amazonicum; Veados galheiros do Brazil; Album das Aves amazonicas, 1.º e 2.º fasciculos.

—Pelo senador Antonio Lemos, Intendente da cidade de Belém: Relatorio de 1902; Album de Belém.

—Pela Secretaria do Instituto Historico de S. Paulo: *Padre José de Anchieta*—(Cartas ineditas—edição commemorativa do centenario do Brazil).

—Pelo socio Padre Raphael M. Galanti: Compendio de Historia do Brazil, vols. II e III.

—Pelo socio Dr. Cezar Zama:—Prosadores e Poetas latinos.

—Pelo socio João B. Perdigão de Oliveira: Leis do Estado do Ceará em 1902; Relatorio do secretario da Justiça em 1903; Julgados e Decisões da Relação do Ceará, 1902; Almanak do Ceará para 1903.

—Pelo socio Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira: O Pará em 1900 (4.º centenario); A Ilha de Marajó, por Ferreira Penna; Affonso Celso contra Affonso Celso, ou oito annos de parlamento.

—Pelo socio Coronel Raymundo Cyriaco A. da Cunha:—Estudos Brasileiros, por José Verissimo.

Pelo socio Dr. Eduardo Velloso:—Theoria e Pratica das Fallencias e liquidacões, 1902.

—Pelo socio Dr. Octaviano Suzart: Collecção de arcos, flechas e outros artefactos indigenas da região amazonica.

—Pelo 1.º Secretario Cons. João Torres: Collecções d'*O Malho* e d'*A Avenida*, jornaes illustrados.

—Pelo socio major Rogociano Teixeira:—Commercio e navegação com as republicas limitrophes,

por Luiz Rodolpho de Albuquerque; autographos, e a medalha da exposição deapparelhos a alcool, no Rio de Janeiro.

—Pelo Dr. Americo Barreira:—Alagoinhas e seu municipio, 1902.

—Pelo Dr. Francisco Lobo Leite Pereira:—Descobrimento e devassamento do territorio de Minas Geraes.

—Pelo Dr. Alcides Torres: A sua these « Feridas por projectis e seu tratamento em campanha »; Recordações da vida parlamentar de Antonio Pereira Rebouças, 2 vols.

—Pelo socio Dr. Von Ihering: Relatorio annual do Instituto Agronomico de S. Paulo, 1902; Os mamiferos de S. Paulo e Rio Grande; As aves e peixes do Rio Grande do Sul.

—Pelo 2.^o Tenente Nuno Pirajá da Silva:—Organisação naval; Ensaio historico sobre a genesis e desenvolvimento da armada brasileira, pelo almirante Jaceguay; Catalogo historico do museu naval; Do Rio a Buenos Ayres, episodios e impressões de viagem, por Arthur Dias.

—Pela Bibliotheca Publica Pelotense: O Uruguay, de José Basilio da Gama, homenagem ao 4.^o centenario do Brazil.

—Pelo socio coronel João Brigido:—O general Pedro Labatut, Fortaleza, 1903.

—Pelos alumnos do Gymnasio da Bahia: O estandarte que figurou nas festas chilenas promovidas n'esta capital.

—Pelo Dr. João Fernandes, presidente do Conselho Municipal: O livro da acta do assentamento da pedra para o monumento ao 2 de Julho no Campo dos Martyres.

—Pelo major Ivo Pedro de Souza Pinheiro:—Uma giboia para o museu.

—Pela Smithsonian Institution, de Washington:—Annual Report (1897 a 1900) 7 vols.

—Pelo Archivo General de la Nacion (Buenos-Ayres): Partes Oficiales y Documentos relativos a la guerra de la independencia argentina, vol. III (1902).

—Pela Bibliotheca Nacional do Chile: «Projectos do Cod. do Proc. Penal e da Organisação dos Tribunaes, 3 vols.; Questão Chileno-Argentina de limites, por Francisco Fonk; Exposição Chilena ao Arbitro Britannico na questão de limites; Los Problemas internacionales de Chile, por Luiz Luco, 2 vols.; Juizo da imprensa sobre D. Manoel Montt.

—Pela Secretaria do ministerio de Fomento (Perú): Inauguracion de la exposicion del alcohol; Padron general de minas; Boletins del Cuerpo de ingenieros de minas del Perú; El Perú atraves de los Andes; La industria de las gomas em el Perú; Mines and mining in Perú; Vías del Pacifico al Madre de Dios.

ACTAS DAS SESSÕES EM 1904

110ª SESSÃO EM 10 DE MARÇO DE 1904

Presidencia do Sr. Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 10 de Março de 1904, n'esta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons. Carneiro da Rocha, Presidente, Cons. João Torres, 1.º Secretario, Drs. Isaías Santos, Satyro Dias e Pimenta Bastos, Coronel Gonçalo de Athayde, Alfredo Soledade, Luiz Filgueiras e Ferreira Braga, é declarada aberta a sessão.

O 2.º Secretario faz a leitura da acta da sessão anterior, que é approvada.

O 1.º Secretario procede á leitura do expediente, a saber: Officios dos Secretarios da Bibliotheca Publica Pelotense e do Lyceu de Artes e Officios da Bahia communicando as Directorias eleitas para o anno de 1904; do Director da Secretaria do Ministerio de Fomento, em Lima, enviando varias publicações officiaes; Carta do Alferes Paulino Nuro, enviando, por intermedio do Dr. Satyro Dias, exemplares do *Volatil Bartholomeu de Gusmão*, descoberta do mesmo Alferes.

As demais offerlas constam do Appendice.

Em seguida o Cons. Presidente declara que, durante as ferias do Instituto, passou por esta Capital o crusador italiano *Liguria* sob o commando do principe Luiz de Saboya, Duque dos Abruzzos, e não podendo o Instituto realisar uma sessão so-

lemne em homenagem ao sabio e intrepido explorador do Norte, em virtude da pequena demora do cruzador em nosso porto, resolveu conferir-lhe o diploma de socio honorario do Instituto em data de 9 de Janeiro do corrente anno; e por meio de uma commissão composta do mesmo Presidente, Dr. Braz do Amaral, Aloysio de Carvalho e Coronel Athayde, foi a bordo felicitar o Sr. Duque e offerecer-lhe o referido diploma, uma medalha commemorativa do 4.^o Centenario do Brazil e exemplares de trabalhos publicados pelo Instituto, o que elle agradeceu muito penhorado.

Referindo-se á deliberação do Instituto para commemorar-se o centenario do nascimento do grande repentista bahiano Francisco Muniz Barretto, disse que a Mesa se sentiu em difficuldade para leval-a a effeito, desde que a sessão só podia ter logar á noite do dia 10 de Março, dia util, e no proprio edificio do Instituto, que só poderia ser illuminado com grande despeza.

Dá noticia do fallecimento dos seguintes socios: a 18 de Dezembro de 1903, na Cidade de Caetité, n'este Estado, o Dr. Joaquim Manuel Rodrigues Lima, socio fundador e honorario;—a 30 de Dezembro do mesmo anno, n'esta Capital, o Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, socio effectivo e fundador e que fez parte da Commissão de orçamento desde a installação;—a 10 de Janeiro do corrente anno, na cidade do Recife, o socio correspondente major José Domingues Codeceira;—a 26 de Janeiro, na Capital Federal, o Dr. Aristides Augusto Milton, deputado por este Estado, socio correspondente e fundador;—a 14 de Fevereiro, nesta Capital, o socio effectivo Manuel Pinto Novaes;—a 29 de Fevereiro, na Cidade de Lisboa, o socio effectivo e remido, Commendador Albano Pereira de Carvalho;—a 2 de Março o socio effectivo fundador, Commendador

Laurindo de Oliveira Regis: faz referencias elogiadas aos serviços por elles prestados ás letras patrias e especialmente ao Instituto, propondo que se lance na acta um voto de pezar, o que é unanimemente approvedo.

O Sr. Thesoureiro lembra que se torna urgente a obra, já autorisada em assembléa geral, no salão da bibliotheca, tendo-se compromettido o socio Pimenta Bastos a fazel-a, e ser indemnizado quando permittirem as condições do Instituto. Autorisou-se o Sr. Thesoureiro a acceitar a offerta do socio engenheiro Pimenta Bastos, ou proceder ao concerto como julgar mais conveniente.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Gonçalo de Athayde Pereira.

III.ª SESSÃO EM 17 DE ABRIL DE 1904

Presidencia do Sr. Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 17 de Abril de 1904, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons. Carneiro da Rocha, Presidente, Cons. João Torres, 1.º Secretario, Dr. Satyro Dias, Coronel Athayde, Ferreira Braga, Conego Manfredo, Eloy Guimarães e Prof. Luiz Augusto, é aberta a sessão, servindo de 2.º Secretario o Coronel Athayde.

E' lida e approveda a acta da sessão anterior.

Depois da leitura do expediente, o Cons. 1.º Secretario propoz que, approximando-se o dia da sessão magna anniversaria, fosse ella feita com a maxima economia e solemnidade do costume, lembrando a conveniencia de serem feitas n'esse dia as biographias dos socios fallecidos; e tambem que, achando-se n'esta capital o distincto consocio engenheiro Theodoro Sampaio, Orador do Instituto de

S. Paulo, se nomeasse uma comissão para dar-lhe as boas vindas e convidal-o para assistir á sessão anniversaria, o que é approved, sendo nomeada a comissão, composta do mesmo socio Cons. Torres e Coronel Gonçalo de Athayde.

O Sr. Thesoureiro procede á leitura do Demonstrativo da receita e despesa do Instituto durante o anno de 1903, o qual é enviado á Comissão de orçamento para os devidos fins.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Gonçalo de Athayde Pereira.

112.^a SESSÃO EM 3 DE MAIO DE 1904

Sessão magna de anniversario, sob a presidencia do Sr. Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 3 de Maio de 1904, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes o Governador do Estado Dr. Severino dos Santos Vieira, os presidentes dos Tribunaes, representantes do Congresso do Estado, da Associação Commercial, das Faculdades de Direito e de Medicina, da imprensa e de varias classes sociaes, e os socios Cons. Carneiro da Rocha, Presidente, Cons.^{es} João Torres, Eduardo Silva, Botelho Benjamin, Pedro Mariani, Drs. Braz do Amaral, Silva Lima, Satyro Dias, Araujo Pinho, Jeronymo Gonsalves, Guilherme Muniz, Julio da Gama, Deocleciano Ramos, Virgilio de Lemos, Pedro Vianna, Victal Soares e Celso Spinola, Engenheiros Theodoro Sampaio, Imbassahy e Boccanera, Professores Torquato Bahia, Borges dos Reis, Nazareth e Luiz Augusto, Barão de S. Francisco, Conegos Manfredo e Tapiranga, Padres Dr. Samuel e Luiz da França, Coroneis Athayde e Martiniano de Almeida, Ferreira Braga, Eloy Gui-

marães e Luiz Filgueiras, foi declarada aberta a sessão.

O Sr. Presidente proferiu substancioso discurso referente á data festejada.

Em seguida dando a palavra ao Cons. 1.º Secretario, este procedeu á leitura do seu Relatorio sobre os trabalhos do Instituto durante o anno social findo; dando noticia das valiosas offertas de livros, hoje recebidas, e feitas pelos socios Drs. Felix Gaspar, Luiz Vianna e Francisco de Goés Calmon, as quaes vão adiante publicadas.

Usa tambem da palavra o socio engenheiro Theodoro Sampaio, o qual agradece a saudação que lhe foi feita pelo Instituto, e em nome do Instituto Historico de S. Paulo saúda o Instituto da Bahia pelo 10.º anniversario de sua fundação.

Finalmente o Dr. Braz do Amaral, orador official, occupa a attenção do auditorio durante hora e meia, lendo importante Memoria historica sobre *A Proclamação da Republica na Bahia*.

Durante o acto tocou a musica do 1.º batalhão do Regimento Policial.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

*Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.
—Gonçalo de Athayde Pereira.*

RELATORIO DO CONS. 1.º SECRETARIO

Sr. Presidente—Illustres Consocios.

No desempenho da honrosa tarefa que a vossa benevolencia me tem confiado, e em observancia ao art. 28 § 8.º dos Estatutos, cabe-me ainda uma vez o dever de relatar-vos as principaes occurrencias havidas durante o anno social.

Commemora hoje o Instituto o seu decimo anno

de vida litteraria, contra a previsão dos espiritos os menos incredulos.

Seria tarefa fastidiosa rememorar n'este momento o que foi este decennio de luctas e de ingentes esforços, atravez das difficuldades inherentes ao nosso meio, a que poucas associações resistem; a organização do Instituto e sua definitiva installação em predio proprio, o brilhantismo das festas civicas por elle promovidas por occasião dos centenarios de Antonio Vieira e do descobrimento do Brazil, os trabalhos emfim já publicados, e de que dão testemunho a sua *Revista* nos seus nove volumes.

E' com desvanecimento que vos recordo esse facto, porque sabeis por experiencia o que valem dez annos de existencia de uma instituição como esta, que tomou sob seus hombros desempenhar tão vasto programma, e que se vê ha quatro annos privada do auxilio official, necessario e indispensavel para a sua estabilidade, e para que possa conseguir os seus fins.

Entretanto, tem o Instituto, no estreito limite dos recursos pecuniarios de que dispõe, procurado desempenhar o encargo que lhe é imposto pelos Estatutos, mantendo relações de estreita solidariedade com os Institutos Historicos do Brazil e principaes sociedades Geographicas do estrangeiro na permuta dos seus trabalhos.

Durante o anno social de 1903 foram effectuadas com toda regularidade as sessões do Instituto, sendo 11 ordinarias e 1 magna—a de 3 de Maio.

Na sessão de 3 de Maio o socio Dr. Pedro Julio Barbuda lê um substancioso trabalho intitulado —«*Evolução litteraria das linguas, ou Litteratura, sua definição e divisão de seu estudo. Genese da litteratura portugueza*».

Seguiu-se com a palavra o nosso illustrado orador e historiographo Dr. Braz do Amaral lendo notavel memoria historica sobre os acontecimentos

havidos na Bahia, em seguida ao golpe de Estado do marechal Deodoro da Fonseca, e cuja verdade historica, apesar da discussão pessoal que posteriormente travou-se na imprensa, não foi seriamente contestada.

Em assembléa geral de 17 de Maio foram regularmente eleitas a Meza Administrativa e as Comissões que funcionaram n'esse anno.

Na sessão de 21 de Junho, designada especialmente para a recepção e posse do socio Padre Dr. Julio Maria, o Cons. Filinto Bastos, orador adjuncto, perante numeroso e selecto auditorio, leu importante discurso de saudação ao novo consocio, apresentando-lhe as boas vindas; seguindo-se com a palavra o Padre Julio Maria que agradeceu tão honrosa recepção.

Na sessão de 2 de Agosto o Instituto confere ao seu Presidente Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, que transferiu a sua residencia para a Capital Federal, o titulo de Presidente honorario, na fôrma do art. 17 dos Estatutos, em cujo cargo havia sido reeleito seis vezes.

Em assembléa geral de 30 do mesmo mez é eleito por unanimidade de votos para o cargo de Presidente o illustrado Cons. Dr. Antonio Carneiro da Rocha, a quem o Instituto solicitou o prestigio de seu nome e os seus serviços em prol do seu progresso e desenvolvimento.

N'esta mesma sessão é elevado a socio benemerito o illustrado medico e litterato Dr. José Francisco da Silva Lima, pelos relevantes serviços prestados ao Instituto, sendo nomeada uma comissão para levar áquelle consocio o respectivo diploma.

Na sessão de 6 de Setembro, depois de felicitado pelo orador, toma posse solemne do cargo para que foi eleito o nosso illustre Presidente, agradecendo a sua eleição e promettendo envidar todos os seus

esforços pelo progresso do Instituto; resolvendo-se ainda que fosse enviado um telegramma de felicitações ao consocio Dr. Santos Dumont pela sua chegada á patria.

Na sessão de 6 de Dezembro resolve o Instituto, sob proposta do socio major Aloysio de Carvalho, que no dia 10 de Março do corrente anno se realisasse uma sessão litteraria commemorativa do 1.º centenario do nascimento do grande poeta repentista bahiano Francisco Muniz Barretto, commemoração que infelizmente não poudo ter logar.

Finalmente, durante as ferias do Instituto, passou por esta Capital o cruzador italiano *Liguria* sob o commando do principe Luiz de Saboia, duque dos Abruzos; e não podendo o Instituto realisar uma sessão solemne em homenagem ao sabio e intrepido explorador do Pólo do Norte, em virtude da pouca demora do cruzador em nosso porto, resolve conferir-lhe o diploma de socio honorario; sendo nomeada uma commissão de socios para felicitar ao mesmo duque, levar-lhe o diploma, a medalha commemorativa do centenario do Brazil e exemplares de trabalhos publicados pelo Instituto.

Como nos annos anteriores foram feitas á bibliotheca, ao archivo e ao museu valiosas offertas de livros, mappas, medalhas e moedas, jornaes, mineraes e artefactos indigenas, cuja relação será opportunamente publicada na *Revista*; e d'entre ellas salientam-se as seguintes:

—Pela Exm.^a D. Maria Amelia da Silva Lima Pereira, viuva do pranteado bahiano Dr. Manuel Victorino,—O Oyapoch e o Amazonas, e 2 vols. de mappas das Fronteiras do Brazil e a Guyanna Franzeza, anteriores ao tratado de Utrecht de 1713—apresentados ao governo da Confederação Suissa, arbitro escolhido segundo as estipulações do tratado de 1897 entre o Brazil e a França.

Pelo socio Dr. Francisco Calmon,—varios auto-

graphos de trabalhos deixados pelo fallecido consocio Dr. Innocencio Munhoz, alguns d'elles inéditos, e com os quaes enriqueceu a historia e a litteratura patrias.

Pelo socio benemerito Desembargador Thomaz Montenegro, 104 volumes de differentes obras.

Pelo socio Dr. Joaquim de Toledo Piza,—a publicação official de documentos para a historia e costumes de S. Paulo, em 41 vols.

Pelo Dr. Silverio Nery, governador do Amazonas—mappa geographico do Estado do Amazonas, e outro da cidade do Acre, além de varias outras publicações officiaes.

Pelo Intendente da Cidade de Belém,—Album da mesma cidade em 1902, e O Pará em 1900, obra commemorativa do 4.^o centenario do Brazil.

Pela bibliotheca nacional do Chile,—Projectos do Cod. do Processo Penale da Organisação dos Tribunaes 3 vols. Questão Chileno Argentina de limites 2 vols., e outras obras.

Pelo socio Barão de Studart,—Medalha commemorativa do *Tricentenario do Ceará em 1903*, e obras publicadas por occasião do mesmo centenario.

Pelo socio Dr. Emilio Goeldi,—director do Museu Paraense,—Album das Aves Amazonicas, Arboretum Amazonicum, Os veados Galheiros, e Memorias do Museu.

Pelo socio major Rogociano Teixeira — autographos e a medalha commemorativa da exposição internacional de aparelhos a alcool, no Rio de Janeiro.

Pelo socio prof. Borges dos Reis—50 exemplares da sua monographia sobre os indigenas da Bahia.

Pelos alumnos do Gymnasio da Bahia—o estandarte que figurou em carro allegorico nas festas chilenas promovidas n'esta Capital.

Pelo presidente do Conselho Municipal d'esta

cidade— o livro da acta do assentamento da pedra para a elevação do monumento commemorativo do grande dia *2 de Julho*, no Campo dos Martyres.

O Instituto adquiriu por compra uma collecção de mappas da guerra do Paraguay, por Jourdan.

Ainda durante o anno que passou não poucos foram os nossos collaboradores ceifados pela morte, e cujos nomes aqui registramos com saudade, taes são: o Pharm.^o Alfredo Accioli do Prado, a 10 de Janeiro, em Sergipe; Dr. Augusto Victorino do Sacramento Blake a 24 de Março, no Rio de Janeiro; coronel Francisco Felix de Araujo a 16 de Abril, em Barbacena; Cons. Dr. Francisco Sodré Pereira, a 16 de Maio, n'esta Capital; Dr. Manuel Adalberto de Oliveira Guimarães, a 29 de Junho, no Rio de Janeiro; Eng. Dionisyo Gonçalves Martins e Dr. Joaquim Matheus dos Santos, no dia 2 de Julho, o primeiro n'esta Capital, e o segundo em Berlim; o capitão de fragata Eng.^o Estanislau Prezewodosky a 25 de Agosto n'esta Capital; o coronel Tranquílino Borburema, a 9 de Setembro, e o commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque a 30 de Dezembro, o qual serviu na commissão de fazenda desde a installação do Instituto.

A grata memoria desses saudosos companheiros a palavra eloquente do nosso illustrado orador prestará a devida homenagem, em sessões ordinarias, como é permittido pelo additivo aos Estatutos, votado em Outubro de 1895.

Durante o anno foram acceitos 20 socios para reforçar nossas fileiras, sendo 1 na qualidade de honorario, 14 na de effectivos e 5 na de correspondentes.

Pelo balancete da receita e despesa, apresentado pelo nosso digno thesoureiro, verifica-se que a receita importou em 10:210\$700, e a despesa em . . . 10:532\$000, com um deficit de 322\$000.

Como sabeis, a subvenção federal na importan-

cia de 5:000\$000 é applicada exclusivamente na amortisação e juros da hypotheca do predio, de fórma que o Instituto, tendo satisfeito outros compromissos anteriores com a quantia restante, é forçado a fazer a sua despesa ordinaria com o recebimento das joias e mensalidades dos socios na importancia de 1:700\$000, manifestamente insufficiente.

Como já tive occasião de dizer-vos, o não recebimento ha 4 annos do subsidio votado pelo Congresso Estadual para uma instituição que elle reconheceu de utilidade publica, tem perturbado a vida economica do Instituto, e paralyzado o seu desenvolvimento.

Todas as despesas que não eram de urgencia indispensavel foram adiadas, como encadernação de livros, impressão da *Revista*, assignaturas de revistas e jornaes, etc.

De trimensal que era a nossa *Revista* durante 8 annos passou a ser annua, e mesmo assim a de 1901 foi impressa, tendo eu adiantado a sua impressão; a de 1902 somente hoje é distribuida graças ao valioso offerecimento da sua impressão gratuita pelo operoso consocio Prof. Borges dos Reis.

Em nome da Meza consigno aqui um voto de agradecimento e gratidão a tão illustre consocio.

Quando serão porém publicadas as *Revistas* de 1903 e de 1904?

A Meza será necessaria e fatalmente forçada a fazer um appello aos vossos sentimentos generosos para esse fim.

Taes são, senhores, as principaes occurrencias havidas durante o anno que findou.

Trabalhemos com resolução e coragem, poucos embora, reagindo com energia contra este espirito

de indiferença que tudo procura avassallar entre nós.

Bahia, 3 de Maio de 1904.

JOÃO TORRES.

1.º Secr.º

113.ª SESSÃO EM 22 DE MAIO DE 1904

Presidencia do Snr. Cons. Carneiro da Rocha

Aos 22 dias de Maio de 1904, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons. Carneiro da Rocha, presidente, João Torres, Filinto Bastos e Braulio, Des. Jeronymo Gonçalves, Drs. Augusto Goes, Cabussú, Padre Dr. Samuel, Conego Manfredo, Padre Luiz da França, Coronel Athayde, Professores Nazareth e Luiz Augusto, Luiz Filgueiras, Santos Sá, Ferreira Braga, Eloy Guimarães, Gonsalves Neves, Manuel Drummond e Demetrio Pires, abre-se a sessão, servindo de 2.º secretario o coronel Athayde.

São lidas e approvadas as actas das sessões de 17 de Abril e 3 de Maio.

O Cons. 1.º secretario procede á leitura do expediente: Cartas, da Directoria do Centro de Sciencias e Letras de Campinas solicitando a remessa de autographos e quaesquer outras informações para o « Archivo de Carlos Gomes », que pretende fundar n'aquella cidade; dos srs. Reis & Comp. enviando 600 exemplares do n. 28 da *Revista* do Instituto, offerta feita pelo socio professor Antonio Alexandre Borges dos Reis; do tabellião do Termo de Tucano, João Pereira de Britto, enviando para o Instituto o traslado do processo pelo barbaro assassinato do Dr. Joaquim Procopio Ferreira de Andrade.

Declarou o Cons. presidente que a presente ses

são foi convocada para o fim especial da eleição da Meza e das commissões, deixando de ter logar no dia 15, por ter n'esse dia fallecido o distincto consocio Dr. José Octacilio dos Santos, a cujo sahimento funebre compareceu toda a Meza administrativa e grande numero de socios, pelo que propunha que se lançasse na acta um voto de sincero pezar; e que não tendo comparecido numero legal para a assembléa geral, ficava a eleição adiada para o proximo domingo, passando o Instituto a funcio-nar em sessão ordinaria.

Com a palavra o Dr. Cabussú, justifica um additivo á proposta do Sr. presidente, salientando os serviços do Dr. Octacilio, no sentido de ser nomeada uma commissão para dar pesames á sua desolada familia e assistir aos suffragios do 3o° dia do seu passamento, o que é approvado; sendo designados para esse fim os socios Drs. Cabussú e Jeronymo Gonsalves, e Eloy Guimarães.

E' lida, e vai á respectiva commissão, uma proposta assignada pela Meza, para que, de accordo com o § 2º. do art. 13 dos Estatutos, seja conferido ao socio effectivo professor Antonio Alexandre Borges dos Reis o titulo de socio honorario em vista da offerta da publicação do n. 28 da *Revista*.

O Cons. João Torres, justificando a proposta da Meza, diz que esta será forçada a fazer um appello a todos os illustres membros do Instituto para que não fique adiada a publicação das suas *Revistas*; uma vez que a receita ordinaria é insufficiente para essa despesa, imprescindivel para a vida do Instituto.

O Cons. presidente faz larga exposição sobre o estado financeiro do Instituto, e promette providenciar antes de tudo, junto ao Dr. Governador eleito

sobre o recebimento das subvenções vencidas e não pagas.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha.—*João N. Torres.*
—*Gonçalo de Atahyde Pereira.*

114.^a. SESSÃO EM 29 DE MAIO DE 1904

Presidencia do Sr. Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 29 de Maio de 1904, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons.^{as} Carneiro da Rocha, presidente, João Torres e Filinto Bastos, Drs. Julio da Gama, Guilherme Muniz, Egas Muniz, Victal Soares, Conego Manfredo, coronéis Athayde e Martiniano de Almeida, Professor Nazareth, Eloy Guimarães, Ferreira Braga, Manuel Querino e Luiz Filgueiras, abre-se a sessão, servindo de 2.^o. secretario o coronel Athayde.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

O Cons. 1.^o. secretario faz a leitura do expediente: Offício do Delegado do Estado Maior do exercito, junto ao commandante do 3.^o. districto militar, solicitando permissão para que um dos seus auxiliares tire copia das cartas hydrographicas do Rio São Francisco existentes no archivo do Instituto afim de figurar na carta geographica da Bahia; mandou-se attender ao pedido: Offerta de livros pelo consocio Dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo; Uma proposta para socios correspondentes, que vae á commissão respectiva: Parecer da commissão de admissão favoravel á proposta da Meza elevando o socio effectivo professor Antonio Alexandre Borges dos Reis a honorario, o qual fica sobre a meza para ser votado na proxima sessão.

Procede-se em seguida á eleição da Meza Administrativa e das commissões, e corrido o escrutinio

são recebidas 16 cédulas, dando em resultado ser reeleita a Meza Administrativa. (*)

As comissões foram igualmente reeleitas, com excepção das seguintes:

Comissão de admissão:—Eloy Guimarães, coronel Gonçalo de Athayde e Dr. Guilherme Muniz B. de Aragão.

Estatutos e Redacção da Revista:—Cons. João N. Torres, Professor Torquato Bahia e Conego Manfredo de Lima.

Estatística e Demographia:—Drs. Antonio Pacifico Pereira e Joaquim Tanajura, e Professor Elias Nazareth.

Topographia e Archeologia:—Dr. Julio da Gama, Professor Torquato Bahia e Eng.^o Affonso Maciel.

Concluída a apuração, o Cons. presidente declara empossados, na forma dos Estatutos, os socios presentes que foram eleitos, fazendo-se as communicações devidas, e publicando-se pela imprensa o resultado da eleição.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha.—*João N. Torres*.—*Isaias de Carvalho Santos*.

115.^a SESSÃO EM 3 DE JULHO DE 1904

Presidência do Sr. Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 3 de Julho de 1904, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, e presentes os socios Srs Cons.^{os} Carneiro da Rocha, presidente, e João Torres, Drs. Joaquim Tanajura e Alexandre de Souza, Coroneis Athayde e Francisco Gonsalves, Eloy Guimarães,

(*) Vide acta n. 104 de 17 de Maio de 1903.

Ferreira Braga e Dr. Isaias Santos, 2.^o. secretario, abre-se a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O Cons. 1.^o Secretario faz a leitura do expediente, constante de officios de varias autoridades agradecendo a communicacão da eleição da Meza Administrativa do Instituto; propostas para admissão de socios effectivos e correspondentes, bem como de uma outra, assignada pela Meza, conferindo o titulo de socio honorario ao Dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, de accordo com o art. 13 § 1.^o dos Estatutos, pelos relevantes serviços prestados ao Brazil na questão de limites com a Guyanna Inglesa. Vae á commissão de admissão para o respectivo parecer.

O Cons. Presidente propõe que se lance na acta um voto de louvor áquelle distincto diplomata e litterato, pelo zelo e alta competencia demonstrados nessa momentosa questão, officinando-se nesse sentido ao illustre compatriota, o que foi approvado; e mais que se lançasse, tambem, na acta, votos de pesar pelo fallecimento do socio correspondente e fundador, Dr. Antonio Pereira de Castro, magistrado aposentado, fallecimento occorrido a 10 de Março do corrente anno e de que só agora teve conhecimento, e do socio effectivo, Capitão Ignacio Mendo Filho, n'esta capital, a 18 de Junho ultimo.

O Cons. 1.^o Secretario lê o projecto de orçamento da receita e despesa do Instituto para o corrente anno, apresentado pela Commissão de fundos e orçamento e o parecer da Commissão de admissão sobre a proposta de socios apresentados em 29 de Maio, os quaes ficam sobre a meza para serem votados na sessão proxima.

Em seguida é lido e approvado o parecer da Commissão de orçamento sobre o demonstrativo da Receita e Despesa do anno de 1903.

A *Receita* importou em 10:210\$729, a saber:

Saldo do anno anterior	235\$563
Subvenção federal	6:666\$666
Idem municipal	1:250\$000
Joias de socios e remissão	900\$000
Donativos	20\$000
Mensalidades	1:138\$500

A *Despeza* importou em 10:532\$186, a saber:

Despesas Geraes	854\$820
Ordenados e commissão ao cobra- dor	1:588\$200
Ao Banco Auxiliar, Amortisação	3:997\$830
Idem de juros	2:668\$836
Contas a diversos	423\$000
Compra de livros	70\$000
Impressão da <i>Revista</i>	930\$000
Saldo a favor do Thesoureiro	321\$459

Em seguida, é posto a votos e approvedo, por escrutinio secreto, o parecer da commissão de admissão elevando a socio honorario o Professor Antonio Alexandre Borges dos Reis.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Victal Soares.

116.ª SESSÃO EM 7 DE AGOSTO DE 1904

Presidencia do Sr. Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 7 de Agosto de 1904, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons.^{as} Carneiro da Rocha, Presidente, João Torres, Ferreira Braga, Dr. Victal Soares, Damasceno Vieira, Padre Dr. Samuel e Professor Luiz Augusto, abre-se a sessão, servindo de 2.º Secretario o Dr. Victal Soares.

E' lida e sem debate approvada a acta da sessão anterior.

O Cons. 1.^o Secretario faz a leitura do expediente que constou de diversos officios, e d'entre elles um da Bibliotheca Nacional do Rio, communicando acharem-se alli quatro pacotes de publicações procedentes do estrangeiro destinados a este Instituto, e de cartas accusando a remessa das diversas offer-tas que vão adiante declaradas.

Finda a leitura do expediente, o Cons. Presidente communicou o fallecimento do socio effectivo, Dr. Manuel Alfredo de Carvalho e propoz que se inserisse na acta um voto de pezar, o que foi approvedo.

Passou-se á leitura do parecer da Commissão de admissão de socios, favoravel ás propostas dos socios correspondentes: Dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley, Dr. Göran Bjorkman, Conde Angelo de Gubernatis, Xavier de Ricard, D. Leonardo Elliz, D. Clemente Barahona Vêga, Philéas Lebesgue, propostas que, submettidas á votação, por escrutinio secreto, são approvadas.

Em seguida é lido, e approvedo sem debate, o projecto de orçamento da Receita e Despesa para o corrente anno de 1904, sendo calculada a receita em 23:160\$500, e a despesa em 18:650\$318, com um additivo nos seguintes termos: Fica a Meza autorizada a transigir com o debito do Estado, de subvenções atrasadas, na importancia de 15 contos de réis, applicando-se essa quantia á amortisação do debito hypothecario e outros, e bem assim promover a extracção das loterias. (Assignado). *A. Cabussú. — Horacio Urpia. — Manuel Francisco Gonsalves.*

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha, — João N. Torres. — Gonçalo de Athayde Pereira.

117ª SESSÃO EM 18 DE SETEMBRO DE 1904

Presidencia do Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 18 de Setembro de 1904, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Conselheiros Carneiro da Rocha e João Torres, Coronel Gonçalo de Athayde, Professores Santos Sá e Luiz Augusto, Eloy Guimarães e Capitão Ferreira Braga, é aberta a sessão, servindo de 2.º Secretario o coronel Athayde.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

O Cons. 1.º Secretario procede á leitura do expediente:

Officio do Presidente do Instituto Historico do Rio Grande do Norte pedindo a remessa de copias authenticas de documentos sobre o processo e execução do grande martyr da revolução de 1817, Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro. Mandou-se verificar o que consta do archivo e satisfazer o pedido. Cartas, do socio Dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley agradecendo a sua eleição de socio correspondente; do socio Luiz Rodolpho Cavalcante, enviando dois exemplares do seu trabalho sobre a criação das Casas da moeda no Brazil, e do seu relatorio sobre a Casa da moeda do Rio de Janeiro; do socio José J. Biedma, sub-director do Archivo Nacional de Buenos-Ayres, enviando sentidos pezames pelo fallecimento do illustre consocio Dr. Innocencio Munhoz de Araujo Góes, que elle considera—«uma grande perda para o grupo dos intellectuaes que fórma o Instituto»; do socio general Dr. Dionysio de Cerqueira agradecendo a *Revista*, e declarando que, logo que regresse dos trabalhos da commissão de limites no territorio das Missões, enviará varias obras constantes do pedido da Secretaria do Instituto, ao qual offerece os seus serviços; do Dr. Manuel Ballivian, director

da Officina Nacional de immigração e propaganda geographica de La Paz, enviando varios Boletins da Officina Nacional e da Sociedade Geographica da mesma cidade, de que é Presidente.

São lidos os pareceres da commissão de admissão favoraveis ás propostas: para socio honorario o Dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo; para socios correspondentes o Dr. Pedro Escutra, chefe da Commissão Argentina com o Brazil no territorio das Missões, Julius Meili, numismata, residente em Zurich, Dr. José da Rocha Leal, residente em Valença, Chichorro da Gama, bibliothecario do Archivo Publico Nacional e Dr. Domingos Sergio de Carvalho, residente no Rio de Janeiro; e para socios effectivos o engenheiro Antonio Amaral, Dr. Oscar Freire e Dr. João Alfredo Conde, residentes n'esta Capital; pareceres que ficam sobre a meza para serem votados na seguinte sessão.

O Cons. Presidente dá noticia do fallecimento do socio correspondente Dr. José Isidoro Martins Junior no dia 22 de Agosto, na cidade do Rio de Janeiro, illustrado professor da Faculdade do Recife, e propoz que se lançasse na acta um voto de sincero pezar, o que foi approvado.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Isaias de Carvalho Santos.

118ª SESSÃO EM 6 DE NOVEMBRO DE 1904

Presidencia do Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 6 de Novembro de 1904, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Conselheiros Carneiro da Rocha e João Torres, Coronel Athayde, servindo de 2.º Secretario, Pharmaceutico Luiz Filgueiras, Padre Luiz da França,

Professores Santos Sá e Luiz Augusto e Capitão Ferreira Braga, é declarada aberta a sessão.

O Cons. 1.^o Secretario deu conta do seguinte expediente: Cartas, de J. Scherrer, de Zurich, enviando o bosquejo biographico do grande numismata Julius Meili com a relação dos trabalhos por elle publicados; do socio Julius Meili enviando o seu trabalho « Moedas da Colonia do Brazil » (1897), representando a parte descriptiva das 59 principaes estampas publicadas em 1895, e solicitando copias das armas da cidade da Bahia e do actual Estado; do socio Dr. Manuel Barata enviando Annaes do Senado Federal, correspondentes aos annos de 1894 a 1902 e Relatorios do Presidente do Senado de 1898 a 1903, e um exemplar da Carta Congratulatoria « Aos Bahienses fieis e valerosos » por Domingos Alves Branco Muniz Barreto, que reputa de extrema raridade. Mandou-se responder agradecendo.

O Cons. Presidente declara que o Instituto se fez representar na sessão commemorativa do Lyceu de Artes e Officios, a 23 de Outubro; e que tendo fallecido na cidade da Victoria, do Estado do Espirito Santo, o operoso consocio Dr. José Joaquim Peçanha Pova, director da instrucção publica, propunha que se lançasse na acta um voto de pezar, o que foi approvado.

Em seguida procede-se á votação, por escrutinio secreto, dos pareceres que ficaram adiados da sessão anterior sobre a admissão de socios, que são approvados, sendo proclamados socios os cidadãos cujos nomes se acham mencionados na acta anterior, fazendo-se as necessarias communicações.

Nada mais havendo, levanta-se a sessão.

Antonio Carneiro da Rocha.—João N. Torres.—Isaias de Carvalho Santos.

119.^a SESSÃO EM 11 DE DEZEMBRO DE 1904

Presidencia do Cons. Antonio Carneiro da Rocha

Aos 11 de Dezembro de 1904, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios Srs. Cons.^{as} Carneiro da Rocha e João Torres, Capitão Ferreira Braga, Professores Torquato Bahia e Luiz Augusto, Gonçalves Neves, Coronel Athayde, Padre Luiz da França, Eloy Guimarães e Dr. Isaias Santos, 2.^o Secretario, foi aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

O Cons. 1.^o Secretario faz a leitura do expediente.

Cartas: do socio desembargador Thomaz Montenegro communicando a Ordem do Thesouro para pagamento do 1.^o semestre da subvenção federal concedida ao Instituto; do Dr. Manuel Alvaro Sá Vianna enviando os 2 vols. dos trabalhos do Congresso Juridico; do consocio Dr. José Joaquim Seabra, Secretario do Interior e Justiça, enviando os Relatorios de 1903 e 1904, as Leis Usuaes, e Accordãos do Supremo Tribunal de Justiça de 1895 a 1900; do Dr. Alfredo Conde declarando acceitar a sua eleição de socio effectivo; do socio Dr. Frederico Lisboa offerecendo ao Instituto o retrato de seu pae o chefe de divisão Augusto Venceslau da Silva Lisboa, um dos veteranos da independencia do Brazil, offerta que é recebida com especial agrado; do socio José J. Biedma, director do Archivo Geral de Buenos-Ayres, offerecendo os seus serviços ao Instituto, e enviando 4 vols. de obras para a bibliotheca.

O Cons. 1.^o Secretario communica que no dia 8 do corrente compareceu á sessão litteraria celebrada no Archivo Publico, por occasião de ser ali collocado o retrato do fallecido director e fundador Dr. Francisco Vicente Vianna, representando a Meza Administrativa.

O Cons. Presidente declarou que havia recebido, por intermedio do Dr. Graça Aranha, uma carta do nosso eminente consocio Dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, ministro brasileiro em Londres, fazendo offerta ao Instituto de 18 volumes das Memorias, inclusive o Atlas sobre a questão de limites entre a Guyanna Ingleza e o Brazil.

Na referida carta accrescenta o illustre brasileiro, alludindo á sentença, «que intervieram no julgamento das provas as novas exigencias do direito publico europeu sobre a occupação effectiva de territorios, e que por ellas dois terços do nosso territorio seriam considerados sem dono. A sentença declarou o empate da causa, e, por esse motivo sómente, repartiu o territorio entre os demandantes. Não o repartiu por achar melhor o titulo inglez a léste do *Tacutí* e o brasileiro a léste do *Cotingo*, mas por não poder estabelecer a preferencia do direito de nenhuma das Partes. Em taes circumstancias folgo de haver recuperado para nós a posse do trecho que mais nos convinha. Esses 18 volumes foram apresentados dentro de um anno.»

O Instituto resolve que se consigne na acta, que tão valiosa offerta é recebida com especial agrado.

Nada mais havendo, o Sr. Presidente proclama as ferias do Instituto, e levanta a sessão.

E para constar lavra-se a presente acta que vai assignada pela Meza. *Antonio Carneiro da Rocha.*
—*João N. Torres.*—*Gonçalo de Athayde Pereira.*



—Pelo Archivo General de la Nacion (Buenos-Ayres): Partes Oficiales y Documentos relativos a la guerra de la independencia argentina, vol. III (1902).

—Pela Bibliotheca Nacional do Chile: «Projectos do Cod. do Proc. Penal e da Organisação dos Tribunaes, 3 vols.; Questão Chileno-Argentina de limites, por Francisco Fonk; Exposição Chilena ao Arbitro Britannico na questão de limites; Los Problemas internacionales de Chile, por Luiz Luco, 2 vols.; Juizo da imprensa sobre D. Manoel Montt.

—Pela Secretaria do ministerio de Fomento (Perú): Inauguracion de la exposicion del alcohol; Padron general de minas; Boletins del Cuerpo de ingenieros de minas del Perú; El Perú atraves de los Andes; La industria de las gomas em el Perú; Mines and mining in Perú; Vías del Pacifico al Madre de Dios.

OFFERTAS EM 1904

Pelas respectivas redacções foram enviadas á Bibliotheca do Instituto, durante o anno de 1904, as seguintes Revistas:

Gazeta Medica da Bahia, vols. 35—36, 1904; *L'Italia*, Bahia, organo della Colonia italiana; *Revista do Gremio Litterario da Bahia*, anno 3.^o 1903—1904; *Ad Lucem* (Bahia), anno 2.^o 1904; *Revista da Associação Typographica Bahiana*, anno 2.^o, 1903; Boletins da Secretaria da Agricultura, Industria e Viação da Bahia, vols. 2 e 3 (1903—1904); Idem do Estado de S. Paulo, 1904; *A Lacoura* (Sociedade Nacional de Agricultura), anno VII (1903—1904); *Revista Commercial e Financeira* (Rio) 1904; *Jornal dos Agricultores*, anno IV, 1904; *Revista Militar do Exercito*, anno VI, 1904; *Revista Maritima Brasileira* (anno 23—24) 1904; *Brazilian Mining Review* (Rio) vol. 1.^o, 1904; *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, vols. 64 e 65 (1902—1903); Idem do Instituto do Ceará, vol. XVIII, 1904; Idem do Instituto Archeologico Pernambucano, n. 59, vol. X; Idem do Instituto Historico do Rio Grande do Norte, ns. 1 e 2 do vol. 2.^o, 1904; Idem do Instituto Archeologico Alagoano, n. 1 do vol. IV (1904); Idem do Instituto Historico de S. Paulo, vol. 8.^o, 1903; *Revista do Archivo Publico Mineiro* (Janeiro a Junho, 1904); *Revista do Centro de Sciencias e Letras de Campinas*, ns. 6 e 7, 1904; *Luz*, revista de sciencias e letras, Porto Alegre, 1904; *A Escola*, revista de ensino, Pará, vol. 8.^o, 1904; *Revista Agricola, Commercial e Industrial Mineira*, vol 1.^o, 1904;

A Cartophilia (Rio), anno 1º, 1904; Boletins do Museu Goeldi (Pará) vol. IV, 1904; Idem da Officina Nacional de Propaganda Geographica de La Paz, 1901 a 1903; *O Oriente Portuguez* (revista da commissão archeologica da India Portugueza) anno 1º, 1904; Boletins do Museu Nacional do Mexico; do Corpo de Engenheiros de Minas do Perú; das Sociedades Geographicas de Lima (Perú) e de La Paz (Bolivia); da Academia de Bellas Lettras e Historia de Stocholmo (Suecia) 1898—1903; e das demais sociedades geographicas que permutam com o Instituto.

—Pelo Ministerio de Fomento (Perú): Boletins do Ministerio (1904); Memorias sobre diversas viagens emprendidas por engenheiros agronomos, 1902; A demarcação politica do Perú.

—Pela Sociedade de Ethnographia de Paris: Memorias e Boletins da mesma Sociedade, e 4 da Revista Oriental e Americana.

—Pelo Dr. Director da Bibliotheca Nacional (Rio de Janeiro): Annaes da Bibliotheca, vols. 24 e 25 (1902 e 1903); Cartas do Brazil do Padre Manuel da Nobrega (1549—1560); Guerra do Paraguay, pelo 1º tenente E. Jourdan.

—Pela directoria da Sociedade Nacional de Agricultura: As monographias — Melhoramentos dos terrenos de cultura; O assucar e o alcool na Bahia, pelo engenheiro Miguel Calmon; Meios para debellar as crises no Brazil, pelo Dr. A. Bernachi.

—Pela Inspectoria Geral de Terras (Bahia): Breve noticia sobre a propriedade rural, pelo engenheiro Joaquim Francisco Gonçalves.

—Pela Secretaria da Agricultura (Bahia): Noticia descriptiva do Campo pratico de viticultura, na cidade do Joazeiro, pelo engenheiro João Silveira.

—Pelo Presidente da Associação Commercial da Bahia: Relatorio da Directoria, 1904.

—Pelo socio Dr. Octaviano Muniz Barretto, Inspector Geral do Ensino, Bahia: Relatorio da Inspectoria ao Secretario do Interior em 1904.

—Pela Secretaria da Justiça do Ceará: Revista Annual dos Julgados e Decisões da Relação de Fortaleza em 1903 (1904).

—Pelo Director do Museu Nacional de Montevideo: Geografia Fisica e Esferica del Paraguay por D. Felix de Azara, vol. I.

—Pelo socio Dr. Felix Gaspar: Mappa Geographico do Estado do Amazonas; *Sertum Palmarum Brasiliencium*, pelo sabio naturalista Dr. Barbosa Rodrigues, 2 vols.

—Pelo socio Dr. Francisco Marques de Goes Calmon: O Protesto, em original, elaborado pelo Dr. Augusto Guimarães, presidente da Camara Municipal da cidade da Bahia, contra a proclamação da Republica em 1889.

—Pelo socio Dr. Satyro de Oliveira Dias: O Atlas do Brazil pelo Senador Candido Mendes de Almeida; Relatorios dos Ministros e Secretarios de Estado em 1904, 9 vols.

—Pelo socio Desembargador Thomaz Montenegro: Projecto approvando o tratado do Acre, assignado em Petropolis, a 17 de Novembro de 1903.

—Pelo socio Cons. Luiz Vianna: Memorias e Mappas, apresentados ao governo da Suissa na questão do Amapá, 11 vols.

—Pelo socio Dr. Francisco de Paula Guimarães: Annaes do Parlamento Brasileiro (Assembléa Constituinte, 5 vols.); Collecção Completa dos Annaes da Camara dos Deputados (Congresso Nacional) de 1891 a 1903, 107 vols.

—Pelo socio Dr. José Joaquim Seabra: Relatorios do Ministerio da Justiça em 1903 e 1904, 4

vols.; Leis Usuaes da Republica, 1 vol.; Accor-
dões do Supremo Tribunal Federal de 1895, 98, 99
e 1900, 4 vols.; Mensagem do Presidente da Re-
publica em 1890 e 1891.

—Pelo socio Dr. Manuel de Mello Cardoso Ba-
rata: Annaes do Senado Federal de 1894 a 1902;
Relatorios do Presidente do Senado de 1898 a
1904; Carta congratulatoria aos Bahienses por Do-
mingos A. Branco Moniz Barretto.

—Pelo socio Dr. Joaquim Nabuco: Collecção
completa das Memorias e Attilas sobre a questão
de limites entre o Brazil e a Guyanna Inglesa (18
vols.).

—Pelo Dr. Manuel Alvaro Sá Vianna: Actos e
Discussões do Congresso juridico Americano, 2
vols., 1902 e 1904.

—Pelo socio Dr. Frederico Lisboa: Discurso
proferido pelo Dr. Francisco Vicente Vianna no
Archivo Publico da Bahia, em 1891; Retrato em-
moldurado de seu pai, o chefe de divisão Augusto
Venceslau da Silva Lisboa, veterano da indepen-
dencia.

—Pelo socio Dr. José Francisco da Silva Lima:
Varios numeros da Gazeta Medica da Bahia, 1.^a
Serie, 1868 e 1869.

—Pelo socio major Rogociano Pires Teixeira:
Relatorio do Ministro da Fazenda em 1904, 2 vols.;
Annaes do Parlamento Nacional, 45 vols.; Annaes
do Congresso Nacional (Camara dos Deputados) 34
vols.; Fac-simile da Constituição da Republica em
24 de Fevereiro de 1891; Organisações e program-
mas ministeriaes de 1822 a 1889; Relatorios de
Ministros de Estado, 25 vols.; Projecto e parece-
res da Camara e do Senado approvando o tratado
de Petropolis sobre o Acre, contendo os respecti-
vos mappas; Discurso do Cons. Ruy Barbosa no
Collegio Anchieta em 1903; e varios opusculos so-

bre estatística e administração publica; Revista Brasileira, 92 fascículos, 1895 a 1899.

—Pelo socio Cons. Filinto Bastos: Discurso do Cons. Ruy Barbosa no Collegio Anchieta (Rio) 1903; Gôa sob a dominação portugueza, Margão, 1897; Padre André Gomes, estudo bibliographico, Gôa, 1897; Os Santos martyres de Cunculim, Margão, 1894; Paginas de pedra da India portugueza; A Conjuração de 1787 em Gôa por Cunha Rivara, Gôa, 1875; Introduccão ao estudo da jurisprudencia portugueza, Margão, 1887; Documentos Konkanis para a historia de Gôa, por Philoteio de Andrade; Viagem de Gôa a Bombahim, por Luiz Miguel de Abreu, 1875; Primeiro Congresso Catholico Brasileiro em 1900: Theses para concurso do Dr. Antonio Joaquim de Passos e Celso Thyrese.

—Pelo socio Dr. Cesar Zama: Decretos do Governo Provisorio da Republica, 5 vols.; Projecto do Codigo Civil pelo Senador J. Felicio dos Santos; Historia da revolta de Novembro de 1891 por Custodio de Mello; Relatorio sobre a navegabilidade do Paraguassú pelo Dr. Cunha Galvão; Relatorio sobre a molestia do cafeeiro na provincia do Rio de Janeiro pelo Dr. Emilio Goeldi (1887); Le Bresil a l'exposition de S. Petersburgo (1884); Catalogo da Exposição bahiana em 1875 pelo engenheiro Dionisio Gonçalves Martins.

—Pelo Cons. Dr. Cincinato Pinto da Silva: Historia da missão dos padres Capuchinhos no Maranhão pelo padre Abbeville; Bellas Artes, por Felix Ferreira; Missão especial do Visconde de Abrantes, 2 vols.; Os homens de cêra, drama de Cincinato P. da Silva, Bahia, 1861; Memoria sobre a provincia do Maranhão por Cesar Marques; Apon-tamentos sobre o mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro; A Republica do Paraguay, por Alfredo Gratry; Do Poder Americano por Possin, 2 vols.; As marinhas da França e da Inglaterra, por Xavier

Raymond; A Inglaterra comparada á França; O anno philosophico, por Pillon, 2 vols.; Sciencia e democracia, por Meunier, 2 vols.; e outras obras.

—Pelo socio Dr. Joaquim de Toledo Piza e Almeida: Apontamentos Historicos da provincia de S. Paulo, por Azevedo Marques, 2 vols.; Vida e Escriptos de José da Silva Lisboa, por Valle Cabral; Biographia de João Pedro da Veiga; Biographia de Theophilo Ottoni; Vida e feitos de Alexandre de Gusmão e de Bartholomeu de Gusmão; Anotações á Memoria do Visconde de S. Leopoldo pelo Cons. Manuel José Maria da Costa e Sá, 1839; O Lyceu Litterario Portuguez, edição commemorativa; Quadro Historico da provincia de S. Paulo, por Machado de Oliveira, 1864; e outros opusculos.

—Pelo socio Dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo: Reforma do Banco de Credito real e criação de Bancos de Credito Agricola; Factos Historicos da politica republicana (Discursos); Biographia do Dr. Americo Brasiliense, pelo Dr. Carlos Villalba; Mineração do ouro, por Ernesto Young; A liberdade profissional perante a Constituição, pelo offertante; A primeira concessão de estrada de ferro no Brazil, por Garcia Redondo.

—Pelo socio Capitão de mar e guerra Alves Camara: A estrada de ferro de Mauá e o Visconde de Mauá, pelo Dr. Paula Freitas; O telegrapho no Brazil, por Ernesto Senna.

—Pelo socio Luiz Rodolpho Cavalcante: Relatorio sobre a Casa da Moeda do Rio de Janeiro; Estudos sobre a circulação metalica no Brazil, pelo Dr. Candido de Azevedo Coutinho.

—Pelo socio Julius Meili, de Zurich: O Meio Circulante no Brazil—A moeda fiduciaria—1771 até 1900 — (1903); Moedas da Colonia do Brazil (1897).

—Pelo socio Dr. Alfredo de Carvalho: A verda-

deira naturalidade de D. Antonio Felipe Camarão, estudo historico, pelo Dr. Pereira da Costa, Recife, 1904.

—Pelo socio Engenheiro Silio Boccanera: «A Bahia a Carlos Gomes», 1 vol., 1904; e um manuscrito.

—Pelo socio Damasceno Vieira: «Memorias Historicas Brasileiras» (1500—1837) 2 vols., Bahia, 1903.

—Pelo socio Coronel Raymundo Cyriaco A. da Cunha: Anthologia Amazonica, por Eustaquio de Azevedo; Cosmorama, versos de Romeu Mariz.

—Pelo Dr. Tavares de Lyra: Apontamentos sobre a questão de limites entre os Estados do Ceará e Rio Grande do Norte, 2 vols.

—Pelo socio Dr. Carlos Reis: Education in the State of São Paulo, Brasil.

—Pelo socio Conego Miguel Calmon de Aragão Bulcão: Noticias historicas e estatisticas do municipio de Resende (Rio), por João de Azevedo Maia.

—Pelo Coronel Manuel de Medeiros Borges: Descripção dos municipios da bacia do S. Francisco no Estado da Bahia (1901).

—Pelo socio Dr. Emilio Goeldi: Os Mosquitos no Pará; As aves brasilicas, e outras publicações, pelo offertante.

—Pelo socio Dr. Vicente Chermont de Miranda: O mal das cadeiras.

—Pelo socio Dr. Vicente Ferrer de Barros Vanderley: A execução de Silvino de Macedo, estudo critico e historico pelo offertante; A Cultura Academica, Revista, Recife, 1904; O espartilho e a mulher, these do Dr. Sabino de Pinho.

—Pelo Dr. José Zeferino da Cunha: *O Rio Grande*, pelo offertante.

—Pelo socio Dr. Alfredo Britto, director da Faculdade de Medicina: Memorias Historicas (1900 a 1908); Revista dos Cursos; Breve noticia

sobre a Faculdade para a Exposição Universal de S. Luiz.

—Pelo Dr. Arthur Orlando: Propedentica politico-judiciaria; Ensaio de Critica (Recife), pelo offerante.

—Pelo socio general Manuel Landaeta Rosales: Los piratas y esquadras estrangeiras en las aguas y costas de Venezuela, pelo offerante; Riquenza circulante en Venezuela; Resumen de la vida publica del eminente ciudadano general Jacinto Pachano; Trabajos de la oficina de Historia Natural.

—Pelo Sr. Jonathas Dymond: Ensayos sobre los Principios de Moral e los derechos e obligaciones del genero humano (Philadelphia), 1903.

—Pelo socio J. Biedma, director do Archivo Nacional de Buenos-Ayres: Monetario argentino-americano de Bartholomeu Mitre; José Manuel Estrada, por Henrique Vedia; Dr. Angelo Justiniano Carranza, Buenos-Ayres, 1900: «Collecção de moedas e medalhas dos Estados Unidos», 1652 a 1858, por Alexandre Wattemare, trad. por Alexandre Rosa, Buenos Ayres, 1904.

—Pelo socio J. C. Brauner: Recifes e bancos de coral da costa do Brazil, e sua relação geologica e geographica, 1 vol.

—Pelo socio Demetrio Pires: A descripção do municipio da Feira de Sant'Anna.

—Pelo Sr. Antonio Joaquim Barbosa Vianna (da Academia Pernambucana): Collecção das Revistas da Academia, ns. 1 a 8 (1901 a 1902); O Recife, 1900, 4.º centenario do Brazil, pelo offerante.

—Pela Exma. Sra. D. Leopoldina Clementina Milton: Ephemerides Cachoeiranas, pelo Dr. Aristides Milton (Bahia, 1903).

—Pelo socio Dr. Eduardo Velloso: Tratado de direito commercial maritimo (Bahia, 1904), pelo offerante.

Pelo Dr. Sallustio de Carvalho: Tratado de Geographia—Historica, por Casaldo Giraldes, 4 vols.; O Panorama (1837—1858) 15 vols.; Assentos da Supplicação; Tratado dos testamentos e outros.

—Pelo socio Alberto F. Rodrigues: Relatorio da Secretaria das obras publicas do Rio Grande do Sul, 1904; Almanach Popular Brasileiro para 1899; Jornaes antigos do Rio de Janeiro (1822 a 1830).

—Pelo Dr. Arthur José da Silva: A sua these *A Catnaba*, estudo clinico, 1904.

—Pelo socio Cons. João Torres: Uma collecção d'*O Malho*, de 1904; Almanach Brasileiro Garnier, anno 3.^o para 1905; Idem Luso-Brazileiro para 1905; Idem do Rio Grande para 1905.

—Pelos Srs. Medeiros & Comp.^a, de São Paulo: O Anuario Commercial de S. Paulo para 1904.

—Pelo socio Professor Antonio Alexandre Borges dos Reis: Almanack do Estado da Bahia (1904—1905).

—Pelo socio Engenheiro José Feliciano da Rocha: Collecção de almanacks Luso-Brazileiros.

—Pelo Sr. Lafayette Borburema: Um amarrado de flechas e ornatos indigenas da região Amazonica.

—Pelo socio Dr. Joaquim Pires: Uma preguiça da região Amazonica para o museu.

—Pelo Dr. Antonio Borges dos Santos, da cidade de Tabatinga, Goyaz: Uma moeda de prata de 1695, reinado de D. Pedro 2.^o, de Portugal.

—Pelo Alferes Paulino Nuro: Exemplares do Volatil Bartholomeu de Gusmão, de sua invenção.

—Pelo Secretario da Bibliotheca Publica Pelotense: Catalogo illustrado da exposição artistica, commemorativa do 28.^o anniversario de sua fundação.

—Pelo Sr. Anatolio Valladares: Uma collecção de cartões postaes com retratos de homens politicos do Brazil.



cidade— o livro da acta do assentamento da pedra para a elevação do monumento commemorativo do grande dia *2 de Julho*, no Campo dos Martyres.

O Instituto adquiriu por compra uma collecção de mappas da guerra do Paraguay, por Jourdan.

Ainda durante o anno que passou não poucos foram os nossos collaboradores ceifados pela morte, e cujos nomes aqui registramos com saudade, taes são: o Pharm.^o Alfredo Accioli do Prado, a 10 de Janeiro, em Sergipe; Dr. Augusto Victorino do Sacramento Blake a 24 de Março, no Rio de Janeiro; coronel Francisco Felix de Araujo a 16 de Abril, em Barbacena; Cons. Dr. Francisco Sodré Pereira, a 16 de Maio, n'esta Capital; Dr. Manuel Adalberto de Oliveira Guimarães, a 29 de Junho, no Rio de Janeiro; Eng. Dionisyo Gonçalves Martins e Dr. Joaquim Matheus dos Santos, no dia 2 de Julho, o primeiro n'esta Capital, e o segundo em Berlim; o capitão de fragata Eng.^o Estanislau Prezewodosky a 25 de Agosto n'esta Capital; o coronel Tranquílino Borburema, a 9 de Setembro, e o commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque a 30 de Dezembro, o qual serviu na commissão de fazenda desde a installação do Instituto.

A grata memoria desses saudosos companheiros a palavra eloquente do nosso illustrado orador prestará a devida homenagem, em sessões ordinarias, como é permittido pelo additivo aos Estatutos, votado em Outubro de 1895.

Durante o anno foram acceitos 20 socios para reforçar nossas fileiras, sendo 1 na qualidade de honorario, 14 na de effectivos e 5 na de correspondentes.

Pelo balancete da receita e despesa, apresentado pelo nosso digno thesoureiro, verifica-se que a receita importou em 10:210\$700, e a despesa em . . . 10:532\$000, com um deficit de 322\$000.

Como sabeis, a subvenção federal na importan-

BAHIANOS ILLUSTRÉS

(APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS)

Conselheiro Rodolpho Dantas

Às 5 horas da manhã de 12 de Setembro de 1901 falleceu em Paris, depois de ter soffrido melindrosa operação, o Cons. Rodolpho Epiphânio de Souza Dantas, em idade e em vigor intellectual que muito ainda podia dar á patria.

O Cons. R. Dantas era uma das mais sympathicas figuras da moderna geração dos estadistas do imperio: em outro meio e em outra época que tivesse vivido, o seu nome figuraria ao lado dos mais afamados intellectuaes, com desvanecimento para as glorias latinas.

Filho do illustre estadista Cons. Manuel Pinto de Souza Dantas e da Exma. Sra. D. Amalia Josephina Barata de Souza Dantas, nasceu na então provincia da Bahia em 14 de Outubro de 1854.

Fez o curso de humanidades, parte na Bahia, parte na antiga Còrte.

Currou as academias de Direito de S. Paulo e do Recife, onde recebeu o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes em 1874.

Chegando á Bahia dedicou-se á advocacia e á imprensa, entrando logo para a redacção do *Diario da Bahia*, em defesa das theses, que o partido liberal (em opposição) agitava e discutia para conquistar pela popularidade o poder, revelando desde logo qualidades que se desenvolveram e firmaram,

dando direito a ser tido como um dos nossos mais correctos e eruditos periodistas. (*)

Ao lado de Leão Velloso e de Ruy Barbosa, Rodolpho Dantas figurava com fulgor, e assim se manteve até 1879, quando, pela ascensão dos liberaes ao governo, foi eleito deputado geral.

A sua carreira na parlamento foi rapida e brilhante, e fez parte do gabinete de 21 de Janeiro de 1882, organizado pelo Cons. Martinho Campos, occupando a pasta do Imperio.

Apreciando essa phase de sua vida, escreve contemporaneo insuspeito:

«E foi mais pelos seus meritos individuaes do que pelas condições afortunadas de nascimento que o vimos figurar na Camara dos deputados, honrando, sim, o cognome que trazia, mas conquistando para o seu nome proprio o brilho que só o talento, a illustração e o trabalho podem dar.»

Deixando o ministerio, entregou-se á advocacia e á lavoura, tendo-se casado com a Sra. D. Alice Clemente Pinto, filha do então visconde de S. Clemente, de cujo enlace teve cinco filhos.

Parlamentar correcto, tinha a eloquencia facil, elegante e imaginosa que parece um dom peculiar aos oradores bahianos.

A esses dotes naturaes, reunia vasta illustração sociologica e cultivo litterario, que serviam admiravelmente para o tornar um discutidor habil e feliz—do que deixou provas nas paginas dos *Annaes do Parlamento*.

Entre ellas sobreleva mencionar as relativas ás questões de instrucção publica e á lucta que sustentou contra Ferreira Vianna por causa do credito necessario para as despesas das commissões encarregadas de observar a passagem de Venus.

Outra brilhante pagina parlamentar é a sua

(*) *Correio da Manhã*, Set. de 1901.

apresentação do projecto de emancipação dos sexagenários, no ministerio Dantas.

A republica não poudé conquistal-o; entretanto, em 1891, acreditando passado o periodo revolucionario do paiz, resolveu combater pela melhor comprehensão de um certo numero de idéas liberaes, e contribuir com seu criterio para o progresso da patria.

Reuniu uma phalange de companheiros do valor de Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, Barbosa Rodrigues, J. Verissimo e outros, e fundou o *Jornal do Brazil*, occupando o cargo de redactor chefe; e cumpriam, sem temor nem hesitações, o desenvolvimento de seu programma, com tal energia e successo, que a dictadura obrigou-os a abandonar não só a tenda de trabalho, mas a terra natal, para não serem trucidados!

Rodolpho, então desgostoso e desilludido, retirou-se á vida privada, isto em 1892, e adquiriu importante propriedade agricola em S. Paulo, para onde se transportou com sua familia e seus queridos e escolhidos livros.

E assim ficou o Brazil privado da collaboração de um dos seus mais competentes talentos, pela mesquinhez de uma politica violenta e sem criterio.

Em corroboração d'este juizo, manifestou-se, na tribuna da Camara dos Deputados, a palavra insuspeita do deputado bahiano Ignacio Tosta, quando propoz um voto de pezar pelo passamento do preclaro cidadão:

«Vem propor á Camara um voto de pezar na acta pelo prematuro passamento do Cons. Rodolpho Dantas, que, nos tempos do Imperio, representou papel saliente na imprensa politica, no parlamento e nos conselhos da corôa.

Academico, deixou sulcos luminosos na Faculdade do Recife, e angariou a admiração e as sympathias dos collegas.

Jornalista politico, batalhou no *Diario da Bahia*, ao lado de Ruy Barbosa e de Leão Velloso, com grande proveito para a causa liberal e para a patria.

Parlamentar distincto, revelou-se orador correcto e erudito na tribuna da Camara.

Ministro, foi um prototypo do bom senso e honestidade.

Na questão do credito para a observação do planeta Venus terçou as armas no parlamento com os mais notaveis oradores do tempo. Sahiu victorioso: o credito foi votado e a commissão scientifica desempenhou a sua missão com proveito para a sciencia.»

Dr. Miranda Azevedo.

(Extr. dos Mortos Illustres.)

Dr. Francisco de Castro

Na manhã de 11 de Outubro de 1901 falleceu no Rio de Janeiro este notavel medico brasileiro, cujo talento, erudição e tino profissional faziam d'elle uma das mais brilhantes glorias contemporaneas do seu paiz.

Filho legitimo do commendador Joaquim de Castro Guimarães e de D. Maria Heloisa de Mattos Castro, ambos já fallecidos, o Dr. Francisco de Castro nasceu na capital da Bahia em 17 de Setembro de 1857.

Depois de estudar o curso preparatorio no Atheneu Bahiano, seguiu para Paris, onde se aperfeiçoou na lingua franceza, que manejava primorosamente, como provam trabalhos que na mesma lingua escreveu e publicou.

Em 1874 matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, da qual pediu transferencia para a

do Rio de Janeiro, voltando a receber o grau na Escola Bahiana, em virtude dos acontecimentos escolares, que, em 1879, se deram na Faculdade fluminense.

Em 1880 sustentou distintamente a sua these inaugural, importante trabalho scientifico sobre a «Correlação das funcções physiologicas.»

Foi, após brilhante concurso, nomeado ajudante da cadeira de clinica medica da Faculdade do Rio, cadeira de que era professor o insigne Dr. Torres Homem, e depois substituto e cathedratico da cadeira de propedeutica em fins de 1890.

Exerceu tambem os cargos de director do Instituto Sanitario Federal, e de vice-director e director da já referida Faculdade em 1901.

O Dr. Francisco de Castro não era só medico illustre, professor abalisado e prelector correcto e elegante, foi tambem poeta e litterato de notavel merecimento, tendo sido ultimamente eleito socio da Academia Brasileira de Lettras.

São importantes as suas investigações scientificas no estudo das pyrexias reinantes no Rio de Janeiro; e foi extremamente brilhante a parte que tomou na celebre questão «Abel Parente», dando á publicidade um trabalho magistral, em que a mesma questão era tractada sob o triplice aspecto scientifico, juridico e social. Como poeta publicou em 1878 um volume de versos—*Harmonias Errantes*, prefaciado por Machado de Assis, e posteriormente, em differentes jornaes, algumas excellentes poesias, destacando-se entre ellas a que escreveu em homenagem a Castro Alves, no decennio do fallecimento no Cantor dos Escravos (1881).

O Dr. Francisco de Castro dispondo de grande e variada illustração, exprimia-se com eloquencia e fluencia na cadeira de que era mestre exímio, acrescenta um dos seus biographos. (*)

(*) Revista Medica de S. Paulo, Out. de 1901, pelo Dr. Rubião Meira.

«Cada lição que professava era um grito de guerra, um louro a mais; deixava convencidos os que se approximavam tibios; erguia o espirito dos novos, abria-lhes horisontes mais vastos até então por descortinar, patenteava-lhes as bellezas do terreno ignoto. Suas aulas tinham concurrencia desusada.

Formou pouco a pouco uma verdadeira eschola; a seu lado trabalhavam moços cheios de fé, compenetrados da sciencia do mestre, avidos de saber e de renome.

A sua linguagem scientifica, que em suas obras é de um apuro accessivel á critica, mas que nem por isso as desmerece, antes as exalça, era suave, branda, harmoniosa, encantava e seduzia, ensinava e convencia.

Tinha uma abundancia de synonymos. Era este um dos seus grandes meritos: elle não fallava só para os intelligentes, para os mais lucidos.

Infelizmente a morte que tão cedo o roubou ás lettras patrias, impediu que tantas bellezas ficassem perpetuadas nos livros e que passassem aos vindouros.»

Dr. Pires Caldas

A 26 de Novembro de 1901 falleceu n'esta Capital, na idade de 85 annos, o Dr. Manuel Maria Pires Caldas, habil e distincto cirurgião, e um dos fundadores da *Gazeta Medica da Bahia*, cujo primeiro numero veio á luz da publicidade em 10 de Julho de 1866.

Ao Dr. José Francisco da Silva Lima pedimos venia para transcrever os dados biographicos, publicados na *Gazeta Medica*:

«O Dr. Pires Caldas nasceu n'esta cidade em 22 de Outubro de 1816. Tendo terminado os seus estu-

dos preparatorios, matriculou-se em 1834 na nossa Faculdade de Medicina, onde se distinguio em todas as materias do curso, e obteve o seu diploma de doutor em 28 de Novembro de 1840.

Do primeiro decennio de sua vida de clinico pouco se sabe, a não ser que elle não se salientou entre os seus collegas contemporaneos, talvez pelo seu character modesto e reservado, occupando boa parte do tempo em estudos de gabinete, e no da musica, de que era cultor apaixonado.

E' possivel que a escassez de trabalho na clinica civil o levasse a solicitar, ou acceitar o cargo, que exerceu por alguns annos, de cirurgião ajudante do Corpo de Policia, para o qual foi nomeado em 9 de Abril de 1853, pelo presidente da provincia Dr. João Mauricio Wanderley, depois barão de Cotegipe. Poucos dias eram passados quando, em 13 d'aquelle mez, teve ordem de marchar com uma expedição para o centro (Amargosa), onde a força publica teve de intervir contra as incursões dos indios.

Em 1855, por occasião da epidemia de cholera morbus, foi nomeado pelo governo provincial para tratar dos doentes pobres na parochia de sua residencia (Conceição da Praia), onde prestou valiosos serviços.

O Dr. Caldas continuou a viver em modesto re-trahimento, quasi obscuridade até 1860, quando travou relações profissionaes com o sempre lembrado Dr. Paterson em conferencias e operações chirurgicas. Lembro-me que este meu lamentado collega e amigo perguntou-me um dia se eu conhecia o Dr. Caldas?

Ao que respondi que apenas de vista e de nome. Pois saiba, disse o Dr. Paterson, que está ali um habil cirurgião. E d'ahi em diante o Dr. Caldas, arrancado, por assim dizer, á obscuridade em que

vivera, veio a occupar uma posição conspícua entre os mais distinctos operadores do seu tempo.

Postas assim em evidencia as aptidões do Dr. Caldas, até então quasi desconhecidas do publico e da propria classe medica, a sua carreira profissional foi uma das mais notaveis e operosas. A Santa Casa de Misericordia nomeou-o para cirurgião do Asylo dos Expostos, e pouco depois para o antigo Hospital de Caridade, de onde passou a exercer as mesmas funcções no novo Hospital de Santa Isabel; cargo que deixou ha alguns annos por incompativel com a sua avançada idade.

Comquanto o Dr. Caldas propendesse mais particularmente para a pratica da cirurgia em geral, elle exerceu tambem a clinica medica, a oculistica e a obstetricia; mas a especialidade da sua predilecção, e na qual, pode-se dizer, ninguem entre nós o excedeu em habilidade e experiencia, foi a das molestias dos órgãos genito-urinários, algumas das quaes exigem que o operador disponha de requisitos especiaes, que nem todos possuem no mesmo gráo e numero como elle possuia; taes são, entre outros, a paciencia, a delicadeza, a lentidão e a segurança no manejo de instrumentos que de outra sorte podem dar logar a consequencias desastrosas.

Esta especie de encyclopedismo a que me referi não é para admirar nos tempos em que quasi não havia especialidades; si o medico era, ou devia ser encyclopedico, era porque, praticamente, o publico o considerava como tal; e, demais, isso não era tão difficil, ou mesmo impossivel como hoje, que o vasto dominio das sciencias medicas exige mais particular e profundo estudo em cada um dos seus ramos.

O Dr. Caldas nunca hesitou em praticar uma operação por mais difficil e arriscada que fosse, uma vez convencido da sua necessidade, sem, contudo, se deixar impellir por essa *vis operandi* que

nem sempre, nem mesmo com os exemplos de temeridades felizes, que a prudencia não permite imitar. O grande respeito que elle tinha pela vida humana não lhe consentia arriscal-a inutilmente. Nos casos difficeis nunca deixava de ouvir opiniões autorisadas e cercar-se de todas as garantias que podessem assegurar o bom exito das operações.

Como operador não foi, talvez, dos mais brilhantes pelo que respeita á rapidez e á destreza na execução, que tanto impressionam os circumstantes; tinha, porém, as qualidades do artista que attenta mais na perfeição do que na celeridade do seu trabalho; e assim procedia sempre que a urgencia do caso não exigisse o contrario.

Durante a sua longa vida profissional, a medicina em geral como sciencia e a cirurgia como arte passaram por successivas phases de evolução e de progresso, taes como nunca em egual periodo de tempo se tinham visto em seculos passados; e elle assistiu a essa evolução, quasi transformação da sciencia do seu tempo de estudante na sciencia de hoje, sem sahir do seu paiz, acompanhando esse movimento sem se deixar ficar um só momento em atraso, e sem ir ao velho mundo inspirar-se directamente na pratica dos grandes mestres.

O que elle foi deveu ao proprio esforço, ao estudo incessante, á experiencia que foi successivamente adquirindo na pratica de longos annos, e ao amor á profissão a que consagrou o melhor das suas energias e da sua actividade.

Contribuiu para a *Gazeta Medica* por alguns annos com trabalhos de grande valor pratico, especialmente em observações de casos de cirurgia da sua clinica hospitalar. Os seus artigos, em estylo singelo e linguagem correcta, revelam um observador consummado, e um mestre que expõe com clareza e methodo, e discute com lucidez e criterio os assumptos de que se occupa.

Grande parte d'esses escriptos, particularmente os que se referem ás talhas, ás ligaduras de arterias e ás uretrotomias interna, externa e retrograda; são verdadeiras prelecções clinicas, não destituídas de originalidade, nas quaes se encontra a erudição a par do interesse pratico.

O Dr. Caldas foi sempre estimado e respeitado pelos seus collegas, que tinham em grande apreço as suas qualidades pessoaes, a sua escrupulosa lealdade, os seus meritos como habil operador, qualidades a que se associava a dedicação aos doentes de qualquer categoria ou posição social que fossem, acolhendo com particular carinho os pobres que solicitavam os seus serviços.»

Barão de Pereira Franco

Na Capital Federal falleceu no dia 20 de Janeiro de 1902, o velho magistrado Barão de Pereira Franco, um dos mais antigos e mais conspícuos membros do Supremo Tribunal Federal.

O Barão de Pereira Franco, Luiz Antonio Pereira Franco, filho de Luiz Antonio Pereira Franco e de D. Leonor Felisberta Pereira Franco, nasceu na capital da Bahia em 19 de Outubro de 1826.

Com 21 annos de idade, em 13 de Outubro de 1847, recebeu o gráo de sciencias juridicas e sociaes pela academia de Olinda, em Pernambuco.

Serviu á patria em tres carreiras distinctas, tendo chegado em todas ao ultimo gráo.

Na magistratura, depois de ter exercido o cargo de juiz municipal e de orphãos nos termos da Purificação e Nazareth, foi nomeado juiz de direito da comarca da Feira de Sant'Anna, no Estado da Bahia; foi depois juiz de orphãos e ausentes da Capital da Bahia, onde serviu até que foi nomeado juiz de di-

reito da 1.^a vara cível, do commercio, e dos feitos da Fazenda, sendo promovido a Desembargador da Relação da Côrte, aposentando-se em 1888 quando foi eleito e escolhido Senador do imperio pela Bahia, tendo n'essa occasião sido agraciado com o titulo de Barão com grandeza.

Exerceu o illustre cidadão varios cargos administrativos, e outros de representação, a que foi chamado pelo voto popular.

Em 1853 presidiu a provincia de Sergipe, depois de ter recusado a presidencia da provincia do Espirito Santo. Em 1854 foi Director Geral dos estudos na Bahia, e exerceu durante dous annos esse cargo, regularisando os serviços d'essa importante repartição, havia pouco creada.

Em 1870 foi ministro da marinha do gabinete de 29 de Setembro, presidido pelo visconde, depois marquez de S. Vicente, sendo-lhe conferido o titulo de conselho: em 1871 recusou a presidencia da provincia de Pernambuco e depois a da Bahia.

Em 1875 foi outra vez ministro da marinha, no ministerio de 25 de Junho, presidido pelo Duque de Caxias, tendo sido encarregado durante dous mezes da pasta da guerra, por molestia do Duque. Só em 1878, a 7 de Janeiro, retirou-se do poder, quando deu o ministerio a sua demissão.

Na carreira parlamentar, serviu na Assembléa Provincial da Bahia em 1848, e durante mais sete legislaturas foi sempre reeleito. Em 1853 foi eleito Deputado á Assembléa Geral Legislativa, e reeleito depois nas quatro legislaturas seguintes de 1861 a 1880.

Em 1873 fez parte, em primeiro logar, de uma lista triplíce para senador, tendo recahido a escolha imperial no ministro da guerra de então; em 1888, porém, fazendo parte de outra lista, foi escolhido senador, e tomou assento no Senado a 5 de Maio d'esse anno.

Dissolvido o Senado, pela proclamação da república em 1889, foi pouco depois nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal, onde serviu com honra e distincção, tendo o seu nome prestigiado pelos antecedentes de sua carreira publica, e pela rizeza e honestidade do seu character impolluto e independente na distribuição da justiça.

Desde 1893 exercia o logar de vice-presidente d'aquelle tribunal, tendo exercido a presidencia por vezes e durante mezes seguidos, no impedimento do respectivo presidente.

O illustre extincto era presidente da Sociedade Bahiana de Beneficencia, desde a sua fundação, exercendo esse cargo ha 22 annos, e socio fundador do nosso Instituto Historico, a quem deixou valiosas offertas.

Conselheiro Leão Velloso

O Cons.^o Pedro Leão Velloso, fallecido no Rio de Janeiro, a 2 de Março de 1902, foi uma das figuras mais respeitadas do antigo regimen.

Dos seus serviços á patria, do seu notavel perfil de jornalista, da sua grande figura de trabalhador liberal dão testemunho os archivos do *Diario da Bahia*, onde mais fulgurou o seu talento de publicista.

Nascido no municipio do Inhambupe, n'este Estado, em 1.^o de Janeiro de 1828, formou-se em Pernambuco, onde consorciou-se com a Exma. Sra. D. Francisca Autran, filha do Cons. Pedro Autran da Matta e Albuquerque, lente daquella Faculdade, e filho tambem d'este Estado.

Occupou successivamente até a sua morte, aos 74 annos, os seguintes cargos: deputado á Assembléa provincial da Bahia; magistratura em Sergipe; presidente das provincias do Espirito Santo, Ala-

goas, Rio Grande do Norte, Maranhão, Piauí, da Bahia, como vice-presidente, de Março a Outubro de 1866, prestando relevantes serviços á guerra do Paraguay, do Ceará, e do Pará, em 1868, quando, em virtude da queda do partido liberal, entrou para o *Diário da Bahia*. D'ahi datam os triumphos da sua penna de jornalista durante o decennio de opposição, tendo collaboradores da ordem do Cons. Manuel Dantas, Bellarmino, Ruy Barbosa e outros.

Eleito deputado geral em 1876, transferiu sua residencia para o Rio de Janeiro, sendo eleito senador do imperio em 1878, na mesma lista com Manuel Dantas, para substituirem Nabuco e Zacharias; foi ministro em 1882 no gabinete Paranaguá, e conselheiro de Estado em 1889.

Com a proclamação da Republica, em 1889, o illustre bahiano ajastou-se da vida publica.

O Dr. Manuel Victorino, sob o titulo *um morto illustre*, escreveu no *Correio da Manhã* os seguintes conceitos sobre a morte do pranteado bahiano:

«Vão se finando dia a dia os homens notaveis da minha terra natal.

Luctas e serviços memoraveis os tinham consagrado e apontava-se nos altos cargos e posições a benemerencia com que elles se haviam imposto e notabilisado.

Ambos os partidos politicos haviam enriquecido o patrimonio de glorias e reputações nacionaes com a fama e os trabalhos de estadistas, parlamentares e jornalistas, que nos conselhos da corôa, na tribuna legislativa e nos debates da imprensa deixavam um escriptorio precioso de leis e de doutrinas.

Leão Velloso era um d'elles: periodo fecundissimo para a minha terra foi esse em que o jornalismo bahiano o teve nas suas tendas. Dez annos de imprensa e de opposição não lhe fatigaram o talento, nem o caracter.

Sabem todos quantos conheceram a Bahia de 1868 a 1878 que formidável tenda de combate não foi a redacção do *Diario*, durante todo aquelle tempo.

Dez annos, dia a dia, o *Diario da Bahia* constituiu-se o poderoso defensor das idéas e principios liberaes, e pode-se dizer que foi elle a *alma mater* de reorganisação do partido, em todo o imperio.

Leão Velloso foi sempre nas columnas do glorioso órgão o redactor doutrinario ou o erudito de historia politica e de jurisprudencia parlamentar.

Conhecia profundamente a historia das instituições e dos governos da Inglaterra.

A vida dos Jorges, sobretudo Jorge III, todo o estudo do poder pessoal, no paiz classico do parlamentarismo, as questões que se suscitaram ácerca da eleição directa, tudo isso foi apreciado com extraordinaria elevação de vistas e primoroso apuro na fôrma e no estylo.

Para elle a imprensa foi um apostolado: o jornal, a mais ampla e vasta das tribunas de onde devia descer a doutrina que vivifica a bondade e o amor que educam a confiança e a serenidade que dominam. Não ha memoria que a penna do illustre escriptor resvalasse para o doesto e para a injuria.»

Almirante Custodio José de Mello

A's 3 horas da tarde do dia 15 de Março de 1902 tombou fulminado pela morte, na cidade do Rio de Janeiro, o almirante Custodio José de Mello, uma das figuras proeminentes da nossa marinha de guerra.

Reunindo em si todos os predicados exigidos para um official de marinha moderna, um verdadei-

ro *gentleman*, seus conhecimentos profundos do armamento naval hodierno o sagravam artilheiro e torpedista, sem rival, entre os seus pares.

Homem de estudo, ao mesmo tempo que homem de acção, tanto se achava bem no passadiço do navio commandando a manobra, como dirigindo os movimentos de uma esquadra.

Filho legítimo de José Francisco de Mello e de D. Maria Rosa Moreira da Silva, nasceu na cidade da Bahia a 9 de Junho de 1840.

Da sua honrosa fé de offício consta que em Fevereiro de 1856 se lhe assentou praça de aspirante a guarda marinha, matriculando-se no 1.º anno, tendo feito varias viagens de instrucção na costa do Brazil.

A 5 de Maio de 1865 seguiu no couraçado *Rio de Janeiro* para o Rio da Prata, que ficou pertencendo á esquadra em operações contra o governo do Paraguay.

Foi elle um dos poucos que escaparam da explosão do couraçado *Rio de Janeiro* pelo arreben-tamento de um torpedo na proa do navio na tarde do dia 2 de Setembro de 1866, no ataque de Curuzú.

No commando de outros navios foi elogiado pela bravura, intelligencia e actividade de que deu provas no combate naval de Curupaity, nos diversos bombardeamentos e reconhecimentos contra as baterias de Curupaity, e nas passagens das fortificações de Humaytá e Timbó, tendo voltado ao Brazil com o posto de capitão-tenente depois de terminada a campanha.

Desempenhou varias commissões do governo na Europa, entre ellas a de ter ido buscar o *Aquidaban*.

Em 1888 passou a commandar o cruzador *Barroso*, no qual fez a viagem de circumnavegação,

sendo em 8 de Janeiro de 1890, ainda em viagem, promovido a contra-almirante.

Fez parte da Constituinte republicana, como representante da Bahia; e, tendo tomado parte no movimento de 23 de Novembro de 1891 contra o marechal Deodoro, foi nomeado Ministro da Marinha, e interinamente da Guerra no 1.º ministerio do marechal Floriano Peixoto, contra quem organisou a revolta de 6 de Setembro de 1893, onde teve occasião de se fazer conhecido pelo paiz inteiro.

(Extr. da *Revista Maritima Brasileira*, Março de 1902).

Dr. Adolpho Tourinho

Victima de cruel enfermidade, que ha muito lhe minava a existencia, falleceu nesta capital, no dia 4 de Maio de 1902, o nosso distincto conterraneo e consocio Dr. Adolpho Frederico Tourinho.

Filho legitimo do Comm. José Vicente Gonçalves Tourinho e de D. Maria Eufrosina Ferreira Tourinho, nasceu Adolpho Tourinho na cidade de Santo Amaro, n'este Estado, em 25 de Março de 1855.

Frequentou o collegio Pedro II do grande educador Dr. Antonio Augusto Guimarães, e o externato 2 de Dezembro do religioso beneditino Frei Lourenço.

Concluindo o curso de preparatorios, matriculou-se em Março de 1874 na Faculdade de Direito do Recife, bacharelando-se em 30 de Outubro de 1878 na Faculdade de S. Paulo.

Exerceu os cargos de Promotor Publico das comarcas de Imperatriz e Atalaia em 1879, no Estado de Alagoas.

Por Dec. de 13 de Setembro do mesmo anno foi nomeado Juiz municipal e de orphãos do termo de

Areia, n'este Estado, sendo posteriormente removido para o de Valença, onde foi reconduzido por Dec. de 17 de Novembro de 1883, recebendo dos seus jurisdicionados as mais inequívocas provas de estima e consideração pela sua conducta intelligente e honesta.

Tendo obtido a exoneração do cargo de juiz municipal, fundou n'esta Capital, em 3 de Fevereiro de 1885, o Collegio *S. Salvador* no predio onde actualmente funciona a sociedade maçonica *U do Schlensner*, á Rua das Vassouras, passando a funcionar de Fevereiro de 1886 em diante no Palacete Berquó, á rua do Visconde de Itaparica, n. 8.

Graças ao corpo docente e á administração que soube imprimir ao seu estabelecimento de educação, obteve por Dec. do Governo da Republica de 1.º de Setembro de 1900 que elle fosse equiparado ao Gymnasio Nacional.

Espirito profundamente religioso, pertencia elle a um grande numero de irmandades, especialmente á d'Ajuda, onde na qualidade de Provedor prestou relevantes serviços, inclusive o da extincção da divida da referida irmandade.

Exerceu tambem os logares de membro no Conselho Municipal d'esta Capital em 1890 e 1892 por nomeação do governo provisorio do Estado, e membro do Conselho Superior do Ensino.

Em 10 de Janeiro de 1880 casara-se com sua prima, a Exma. Sra. D. Maria Francisca Tourinho, filha do fallecido Conselheiro Dr. Demetrio Cyriaco Tourinho, actual proprietaria do Gymnasio S. Salvador.

Frei Joaquim do Espirito Santo

A 26 de Julho de 1902 falleceu n'esta Capital, na idade de 74 annos, o eminente sacerdote e francis-

cano Frei Joaquim do Espirito Santo, cuja solida illustração era uma honra para a Bahia.

Religioso exemplar, era muito estimado pelos seus confrades, aos quaes prestou relevantes serviços.

Na pessoa de Frei Joaquim perdem elles o seu mais illustrado companheiro, e cuja intelligencia abraçava todos os assumptos com uma promptidão admiravel: de todos os ramos dos conhecimentos humanos o illustre franciscano tinha valiosos estudos.

São estes os principaes factos de sua vida:

Nasceu Frei Joaquim do Espirito Santo em 6 de Fevereiro de 1829, n'esta cidade do Salvador, recebendo o nome de Joaquim Simplicio, e seus paes chamaram-se Joaquim Simplicio Ferreira da Rocha e Maria Joaquina da Rocha, residentes ambos n'esta cidade.

Tendo completado, com aproveitamento notavel, o curso de humanidades, e manifestando verdadeira vocação sacerdotal e sobretudo monastica, recolheu-se *sponte sua* ao convento de S. Francisco n'esta capital, em 1844, e um anno depois fazia a sua solemne profissão de fé.

Em 23 de Maio de 1850 seguiu para o convento de Olinda, ahi terminou o seu curso theologico, celebrando a sua primeira missa a 11 de Abril de 1852.

Entregando-se á pregação, revelou-se orador tão illustre, que em 1854 lhe foi conferido o titulo de pregador honorario da capella imperial, e no mesmo anno nomeado lente de eloquencia sagrada do seminario d'aquella diocese, sendo dispensado de todas as provas de aptidão pelo bispo D. João da Purificação.

De Maio de 1857 a 1869 exerceu o cargo de capellão da estação naval de Pernambuco, como tambem foi director do collegio dos orphãos naquelle

Estado de 1867 a 1874, além de importantes comissões que lhe foram confiadas em sua ordem.

Fallecendo seu cunhado, o Dr. Antonio Ribeiro Lima, embarcou para esta capital, onde aportou em Setembro de 1876, sendo nomeado no anno seguinte professor de religião das escolas normaes da Bahia, entrando em exercicio a 20 de Março de 1877, nomeação mais tarde confirmada pela Assembléa, e tornada vitalicia.

Extincta pela reforma do ensino a cadeira que regia, requereu a sua aposentadoria, que foi concedida por Acto de 17 de Outubro de 1895; e sentindo-se gravemente enfermo, resolveu transferir a sua residencia para a fronteira cidade de Itaparica.

N'essa nova phase de sua vida publica, dispondo de elevada intelligencia e grande erudição nas cousas sagradas e profanas, manifestou sempre a seus collegas e discipulos grandesa d'alma e rectidão em seus julgamentos, jamais transigindo com a justiça.

Durante muitos annos foi professor de philosophia e depois de lithurgia do seminario archiepiscopal, kalendarista e examinador synodal.

Em 17 de Fevereiro de 1902 foi condecorado pelo superior geral da ordem seraphica com séde em Roma com o titulo de ministro provincial no Brazil, em attenção ao seu alto merito e aos relevantes serviços que prestou para a restauração de sua ordem na Bahia.

deira naturalidade de D. Antonio Felipe Camarão, estudo historico, pelo Dr. Pereira da Costa, Recife, 1904.

—Pelo socio Engenheiro Silio Boccanera: «A Bahia a Carlos Gomes», 1 vol., 1904; e um manuscrito.

—Pelo socio Damasceno Vieira: «Memorias Historicas Brasileiras» (1500—1837) 2 vols., Bahia, 1903.

—Pelo socio Coronel Raymundo Cyriaco A. da Cunha: Anthologia Amazonica, por Eustaquio de Azevedo; Cosmorama, versos de Romeu Mariz.

—Pelo Dr. Tavares de Lyra: Apontamentos sobre a questão de limites entre os Estados do Ceará e Rio Grande do Norte, 2 vols.

—Pelo socio Dr. Carlos Reis: Education in the State of São Paulo, Brasil.

—Pelo socio Conego Miguel Calmon de Aragão Bulcão: Noticias historicas e estatisticas do municipio de Resende (Rio), por João de Azevedo Maia.

—Pelo Coronel Manuel de Medeiros Borges: Descripção dos municipios da bacia do S. Francisco no Estado da Bahia (1901).

—Pelo socio Dr. Emilio Goeldi: Os Mosquitos no Pará; As aves brasilicas, e outras publicações, pelo offertante.

—Pelo socio Dr. Vicente Chermont de Miranda: O mal das cadeiras.

—Pelo socio Dr. Vicente Ferrer de Barros Vanderley: A execução de Silvino de Macedo, estudo critico e historico pelo offertante; A Cultura Academica, Revista, Recife, 1904; O espartilho e a mulher, these do Dr. Sabino de Pinho.

—Pelo Dr. José Zeferino da Cunha: *O Rio Grande*, pelo offertante.

—Pelo socio Dr. Alfredo Britto, director da Faculdade de Medicina: Memorias Historicas (1900 a 1908); Revista dos Cursos; Breve noticia

Instituições em Correspondencia

AMERICA DO SUL

BRAZIL

Museu Paraense de Historia Natural	Belém
Bibliotheca e Archivo Publico do Pará	"
Bibliotheca Publica do Maranhão	S. Luiz
Academia Cearense	Fortaleza
Instituto Historico do Ceará	"
Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte	Natal
Academia Pernambucana de Lettras	Recife
Bibliotheca Publica	"
Faculdade de Direito do Recife (Revista Academica)	"
Gabinete Portuguez de Leitura	"
Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano	"
Instituto Archeologico e Geographico Alagoano	Maceió
Sociedade Sergipana de Agricultura	Aracajú
Archivo Publico da Bahia	Bahia
Bibliotheca Publica da Bahia	"
Bibliotheca Municipal	"
Club Litterario Nazareno (Nazareth)	"

Faculdade de Medicina	Bahia
Faculdade Livre de Direito	o
Gabinete Portuguez de Leitura	o
Gremio Litterario	o
Lyceu de Artes e Officios	o
Escola Polytechnica	o
Archivo Publico Nacional	Rio de Janeiro
Bibliotheca Nacional (Annaes)	o
Bibliotheca Municipal	o
Bibliotheca e Museu da Mari- nha (Revista Maritima)	o
Club de Engenharia	o
Estado Maior do Exercito (Re- vista Militar)	o
Gabinete Portuguez de Leitura	o
Instituto Historico e Geogra- phico Brasileiro	o
Instituto dos Bachareis em Le- ttras	o
Instituto Polytechnico Brasileiro (Revista)	o
Instituto da ordem dos Advoga- dos	o
Museu Nacional (Archivos)	o
Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro	o
Sociedade Nacional de Agricul- tura (A Lavoura)	o
Archivo Publico Mineiro (Re- vista)	Bello Horizonte
Archivo Publico de S. Paulo (Re- vista)	S. Paulo
Bibliotheca Publica	o
Centro de Sciencias, Lettras e Artes de Campinas (Revista)	o
Commissão Geographica e Geo- logica de S. Paulo	o
Escola Polytechnica (Annuario)	o

Instituto Historico e Geographico de S. Paulo	S. Paulo
Museu Paulista (Revista)	"
Sociedade Scientifica de S. Paulo	"
Secretaria de Agricultura, Commercio, e Obras Publicas (Boletim)	"
Instituto Historico de Santa Catharina	Florianopolis
Bibliotheca Publica Pelotense	Pelotas

URUGUAY

Museu Nacional (Anales)	Montevideo
Bibliotheca Nacional	"

ARGENTINA

Instituto Geographico Argentino	Buenos-Ayres
Museu Nacional (Annaes)	"
Sociedad Cientifica de Buenos-Ayres.	"
Museu de La Plata	La Plata

PARAGUAY

Instituto Paraguayo	Assumpção
-------------------------------	-----------

CHILE

Bibliotheca Nacional de Santiago	Santiago
--	----------

PERU

Cuerpo de Ingenieros de Minas	Lima
Ministerio de Fomento (Boletim)	"
Sociedade de Geographia de Lima.	"

BOLIVIA

Oficina Nacional de Propaganda Geographica	La Paz
--	--------

dando direito a ser tido como um dos nossos mais correctos e eruditos periodistas. (*)

Ao lado de Leão Velloso e de Ruy Barbosa, Rodolpho Dantas figurava com fulgor, e assim se manteve até 1879, quando, pela ascensão dos liberaes ao governo, foi eleito deputado geral.

A sua carreira na parlamento foi rapida e brilhante, e fez parte do gabinete de 21 de Janeiro de 1882, organizado pelo Cons. Martinho Campos, occupando a pasta do Imperio.

Apreciando essa phase de sua vida, escreve contemporaneo insuspeito:

«E foi mais pelos seus meritos individuaes do que pelas condições afortunadas de nascimento que o vimos figurar na Camara dos deputados, honrando, sim, o cognome que trazia, mas conquistando para o seu nome proprio o brilho que só o talento, a illustração e o trabalho podem dar.»

Deixando o ministerio, entregou-se á advocacia e á lavoura, tendo-se casado com a Sra. D. Alice Clemente Pinto, filha do então visconde de S. Clemente, de cujo enlace teve cinco filhos.

Parlamentar correcto, tinha a eloquencia facil, elegante e imaginosa que parece um dom peculiar aos oradores bahianos.

A esses dotes naturaes, reunia vasta illustração sociologica e cultivo litterario, que serviam admiravelmente para o tornar um discutidor habil e feliz—do que deixou provas nas paginas dos *Annaes do Parlamento*.

Entre ellas sobreleva mencionar as relativas ás questões de instrucção publica e á lucta que sustentou contra Ferreira Vianna por causa do credito necessario para as despesas das commissões encarregadas de observar a passagem de Venus.

Outra brilhante pagina parlamentar é a sua

(*) *Correio da Manhã*, Set. de 1901.

dando direito a ser tido como um dos nossos mais correctos e eruditos periodistas. (*)

Ao lado de Leão Velloso e de Ruy Barbosa, Rodolpho Dantas figurava com fulgor, e assim se manteve até 1879, quando, pela ascensão dos liberaes ao governo, foi eleito deputado geral.

A sua carreira na parlamento foi rapida e brilhante, e fez parte do gabinete de 21 de Janeiro de 1882, organizado pelo Cons. Martinho Campos, occupando a pasta do Imperio.

Apreciando essa phase de sua vida, escreve contemporaneo insuspeito:

«E foi mais pelos seus meritos individuaes do que pelas condições afortunadas de nascimento que o vimos figurar na Camara dos deputados, honrando, sim, o cognome que trazia, mas conquistando para o seu nome proprio o brilho que só o talento, a illustração e o trabalho podem dar.»

Deixando o ministerio, entregou-se á advocacia e á lavoura, tendo-se casado com a Sra. D. Alice Clemente Pinto, filha do então visconde de S. Clemente, de cujo enlace teve cinco filhos.

Parlamentar correcto, tinha a eloquencia facil, elegante e imaginosa que parece um dom peculiar aos oradores bahianos.

A esses dotes naturaes, reunia vasta illustração sociologica e cultivo litterario, que serviam admiravelmente para o tornar um discutidor habil e feliz—do que deixou provas nas paginas dos *Annaes do Parlamento*.

Entre ellas sobreleva mencionar as relativas ás questões de instrucção publica e á lucta que sustentou contra Ferreira Vianna por causa do credito necessario para as despesas das commissões encarregadas de observar a passagem de Venus.

Outra brilhante pagina parlamentar é a sua

(*) *Correio da Manhã*, Set. de 1901.

ITALIA

Revista Franco-Italiana e do Mundo Latino	Napoles
Società Geografica Italiana	Roma

SUISSA

Société de Géographie de Ge- neve (Le Goble)	Geneve
Société Neuchateloise de Geo- graphie	Neuchatel

FRANÇA

Société de Ethnographie	Paris
Société de Géographie de Paris (La Géographie)	"
Société de Géographie Com- merciale	"
Société de Géographie Commer- ciale du Havre	Havre
Société de Géographie Commer- ciale de Bordeaux	Bordeaux
Société de Géographie Commer- ciale de Marseille	Marseille

BELGICA

Société Royale Belge de Geo- graphie	Bruxellas
Société Royale de Géographie d'Anvers	Anvers

INGLATERRA

Royal Geographical Society	Londres
--------------------------------------	---------

SUECIA

Academia de Bellas Lettras, Historia e das Antiguidades de Stockolmo	Stockolmo
--	-----------

244

ASIA

INDIA PORTUGUEZA

Commissão Archeologica da India
Portugueza (O Oriente Por-
tuguez)

Nova Goa

SUMMARIO DO N. 30

	PAGES
Memoria Historica sobre a proclamação da republica na Bahia, pelo socio Dr. Bras do Amaral	3
Discurso do Cons. Antonio Carneiro da Rocha, presidente do Instituto, na sessão anniversaria de 3 de Maio de 1904	61
O Padre Dr. Julio Maria. Discurso do Cons. Filinto Bastos na sessão de 21 de Junho de 1903	69
O primeiro bispo do Brazil. Memoria Historica pelo Dr. Moreira de Azevedo	83
Geologia da Bahia. Notas sobre a geologia ao longo da estrada de ferro Bahia e Minas, pelo socio Dr. John C. Branner	93
Pagina de historia. O Campo Grande da Bahia, sua origem, divida de honra, pelo socio Eng. Sílio Boccaneto Junior	111
A antiga ponte de Cachoeira, pelo Cons. João Torres	121
Um veterano da independencia. Padre Frei José Maria Brayner (O padre dos couros), pelo Dr. Innocencio Góes	135
Lavras Diamantinas. Relatório apresentado ao Secretario da Agricultura da Bahia, pelo socio Dr. Orville Darby	143
Actas das Sessões e Offerias em 1903	155
Actas das Sessões e Offerias em 1904	165
BAHIANOS ILLUSTRES :	
Conselheiro Rodolpho Dantas	219
Dr. Francisco de Castro	222
Dr. Pires Caldas	224
Barão de Pereira Franco	225
Conselheiro Leão Velloso	230
Almirante Custodio de Mello	232
Dr. Adolpho Tourinho	234
Frei Joaquim do Espirito Santo	235
Instituições em Correspondencia	237

